



UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA

INSTITUTO DE ESTUDOS POLÍTICOS

Sobre a Relação entre Personalidade e Tendência de Voto em Portugal

Dissertação de Mestrado em
Ciência Política e Relações Internacionais
Ano Lectivo 2024/2025

Discente

Sebastião Dâmaso de Andrade, 100523025

Orientadora

Professora Doutora Cristina Sá Carvalho

Agosto de 2025
Lisboa, Portugal

I. Agradecimentos

À Professora Doutora Cristina Sá Carvalho, pela cumplicidade e pela confiança que sempre depositou em mim, mas sobretudo, pela inspiração que representou ao longo deste percurso. A forma como conseguiu abrir caminho para a Psicologia Política dentro do IEP é inspiradora. O espírito pioneiro que sempre transmitiu tornou-se fundamental não apenas para a qualidade desta Dissertação, mas para a minha própria motivação. Assistir de perto ao impacto real que o seu trabalho teve dentro da comunidade académica e especialmente junto dos alunos foi, para mim, a melhor prova do valor da aposta desta área, que tenho a certeza que crescerá muito nas mãos da Professora.

Ao Dr. João António e ao CESOP um agradecimento especial, cuja colaboração foi determinante para o desenvolvimento desta investigação. A clareza e paciência com que o Dr. João António transmitiu os seus conhecimentos estatísticos e o rigor metodológico que partilhou foram essenciais para a robustez deste estudo. Tive a sorte de aprender imensamente com a sua experiência.

À Professora Doutora Ivone Moreira, por ter acreditado neste projecto mesmo perante as suas dúvidas iniciais e por me ter desafiado a ir mais longe em cada etapa. O seu voto de confiança e ter-me apresentado à Orientadora desta Dissertação, foi determinante para que este trabalho pudesse alcançar o rigor que se exigia.

Ao ISPA – Instituto Universitário de Ciências Psicológicas, Sociais e da Vida, a minha *alma mater*, onde iniciei o meu percurso académico e construí as bases do meu interesse pela Psicologia. Ao Instituto de Estudos Políticos da Universidade Católica Portuguesa, a minha nova *alma mater*, pela forma calorosa com que me recebeu e pela oportunidade de aprofundar e alargar horizontes, permitindo-me ligar a Psicologia à Ciência Política num contexto exigente.

A todos os amigos e colegas que tiveram a paciência de me aturar enquanto pedia, vezes sem conta, ajuda para encontrar participantes – esse apoio incansável fez toda a diferença para que este estudo se tornasse possível – bem como a todos os que aceitaram participar neste estudo, disponibilizando o seu tempo e atenção para tornar esta investigação possível.

Aos meus pais – a quem devo tudo.

II. Índice

1. INTRODUÇÃO.....	5
2. ENQUADRAMENTO TEÓRICO.....	8
2.1. O ESTUDO DA PERSONALIDADE.....	9
2.1.1. <i>O Estudo da Personalidade através do Big Five</i>	16
2.2. O ESTUDO DA IDEOLOGIA POLÍTICA	18
3. OBJECTIVO DO ESTUDO E HIPÓTESES	21
3.1. OBJECTIVO DO ESTUDO.....	21
3.2. HIPÓTESE PRINCIPAL.....	22
3.3. HIPÓTESES SECUNDÁRIAS	22
4. METODOLOGIA.....	24
4.1. PROCEDIMENTOS DE AMOSTRAGEM	24
4.1.1. <i>Universo e Selecção da Amostra</i>	24
4.1.2. <i>Participantes</i>	24
4.1.3. <i>Exclusão</i>	25
4.2. ESTRUTURA E CONTEÚDOS DO QUESTIONÁRIO	26
4.2.1. <i>Identificação e Dados Sócio-demográficos</i>	26
4.2.2. <i>Medição de Personalidade</i>	26
4.2.3. <i>Medição de Atitudes Políticas</i>	27
4.2.4. <i>Orientação e Comportamento Político</i>	28
4.2.5 <i>Modelo Integrado de Personalidade e Atitudes Políticas</i>	28
5. RESULTADOS.....	31
5.1. ESTATÍSTICAS DESCRITIVAS.....	31
5.2. CORRELAÇÕES ENTRE PERSONALIDADE E ORIENTAÇÃO IDEOLÓGICA	32
5.3. PERFIS MÉDIOS DOS ELEITORES	38
6. DISCUSSÃO.....	41
6.1. DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	41
6.1.1. <i>Resultados Confirmados</i>	41
6.1.2. <i>Resultados Contrainstintivos</i>	43
6.3. PONTOS FORTES	46
6.3.1. <i>Aplicação num Contexto Nacional Negligenciado</i>	46
6.3.2. <i>Integração de Níveis de Análise Multidimensionais</i>	46
6.4. LIMITAÇÕES DO ESTUDO	48
6.4.1. <i>Limitações da amostra</i>	49
6.4.2. <i>Limitações Conceptuais e Psicométricas</i>	49
6.4.3. <i>Limitações de Medida das Atitudes Políticas</i>	50
6.4.4. <i>Limitações Metodológicas</i>	51
6.4.5. <i>Viéses do Estudo</i>	52
7. CONCLUSÃO.....	53
7.1. PRINCIPAIS CONCLUSÕES	53
7.2. CONTRIBUTOS TEÓRICOS	55
7.2.1. <i>Psicologia Política</i>	55
7.2.2. <i>Validação de Hipóteses da Literatura Internacional em Contexto Português</i>	56
7.3. RECOMENDAÇÕES PARA FUTUROS DE ESTUDOS	57
7.3.1. <i>Utilização de Modelos de Personalidade mais Robustos</i>	57
7.3.2 <i>Integração com Modelos Morais</i>	58
7.3.3. <i>Desenvolvimento de Instrumentos Adaptados ao Contexto Português</i>	59
7.3.4. <i>Consideração de Variáveis Contextuais e Identitárias</i>	59
7.3.5. <i>Realização de Estudos Longitudinais e Experimentais</i>	60

8. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	62
9. ANEXOS	70
9.1. TABELAS	70
9.1.1. Tabelas Descritivas	70
9.1.2. Tabelas de Análises Factoriais Exploratórias	73
9.1.3. Tabelas de Consistência Interna	75
9.1.4. Tabelas de Correlações	78
9.1.5. Tabelas de Regressões Lineares Múltiplas	81
9.1.6. Tabelas de Médias Partidárias	82
9.1.7. Tabelas de ANOVAS	86
9.2. QUESTIONÁRIO INTEGRADO DE AVALIAÇÃO DE PERSONALIDADE E ATITUDES POLÍTICAS	91
9.3. COTAÇÃO DO QUESTIONÁRIO INTEGRADO	94

1. Introdução

A diversidade da natureza humana e a sua relação com as estruturas governamentais demonstra ter sido ao longo dos séculos um factor de interesse para filósofos e cientistas políticos. Platão já sustentava que os Estados são como os Homens, e que nascem do seu carácter (Platão, ca. 380 a.C./2001, p.363¹) destacando que as personalidades dos cidadãos influenciam directamente as estruturas políticas. Séculos mais tarde, Montesquieu enfatizou que as leis de uma nação deveriam ser adaptadas às inclinações dos seus cidadãos (Montesquieu, 1748/1919, p.51) reconhecendo que a diversidade de personalidades e culturas são determinantes na adequação das leis e das formas de governar e Paine reforça esta ideia dizendo que a sociedade surge das necessidades das pessoas e o governo pela sua maldade (Paine, 1776/2022, p.7) indicando que as características humanas condicionam o funcionamento dos governos. Madison postula que «se os Homens fossem anjos, não seriam necessários governos» (Madison, 1788/2011, p.469) estando presente uma noção de que é a nossa personalidade que torna indispensável a que existam estruturas de governo para assegurar a estabilidade. Finalmente, Mill ao dizer que o valor de um Estado depende do valor dos indivíduos que o compõem (Mill, 1859/2011, p.101), enfatiza que a qualidade do governo depende do carácter dos cidadãos.

O reconhecimento de que características da personalidade humana influenciam visões políticas consta nas tradições filosóficas ocidentais (Sibley et al., 2012, p.644). A personalidade assume actualmente um papel cada vez mais relevante em vários domínios científicos, uma vez que é através deste conhecimento que podemos melhor compreender comportamentos e atitudes específicas de cada indivíduo (Funder, 2016, p.5). É em perceber os antecedentes desta variância de comportamentos observável nas diferentes formas que assume a interação dos indivíduos com o mundo externo, que se foca o estudo da personalidade (Mondak & Halperin, 2008, p.335). Como a Ciência Política procura identificar os antecedentes das atitudes e dos comportamentos políticos dos cidadãos, seria singular que as Ciências da Política ainda não tivessem olhado para a personalidade como um modelo de análise válido para a sua compreensão. Assim, a Psicologia da Política, entre outras questões de interesse, intervém precisamente neste enquadramento. Uma das suas áreas de investigação tem procurado mostrar que as

¹ Nota: Embora esta Dissertação utilize o estilo de referência APA (7ª edição), seguiu-se o critério do Instituto de Estudos Políticos de incluir em todas as citações a página exacta da obra consultada. Esta adaptação visa facilitar a localização imediata da passagem referida, dispensando a leitura integral da obra e assegurando maior rigor na verificação das fontes.

estruturas políticas ou, pelo menos, as escolhas e as atitudes políticas dos indivíduos, são directamente moldadas pelas personalidades das pessoas (Winter, 2013, p.423). Como se trata de um domínio científico relativamente recente, verificamos que têm surgido vários desafios quanto à incorporação deste conhecimento na área mais abrangente da Ciência Política, em grande parte derivados da resistência quanto à utilização da variável personalidade no contexto dos estudos de Ciência Política, provavelmente devido à falta de orientação do ramo da Psicologia até recentemente, por também a Psicologia só nas últimas décadas se ter orientado para o objecto “política” (Mondak & Halperin, 2008, pp.338).

Os traços de personalidade – definidos como as tendências disposicionais (inclinações internas do indivíduo para pensar, sentir e agir) de ordem ampla (não se trata de um comportamento específico, mas de uma característica geral) – influenciam a forma como um indivíduo vê o mundo (McCrae & Costa, 1999, p.140). É devido ao facto destes traços exercerem influência no modo como os indivíduos agem, que a personalidade pode ser considerada um factor causal na análise de como se comportam e se identificam politicamente (Mondak et al., 2010, p.90).

McCrae e Costa em 1999 (p.144) afirmam que os traços de personalidade são dimensões de diferenças individuais que demonstram tendências, que estas são consistentes ao longo da vida adulta, ao nível tanto dos padrões de pensamento como da acção.

Um ponto de partida útil e funcional para o estudo da personalidade consiste na utilização de um Inventário de Personalidade, que se define como um instrumento estruturado e amplamente validado que solicita aos indivíduos que avaliem a frequência ou intensidade de comportamentos, pensamentos e sentimentos, permitindo a medição de traços relativamente estáveis (Funder, 2012, pp.142-143). De entre os vários inventários disponíveis, como o *California Q-Sort* (Q-Sort), ou o *Sixteen Personality Factor Questionnaire* (16PF), o *NEO Personality Inventory Revised* (NEO PI-R), habitualmente designado por *Big Five* devido a ter sumarizado todos os traços de personalidade humana a cinco grandes traços de personalidade gerais – daí se categorizar como um *Five-Factor Model* (FFM) – cujos cinco traços dominantes identifica abertura à experiência; conscienciosidade; extroversão; amabilidade; e neuroticismo – o *Big Five* tem demonstrado consistentemente e estavelmente pela literatura internacional que captura estas dimensões psicológicas (Caspi et al., 2005, p.455). Em psicometria, a validade refere-se à capacidade de o instrumento medir aquilo que se propõe medir — neste caso,

traços amplos e relativamente estáveis de personalidade. O modelo *Big Five* apresenta forte validade de constructo, comprovada por inúmeros estudos factoriais que replicam consistentemente os cinco grandes traços em diferentes culturas e línguas (McCrae & Costa, 1999, pp.139). Além disso, possui validade preditiva, uma vez que estas dimensões permitem antecipar comportamentos relevantes em domínios diversos, como desempenho académico e profissional, bem-estar psicológico ou atitudes políticas (John et al., 2008, p.142). Também demonstra validade convergente e discriminante, evidenciada pelas correlações adequadas com outros instrumentos de medição de personalidade e pela capacidade de distinguir traços diferentes. Estas características tornam os inventários baseados no *Big Five* não apenas robustos do ponto de vista científico, mas também compreensíveis e úteis para profissionais fora da psicologia, permitindo que os seus resultados sejam interpretados de forma comparável entre estudos, tornando o modelo *Big Five* num referencial comum. Alguns autores consideram, face ao número de estudos e à qualidade dos resultados, que os psicólogos políticos que estudam personalidade e utilizam instrumentos da personalidade sem os situar no contexto do modelo *Big Five*, podem ser comparados a geógrafos que relatam descobertas de novos territórios, mas sem os identificar num mapa que seja acessível aos outros (Ozer & Reise, 1994, p.361). É especialmente devido à sua maleabilidade que este modelo tem vindo a ser amplamente utilizado na comunidade científica, visto que é aplicável em vários contextos (Rodrigues & Gomes, 2022, p. 164).

No seguimento do explicado, o nosso estudo parte da hipótese de que os traços de personalidade, especificamente os que são identificados através da aplicação do modelo *Big Five*, estão significativamente associados a diferentes formas de posicionamento político-ideológico e comportamento de voto da população portuguesa. Considerando a escassez de estudos no contexto português, pretende-se analisar empiricamente se esses traços influenciam a escolha eleitoral dos cidadãos, à semelhança do que tem sido identificado noutros países europeus com regimes políticos multipartidários. Logo, a sua pergunta de investigação é: de que forma os traços de personalidade do modelo *Big Five* influenciam a orientação ideológica e o comportamento de voto dos eleitores portugueses? Em segundo lugar, este estudo quer compreender que traços de personalidade do modelo *Big Five* são mais relevantes na predição do comportamento de voto dos eleitores portugueses. A maior parte dos estudos realizados sobre este efeito ocorreram em países bipartidários como os Estados Unidos da América e o Reino Unido. Apesar de Sibley et al. em 2012 (p.665) já terem demonstrado que a personalidade está

associada com a ideologia política estavelmente em vários contextos políticos – como na Alemanha, Bélgica, Itália, Polónia e Suécia, outros estudos demonstram que a diferença de contexto político modera esta relação (Sibley et al., 2012, p.673; Caprara et al., 2009, p.91). Pretende-se contribuir para resolver esta lacuna na literatura no contexto político português, marcado pela sua cultura política própria, caracterizada por um sistema multipartidário complexo e especificidades sociais únicas. A Psicologia Política tem vindo a demonstrar a importância destes traços para explicar comportamento eleitoral (Schoen & Schumann, 2007, p.471), portanto tem ainda como objectivo final gerar conhecimento que possa ser utilizado tanto pela Ciência política, como pela Psicologia Política em Portugal, abrindo caminho para futuras investigações e contribuindo para o desenvolvimento de modelos mais culturalmente adaptados sobre a relação entre a personalidade e o comportamento eleitoral.

2. Enquadramento Teórico

A intersecção entre Ciência Política e Psicologia, é crucial para uma compreensão mais abrangente e precisa dos fenómenos políticos. Tradicionalmente, a Ciência Política aborda a análise dos comportamentos políticos de uma perspectiva *top-down*, a partir de estruturas institucionais e de processos colectivos, tendendo para colocar de parte processos *bottom-up*, isto é, as dinâmicas psicológicas individuais que influenciam directamente o processo de decisão política (Thorisdottir et al., 2009, p.14). Esse entendimento justifica a presente pesquisa, que procura criar uma ponte entre estas duas áreas.

O estudo do comportamento político só pode ganhar com a inclusão de modelos psicológicos (Gerber et al., 2011a, p.704) e é importante que haja acompanhamento do campo da Psicologia, acompanhamento que só começou a surgir recentemente (Mondak & Halperin, 2008, p.336). Através da interdisciplinaridade, não só a Ciência Política, como a própria Psicologia, acabam por beneficiar quando modelos psicológicos contribuem para aprofundar pesquisa que vai além das fronteiras disciplinares. Entender como os cidadãos interagem com o mundo político e compreender a variedade e origem dos seus comportamentos é um objectivo central dos estudos sobre comportamento político (Mondak & Halperin, 2008, p.360). Um dos factores que permite a análise desse comportamento é a personalidade dos indivíduos, sendo um dos axiomas da Psicologia Política que as estruturas e acções políticas são moldadas pela personalidade dos indivíduos (Winter, 2003, p.423), tal como acontece com o comportamento decisional em

geral, o processo pelo qual os sujeitos tomam decisões através da avaliação de alternativas, a consideração de variáveis relevantes e a escolha de uma opção/solução (Janis & Mann, 1977, p.141-142).

Os psicólogos políticos já conseguiram comprovar como diferenças na personalidade dos indivíduos influenciam as suas ideologias e tendências de voto (Jost et al., 2009, p.103) e em como o modelo de avaliação de personalidade *Big Five* contribui para perceber como os cidadãos interagem nos seus ambientes políticos. Até ao século passado, o desinteresse pela personalidade como variável política justificou-se pelo facto de a investigação psicológica sobre a personalidade não ter, à data, desenvolvido classificações concisas que fossem aplicáveis ao estudo da Política. É mais recentemente com o surgimento de modelos dos cinco factores, FFM's (*five factor models*), como o modelo *Big Five*, que esta área é impulsionada (Mondak & Halperin, 2008, p.335). A importância crescente da personalidade vem com o reconhecimento que é através da mesma que se torna possível identificar padrões de comportamento e atitudes que tornam cada indivíduo único (Funder, 2012, p.xxvi).

2.1. O Estudo da Personalidade

Clyde Kluckhohn e Henry Murray em 1961 disseram que todo o Homem é, em certos aspectos, como: todos os outros Homens; como alguns outros Homens; e como nenhum outro Homem (Funder, 2012, p.108). Esta frase encapsula de forma brilhante a complexidade da natureza humana e a dicotomia entre universalidade e singularidade no nosso *self*. As pessoas são diferentes, até gémeos homozigóticos têm diferentes maneiras de pensar e agir. Logo temos de estudar estas diferenças e como elas se traduzem em comportamento.

A definição de personalidade, atendendo à sua complexidade intrínseca e papel no comportamento e experiências internas dos sujeitos, tem sido complexa e complementada pelas perspectivas de escolas diversas. Sigmund Freud em 1923 definiu personalidade como as forças psicológicas inconscientes (Id, Ego e Superego) que afectam o pensamento e o comportamento humano (Stangor & Walinga, 2014, pp.543-544). Uma definição global de personalidade é dada por David Funder em 2012 (p.5) em que nos diz que a personalidade se refere aos padrões de pensamento, emoção e de comportamento característicos de um indivíduo, bem como os mecanismos psicológicos – escondidos, ou não – por de trás desses padrões.

Outra definição importante é a de Caprara e Cervone em 2000 (p.4), sendo que os investigadores são relevantes no estudo do papel da personalidade nas tendências políticas, especificamente em contexto europeu, os quais a definem como um conjunto de sistemas autorregulatórios que surgem e evoluem ao longo da vida permitindo adaptações pessoais constantes. Esses sistemas internos orientam os processos cognitivos, afectivos e motivacionais e direccionam os indivíduos para atingirem os seus objectivos pessoais e colectivos, garantindo também a coerência e continuidade dos padrões comportamentais em contextos diferentes e contribuindo para a criação, manutenção e fortalecimento da identidade pessoal.

É importante frisar também, para melhor entender o conceito de personalidade, que valores e traços de personalidade são dois conceitos diferentes. Enquanto os traços de personalidade são dimensões das diferenças individuais que indicam padrões estáveis de pensamento, sentimento e comportamento (McCrae & Costa, 1990, p.23), ou seja, disposições duradouras que descrevem como as pessoas são, os valores são representações cognitivas de objectivos desejáveis e abstractos que orientam as pessoas nas suas vidas, funcionando como bússola (Schwartz, 1992, pp.3-4), ou seja, os valores são objectivos que descrevem o que as pessoas consideram importante.

Em suma, a personalidade pode ser entendida como um sistema interno complexo que orienta e influencia directamente o comportamento individual, sendo estável ao longo da vida e manifestando-se de forma coerente em diferentes contextos. Logo, traços de personalidade têm influência em determinar a forma como a pessoa interpreta o mundo (McCrae & Costa, 1990, p.24). Quando conhecemos uma pessoa, tendemos a avaliá-la mais positivamente se a percebemos como semelhante a nós próprios (Byrne et al., 1971, p.137). Isto é relevante no contexto da Ciência Política porque avaliar políticos constitui também um caso de avaliação interpessoal. Isto quer dizer que os traços de personalidade também funcionam como critérios utilizados pelos eleitores para avaliar políticos, ou seja, os eleitores tendem a preferir partidos representados por políticos com características pessoais com as quais se identificam (Caprara & Zimbardo., 2003, p.855). Isto é uma das situações onde o estudo dos traços de personalidade é útil para a Ciência Política.

Porém, como é que se estuda algo que não se vê? Edward Lee Thorndike disse em 1992 que se algo existe, esse algo existe em alguma quantidade e se algo existe em alguma quantidade, esse algo pode ser mensurável (Funder, 2012, p.139). De certa maneira, nós conseguimos avaliar intuitivamente se uma pessoa tem maior abertura à experiência que outra, ou se é mais ou menos extrovertida – não precisamos de ser psicólogos para isso,

mas como é que o fazemos cientificamente. A ideia de personalidade corresponde a um constructo, algo que não pode ser visto ou tocado directamente, mas que pode ser estavelmente inferido, ajudando a explicar elementos que são observados. Do mesmo modo que, por exemplo, a gravidade é um constructo, a inteligência também o é. A abertura à experiência é invisível, mas pode ser observada em múltiplos comportamentos visíveis, como uma pessoa que demonstra grande curiosidade intelectual, é bastante criativa, não tem medo de aderir a situações novas. O facto de uma pessoa com abertura à experiência poder ter estes múltiplos comportamentos que se correlacionam entre si, leva a que seja inferida a mesma causa para essas manifestações de comportamentos – a pessoa ter esse traço (Funder, 2012, p.70).

A avaliação de traços de personalidade tem como premissa, pois, que os traços de personalidade existem e são mensuráveis; estes traços variam entre indivíduos; as causas do comportamento humano estão assentes em estruturas internas ao indivíduo entendidas como organizações relativamente estáveis de traços e mecanismos psicológicos que orientam o modo como o indivíduo pensa, sente e se comporta; e que as pessoas podem-se perceber a si mesmas e aos outros (Caprara & Cervone, 2000 (p.11-12)).

Dito isto, é importante mencionar que não existem indicadores perfeitos de personalidade, pois não lhe podemos aceder directamente, mas existem pistas – os traços – e mesmo essas pistas são, muitas vezes, ambíguas. Porém, a ciência identificou quatro níveis de análise que nos dão acesso a essas pistas, objectivando-as de forma razoável e credível. A I-Data, que consiste nos relatos de conhecidos sobre a personalidade de um indivíduo, tem uma grande vantagem: uma pessoa que seja próxima de um indivíduo e que descreva a sua personalidade, quer se dê conta disso, ou não, baseia a sua descrição em centenas de comportamentos tidos em dezenas de contextos tanto homogéneos como diferentes. Porém, a I-Data tem uma desvantagem principal, que é o facto de o indivíduo observado ser dotado de uma vida interna privada, que não se revela em I-Data. Para além disso, também existem dois vieses (padrões de distorção cognitiva) principais: o facto de que normalmente os comportamentos de que nos lembramos nas outras pessoas, são os que sobressaem (por serem extremos ou pouco habituais), e o facto de a pessoa que está a descrever o indivíduo poder ter uma atitude positiva ou negativa face a esse indivíduo, o que enviesa a I-data;

A L-Data, por sua vez, consiste nos resultados de vida de um indivíduo, pelo que também nos pode dar pistas sobre a personalidade do indivíduo que deixou esses resultados. A principal vantagem é que a L-Data é objectiva e verificável, já que os meios

em que as pessoas se expressam revelam a sua composição psicológica, por exemplo se um quarto de um indivíduo estiver quase sempre, ou sempre, arrumado, poderá ser inferido com alguma segurança que esse indivíduo tende a ser organizado. A grande desvantagem da L-Data é que pode haver muitas causas que a expliquem, desde aleatoriedade, acidentes, classe social;

A B-Data consiste em observações directas do comportamento de um indivíduo, e é bastante fidedigna, especialmente quando usada em contexto laboratorial, já que efectivamente vários aspectos da personalidade, manifestados pelos indivíduos no dia-a-dia, podem ser metodicamente manipulados (provocados) e observados por especialistas, que procurarão maior ou menor interferência, conforme os objectivos do estudo, e que os associam a um dado traço de personalidade com rigor. Por exemplo, é possível perceber o grau de sociabilidade de um indivíduo ao observá-lo num contexto em que esse traço se possa manifestar. A principal desvantagem é que as aparências conseguem ser ambíguas e é impossível ter a certeza do significado de determinado comportamento. Além disso, à experiência laboratorial é devida o seu próprio grau de interferência, pelo que muitos estudos procuram dados recolhidos através de uma observação naturalista (registo de imagens da vida real, por exemplo), com as suas limitações técnicas e éticas;

Por fim, a S-Data consiste em auto-relatos do sujeito sobre a sua própria personalidade e tem como principal vantagem algo que não conseguimos em nenhum dos outros níveis de análise, que é o acesso ao mundo interno do sujeito, procurando ter acesso directo aos seus pensamentos, sentimentos e intenções, um processo também classicamente designado como introspecção, e que pode ser livre ou provocada (neste caso oferecendo ao sujeito estímulos planeados, quer sejam conscientemente percebidos por este ou não). Nesse acesso há partes que são verdadeiras por inerência, porque são aspectos da auto-percepção do indivíduo. Se um indivíduo se vê como extrovertido, poderá ter razão sendo essa a sua percepção de si próprio. É o efeito de auto-verificação, se um indivíduo se vê como extrovertido, simpático e acessível, é provável que coloque esforço extra para que seja percebido pelos outros dessa maneira. Ou seja, a S-Data é importante porque a maneira em como nós nos percebemos não só reflecte aquilo que nós pensamos de nós, mas também é uma das causas/variáveis do nosso comportamento. Naturalmente, a principal desvantagem da S-Data parte da sua grande vantagem, o mundo interno do sujeito só se traduz para S-Data se o sujeito estiver disposto a revelar-se, já que é bastante provável que não se sinta confortável com certos aspectos da sua personalidade e se for esse o caso isso

naturalmente que envies a o seu auto-relato. O indivíduo também pode querer revelar-se e simplesmente não se lembrar do seu comportamento, ou, por exemplo, uma pessoa muito resistente pode-se auto-percepcionar como frágil por só se lembrar da vez em que mostrou fraqueza, pois se sentiu fortemente impactada por esse acontecimento que pode ter sido único (no tempo e/ou na intensidade e/ou na auto-percepção), comprometendo também a S-Data (Funder, 2012, pp.23-53).

A S-Data é o nível de análise mais utilizado para medir a personalidade e também o que o nosso estudo resolveu utilizar. Conhecendo os seus níveis de análise, importa também referir os diferentes quadros de abordagem à personalidade: a abordagem biológica interpreta a personalidade à luz da neuroanatomia e da evolução; a abordagem psicanalítica baseia-se na mente inconsciente e no conflito interno; a abordagem cognitiva aproxima-se das teorias behavioristas pelo seu interesse nos mecanismos de aprendizagem; e a abordagem dos traços, a nossa escolha, que se foca na conceptualização das diferenças individuais e na sua medição (Funder, 2012, p.6). É uma abordagem que desenvolveu métodos complexos e estatisticamente significativos para medir em que é que as pessoas diferem, e no quanto diferem num traço específico face às outras pessoas. Porque, como já vimos a referir, apesar de a personalidade ser «invisível», pode ser avaliada empiricamente através de métodos e instrumentos específicos, os quais têm sido objecto de aperfeiçoamento constante, ao longo do tempo, seguindo etapas claras: a recolha de itens, ou seja, criam-se várias questões formuladas de diferentes maneiras para captar a mesma característica subjacente – por exemplo, itens que abordam comportamentos do dia-a-dia, preferências ou reacções emocionais relacionadas com o traço que se pretende medir (é através desta diversidade de formulações que se garante que o instrumento não avalia apenas uma situação específica, mas sim uma tendência mais ampla e consistente do indivíduo). A utilização de múltiplos itens para cada traço também permite verificar a consistência interna do inventário e reduzir enviesamentos que poderiam ocorrer se as perguntas fossem demasiado directas ou limitadas a um contexto particular; de seguida os resultados obtidos através dos itens são analisados para identificar grupos de comparação, ou seja, padrões de respostas que permitem distinguir indivíduos ou perfis semelhantes entre si. Estes grupos podem ser definidos com base em características demográficas (como idade, género ou contexto sociocultural), permitindo que o teste seja interpretado de forma contextualizada. Essa comparação é fundamental para que os resultados individuais ganhem significado, por exemplo, perceber se uma

pontuação elevada em Conscienciosidade é típica do perfil populacional ou se representa uma característica distinta em relação ao grupo de referência (Funder, 2012, p.158).

Por exemplo, se queremos criar um teste para avaliar os traços de conscienciosidade em políticos, é preciso haver um grupo desses políticos conhecidos pela sua disciplina, rigor ético e cumprimento de compromissos, para comparação com outro grupo distinto de políticos envolvidos em escândalos ou incumprimentos éticos frequentes; após isso são administrados os testes aos grupos de comparação; comparamos as respostas e determinamos quais itens são respondidos de forma diferenciada por grupo, logo itens respondidos consistentemente de maneira específica por determinado grupo passam a integrar uma escala que caracteriza esse grupo; por fim fazemos validação cruzada, testando a escala em novos participantes para verificarmos se as respostas podem prever correctamente a categoria ou comportamento do indivíduo – se isso acontecer, a escala é considerada válida. Este método é especialmente valorizado, porque dificulta que os indivíduos manipulem conscientemente os resultados do teste, visto que não há uma relação evidente entre as respostas e o resultado desejado. Assim, a avaliação empírica de personalidade transforma algo invisível, numa medida concreta e útil para fins práticos (como a identificação de perfis profissionais) e científicos.

Neste processo de avaliação foram sendo desenvolvidos vários modelos teóricos para avaliar traços de personalidade, que naturalmente reflectem diferentes abordagens e objectivos dentro da psicologia. Dentro dos mais conhecidos encontramos o *Minnesota Multiphasic Personality Inventory* (MMPI), mais focado em avaliações clínicas, o *California Psychological Inventory* (CPI), orientado para avaliações clínicas sem patologias aparentes, o *Sixteen Personality Factor Questionnaire* (16PF), que avalia um conjunto específico de 16 traços de personalidade, o *Hogan Personality Inventory* (HPI), bastante utilizado no contexto organizacional para recrutamento e o *NEO Personality Inventory Revised* (NEO PI-R), que mede cinco grandes traços de personalidade gerais, acompanhados por várias subescalas detalhadas. Estes instrumentos são considerados testes abrangentes, também conhecidos como inventários *omnibus*, devido a avaliarem múltiplos traços da personalidade simultaneamente (Funder, 2012, p.143).

Também foram desenvolvidos testes projectivos, que têm como premissa que ao se pedir a um indivíduo para interpretar um estímulo ambíguo – como uma mancha de tinta – a sua resposta não poderá vir do estímulo, visto que não significa nada, mas sim de uma projecção de sentimentos, necessidades e experiências (Funder, 2012, p.50). Dentro deste grupo encontramos, por exemplo, o Protocolo *Rorschach* (RCH) e o

Thematic Apperception Test (TAT), cujas múltiplas adaptações a novas amostras e um uso recorrente na clínica, são considerados muito fiáveis se aplicados por um cientista devidamente treinado.

Embora ninguém tenha contabilizado exactamente quantos testes existem, é seguro afirmar que já ultrapassam os milhares, com novos instrumentos a surgir regularmente (Funder, 2012, p.143). No estudo da personalidade e no contexto da Psicologia Política, os modelos de personalidade que têm ganho maior relevância são os *Five Factor Models* (FFM's) em que estão incluídos testes como o já mencionado NEO PI-R, o *Big Five Inventory* (BFI), o *Ten-Item Personality Inventory* (TIPI) e o HEXACO. Tem sido argumentado que os modelos FFM possuem uma amplitude significativa, com a possibilidade de conseguir captar a maior parte das diferenças relevantes entre indivíduos ao nível da personalidade (Saucier & Ostendorf, 1999, p.614). Estes autores, consideram também que os modelos FFM, não representam todas as nuances da personalidade humana, porém representam um ponto de partida sólido para se poder explorar e compreender a personalidade. Uma das grandes vantagens deste modelo reside na sua capacidade de resumir a personalidade humana em cinco grandes dimensões (*Big Five*) amplas, como já indicámos introdutoriamente, – abertura à experiência, conscienciosidade, extroversão, amabilidade e neuroticismo – facilitando uma aplicação simples, prática e transversal.

Testes como o MMPI, ou o CPI, embora uteis em contextos específicos como o da prática clínica, são menos apropriados para investigações políticas, por serem mais focados em patologias. Já face ao 16PF, os FFM ganham na sua simplicidade, já que o 16PF propõe 16 traços de personalidade, o que resulta numa maior complexidade interpretativa e dificuldades na aplicação prática dos resultados em contextos políticos mais amplos, requerendo uma aplicação por especialistas.

Dentro dos FFM, o teste que tem sido mais amplamente utilizado é o NEO PI-R. Em comparação com o BFI e com o TIPI, que são versões reduzidas, o NEO PI-R é mais completo. O HEXACO é um teste mais recente que inclui uma sexta dimensão, a honestidade-humildade, e existem vários estudos que demonstram as suas vantagens sobre outros FFM's, nomeadamente resultados mais claros e distinguidos em traços como a amabilidade e maior nível de variância, ou seja, maior capacidade do modelo HEXACO de captar diferenças individuais mais amplas e diversificadas entre as pessoas, significando que o HEXACO apresenta uma maior sensibilidade para distinguir perfis de personalidade, permitindo observar nuances que podem não ser tão evidentes em outros

modelos de cinco factores (Ahstun & Lee, 2020, pp.3-4). Porém, o modelo NEO PI-R já com décadas de validação empírica robusta, tem uma solidez que o mais recente HEXACO não tem. Outra limitação seria a comparabilidade dos estudos, já que sendo o NEO PI-R o modelo predominante na área já com um volume de literatura acumulado que permite comparações e meta-análises, a adopção do HEXACO limitaria a possibilidade de integração de resultados com estudos anteriores.

2.1.1. O Estudo da Personalidade através do *Big Five*

Os modelos FFM, são baseados na abordagem lexical, que parte do pressuposto de que as diferenças da personalidade humana, são reflectidas na linguagem do dia-a-dia – especialmente nos adjectivos – e que as pessoas são capazes de reconhecer e descrever essas diferenças com precisão (Mondak & Halperin, 2008, p.341). Isto quer dizer que os traços de personalidade que compõem os FFM podem ser reconhecidos através de autoavaliações, em que os indivíduos indicam em que medida possuem determinadas características. Outra principal vantagem do NEO PI-R é que a sua captura de traços de personalidade é robusta e tem elevada replicabilidade em diversos contextos (John et al., 2008, pp.121), já múltiplos estudos revelaram que os traços *Big Five* capturam características psicológicas que são estáveis, que se estabelecem no princípio da vida e que permanecem constantes ao longo da vida (Caspi et al., 2005, p.466; McCrae & Costa, 1999, p.144).

Os cinco grandes traços podem ser definidos da seguinte forma: a abertura à experiência refere-se à originalidade, complexidade e profundidade da vida mental e da experiência mental do indivíduo. Tem como adjectivos curioso/desinteressado, criativo/não criativo; a conscienciosidade refere-se ao controlo dos impulsos segundo normas sociais, facilitando comportamentos orientados para objectivos e tarefas. Tem como adjectivos responsável/irresponsável, organizado/desorganizado, trabalhador/preguiçoso; a extroversão é uma abordagem energética para com o mundo social e material. Tem como adjectivos comunicativo/calado, sociável/reservado; a amabilidade reflecte uma atitude pró-social e cooperativa em relação aos outros, em oposição a uma postura antagonista. Tem como adjectivos acolhedor/frio, gentil/rude, amável/desagradável; o neuroticismo é a tendência para emoções negativas e instabilidade emocional, em contraste ao equilíbrio emocional. Tem como adjectivos

instável/estável, irritado/calmo, tenso/relaxado (John et al., 2008, p.126; Mondak & Halperin, 2008, p.342-347).

Estes traços de personalidade influenciam o comportamento das pessoas, portanto podem e devem ser considerados factores causais fundamentais na análise das acções e decisões políticas dos indivíduos, incluindo a sua identificação partidária (Mondak et al., 2010, p.90). Estes traços de personalidade podem ser aplicados à Ciência Política na medida que: indivíduos com maior abertura à experiência, como são mais receptivos a mudanças culturais e sociais, serão mais propensos a apoiar o multiculturalismo e a identificarem-se politicamente como liberais/progressistas (Schoen & Schumann, 2007, pp.492-493); indivíduos conscienciosos como valorizam a ordem e estabilidade, tenderão a ser mais conservadores (Aidt & Rauah, 2018, p.11; Schoen & Schumann, 2007, p.478); indivíduos mais extrovertidos, como têm uma tendência para interagirem mais com o mundo, participarão mais activamente na política, como campanhas ou manifestações (Mondak & Halperin, 2008, p.355); indivíduos com elevada amabilidade, tendo uma predisposição pró-social e cooperativa tenderão a ter uma tendência maior para políticas sociais igualitárias e a atitudes pró-democráticas (Barbaranelli et al., 2007, p.1205); e indivíduos neuróticos, estando mais sensíveis ao medo e ameaça, poderão ter uma visão mais negativa no mundo e apoiarão tendencialmente medidas de protecção social (Mondak & Halperin, 2008, p.355).

Na utilização do modelo *Big Five* no contexto político em Portugal, apesar de ainda escassa, encontrou-se dois estudos recentes que exploraram a relação entre traços de personalidade e atitudes políticas. Oliveira Pina (2022, p.4) analisou diferenças de personalidade entre militantes e simpatizantes do PCP e do Chega, encontrando perfis significativamente distintos: os apoiantes do Chega apresentaram níveis mais elevados de Conscienciosidade e mais baixos de Abertura à Experiência, ao passo que os do PCP evidenciaram maior Abertura e menor Neuroticismo; e de Soares, Silva e Moniz (2024, p.3) que exploram a relação entre atitudes populistas e os traços de personalidade dos cidadãos portugueses, utilizando o modelo dos Big Five como base analítica e cujos resultados demonstram o poder explicativo dos traços de personalidade na explicação de atitudes populistas, especialmente o traço da Conscienciosidade.

2.2. O Estudo da Ideologia Política

Percebendo a extensão em que podemos utilizar o estudo da personalidade para compreender melhor a ideologia que um indivíduo poderá ter sobre o mundo à sua volta e as suas tendências ideológicas, em função do nosso estudo, devemos ainda definir ideologia. A definição de ideologia, atendendo também à sua complexidade intrínseca, pode ser entendida como um sistema coerente de crenças e valores que serve para interpretar a realidade política e social e também orientar atitudes e comportamentos, funcionando como um mapa cognitivo que permite aos indivíduos posicionarem-se no espectro político (Freire, 2005, p.11; Jost, Federico & Napier, 2001, p.309). Uma definição bastante ampla, que provavelmente corresponde a um entendimento genérico, e acessível, de um fenómeno assaz complexo é a do dicionário da infopédia em que ideologia é definida como um «sistema de ideias, valores e princípios que definem uma determinada visão do mundo, fundamentando e orientando a forma de agir de uma pessoa ou de um grupo social».

A ideologia pode ser analisada de duas perspectivas, uma *top-down* em que os processos sociais moldam e difundem ideologias através de instituições ou estruturas sociais e uma *bottom-up* em que processos psicológicos e individuais predis põem o indivíduo a adoptar determinadas ideologias em vez de outras (Thorisdottir et al., 2009, p.14). Os indivíduos adoptam uma determinada ideologia porque esta acaba por responder às suas necessidades psicológicas, logo a ideologia acaba por servir como uma ferramenta útil para gerir o mundo social que os rodeia (Tedin, 1987, p.65).

Chris Sibley et al. em 2012 (p.664) argumentaram que os indivíduos adoptam atitudes mais progressistas ou mais conservadoras conforme estas satisfaçam as suas necessidades epistémicas, existenciais e ideológicas – necessidades associadas à personalidade. Uma posição política conservadora poderá ser entendida como um sistema de crenças que permite reduzir a incerteza do indivíduo, resistindo à mudança e legitimando o *status-quo* (Sibley et al., 2012, p.664), enquanto uma posição política progressista/liberal é um sistema de crenças que defende mudanças no *status-quo* questionando-o e promovendo uma maior igualdade social (Jost et al., 2009, p.107).

Há um entendimento generalizado entre investigadores, que a bússola ideológica que os indivíduos mais utilizam para se definir ideologicamente continua a ser o mesmo desde a revolução francesa, isto é, o eixo Esquerda/Direita, o qual é ainda central na política europeia moderna (Freire, 2006, p.359).

A ideologia de Esquerda define-se pela busca de corrigir desigualdades vistas como injustificadas, históricas ou estruturais (Luke, 2003, pp.610-611). Historicamente dividiu-se em três esquerdas: a esquerda moderada, liberal/progressista; a esquerda da luta de classes, socialista/comunista; e a esquerda pós-1960, dos movimentos identitários/ambientais (Hobsbawm, 2000, pp.96-98). A ideologia de Direita define-se pelo princípio de ordem e manutenção (Luke, S.,2003, pp.610-611) e dividiu-se em cinco direitas: a direita reaccionária, a qual defende hierarquia, ordem e rejeita o liberalismo iluminista; a direita moderada, liberal/conservadora que valoriza o governo limitado, o pragmatismo e o equilíbrio; a direita radical, nacionalista, agressiva e romântica; a extrema-direita, anti-imigração, fortemente nacionalista e, por vezes, racista; e a nova direita neoliberal, que combina mercado livre com valores sociais conservadores ou nacionalistas (Eatwell & O’Sullivan, 1989, p.69).

Importa mencionar que o eixo ideológico Esquerda/Direita é uma heurística cognitiva e simbólica que permite organizar percepções políticas, e que apesar de mutações nos conteúdos ideológicos de cada eixo, a estrutura básica esquerda igualdade/progresso e direita ordem/manutenção manteve-se reconhecível (Luke, S.,2003, P.602). A lógica binária, afinal, na nossa espécie é algo natural, todas as culturas chegaram ao uso dual de classificação e de opostos (Laponce, 1981, p.27). O problema, é que apesar do eixo Esquerda/Direita ser um facilitador e amplamente utilizado, pode obscurecer diferenças importantes, porque as atitudes económicas e sociais nem sempre se correlacionam, sendo as sociedades multipartidárias da Europa um bom exemplo disso (Van Hiel & Mervielde, 2004, pp.664-665). E vemos as consequências dessa lógica binária em Portugal, onde Baptista e Loureiro em 2018 (p.73) demonstraram que uma elevada percentagem dos inquiridos (47.25%), se autocolocou numa posição no eixo Esquerda/Direita que não corresponde à posição que as suas respostas acusam, concluindo que esta amostra apresenta dificuldades em compreender e em se orientar neste eixo. Magalhães em 2022 (p.1), também chamou a atenção de que no voto em Portugal há outras variáveis relevantes que têm de ser tidas em conta. É precisamente por haver uma percentagem significativa de indivíduos que se posicionam neste eixo com base em identidades partidárias, mais do que em valores ou atitudes substantivas (Freire, 2005, p.12), que a utilização exclusiva deste eixo pode levar a interpretações contra-intuitivas nas correlações com os traços *Big Five*. Logo, é metodologicamente mais rigoroso complementar a autocolocação no eixo Esquerda/Direita, com atitudes políticas específicas, como atitudes socioeconómicas e atitudes conservadoras ou progressistas.

Este estudo está consciente desta limitação e operacionalizou-a ao utilizar um inventário de medição de atitudes políticas baseado na escala *Right-Wing Authoritarianism* (RWA) e na escala *Wilson-Patterson Attitude Inventory*. O RWA, conceptualizado por Altemeyer em 1981, representa uma evolução das primeiras formulações do autoritarismo de Adorno, ao operacionalizar o constructo em três componentes centrais: a submissão autoritária, em que se insere a aceitação e obediência a autoridades legitimadas; a agressão autoritária, que inclui hostilidade dirigida a grupos que desafiam normas sociais; e o convencionalismo, que se refere à adesão a tradições e normas estabelecidas (Altemeyer, 1983, p.148).

Esta medida tem sido amplamente validada e utilizada tanto na Ciência Política como na Psicologia para medir atitudes autoritárias e conservadoras no domínio cultural e moral. Já o *Wilson-Patterson Attitude Inventory*, desenvolvido por Wilson e Patterson em 1968, adota uma abordagem mais descritiva e temática em que em vez de se medirem disposições psicológicas gerais, apresenta-se uma lista de tópicos socialmente controversos, como por exemplo, o aborto, a imigração, a nacionalização de indústrias, ou a pena de morte. Este método permite mapear com bastante detalhe as atitudes políticas de um indivíduo, distinguindo, por exemplo, conservadorismo moral de conservadorismo económico.

A combinação destas duas medidas oferece várias vantagens para o estudo da personalidade e da ideologia. Em primeiro lugar, permite superar a limitação unidimensional do eixo Esquerda/Direita, ao captar dimensões que frequentemente se dissociam, como o liberalismo económico versus conservadorismo cultural. Em segundo lugar, facilita a identificação de perfis ideológicos mistos em particular indivíduos que, por exemplo, são progressistas em costumes, mas economicamente liberais ou conservadores. Em terceiro lugar, tanto o RWA como o *Wilson-Patterson* fornecem uma base empírica mais rica para correlacionar traços de personalidade com atitudes políticas específicas, em vez de depender apenas de um posicionamento global no eixo Esquerda/Direita. Esta abordagem multidimensional é especialmente relevante em contextos multipartidários como o português, onde a orientação económica e a orientação cultural nem sempre se alinham de forma previsível.

No final do dia, tanto a Ciência Política como a Psicologia procuram explicar o mesmo fenómeno: as raízes e a expressão das atitudes e comportamentos políticos. Historicamente, cada disciplina abordou este desafio a partir de perspectivas distintas, a Ciência Política enfatizou as estruturas institucionais, culturais e históricas e a Psicologia

abordou as diferenças individuais e mecanismos cognitivos subjacentes. Ambas as áreas tentam abordagens diferentes para responder à mesma pergunta. Dentro da Psicologia, um ramo que também começa a ganhar relevância para responder a esta pergunta é o da neurociência. Estudos recentes de neuroimagem revelam que certas estruturas cerebrais, como a amígdala, estão associadas a atitudes políticas mais conservadoras, enquanto estruturas ligadas ao processamento de conflito e abertura cognitiva, como o córtex cingulado anterior, foram associadas a posições mais liberais (Petropoulos et al., 2024, p.1) – de mencionar que estes dados não anulam os modelos de personalidade, mas reforçam a ideia de que traços psicológicos e estruturas cerebrais podem coexistir como factores predisponentes na formação da ideologia.

Do anteriormente invocado, verificamos que só através da convergência metodológica e da multidisciplinaridade, é que conseguimos enriquecer o entendimento sobre o comportamento político dos indivíduos. Mais do que áreas isoladas, são campos complementares que, quando dialogam, oferecem uma perspectiva holística sobre o comportamento político, capaz de captar tanto a dimensão subjectiva da experiência individual, como as forças estruturais que orientam as sociedades. É precisamente nesta intersecção que este trabalho se insere, explorando como traços de personalidade influenciam a orientação ideológica e de que modo estas predisposições dialogam com os contextos políticos e culturais em que se manifestam.

3. Objectivo do Estudo e Hipóteses

3.1. Objectivo do Estudo

Numerosos estudos têm sugerido que o posicionamento político e ideológico bem como a tendência de voto das populações ocidentais em regimes multipartidários, que são as consideradas na literatura trabalhada, estão sistematicamente associados a certos traços de personalidade, detectados através da aplicação de testes adequados – nomeadamente o modelo *Big Five* – a populações adultas. Investigações realizadas na Alemanha (Schoen & Schumann, 2007, p.471), Itália (Caprara et al., 2006, pp.1-2), Bélgica (Van Hiel, Kossowska & Mervielde, 2000, pp.741-742), Espanha e Polónia (Vecchione et al., 2011, p.740) apontam para padrões consistentes que ligam certas dimensões da personalidade – especialmente a abertura à experiência, conscienciosidade e amabilidade – a diferentes posicionamentos políticos e ideológicos, sobretudo no eixo cultural (progressismo/conservadorismo) e no eixo económico (intervencionismo/liberalismo).

Assim sendo, o presente estudo procura realizar uma análise exploratória da população portuguesa, no intervalo etário entre os 18 e os 80 anos, relativamente a uma possível associação entre «traços de personalidade» e a «identificação ideológica», a qual foi operacionalizada como a propensão de votar em determinado partido, assim permitindo identificar padrões psicológicos associados às preferências sociopolíticas dos indivíduos. Estas últimas foram operacionalizadas através de três indicadores: (1) a propensão de voto em determinados partidos; (2) a autoidentificação ideológica no eixo Esquerda/Direita; e (3) uma escala *Likert* com um conjunto de afirmações sobre atitudes políticas e valores sociais, distribuídas ao longo de quatro dimensões, o Autoritarismo, o Conservadorismo Social, o Liberalismo Económico e a Religiosidade. A utilização dos traços de personalidade do modelo *Big Five* como variáveis independentes, permite-nos explorar até que ponto as dimensões, como a Abertura à Experiência, se articula com diferentes formas de expressão ideológica no contexto português.

3.2. Hipótese Principal

Os traços de personalidade do modelo *Big Five* estão significativamente associados ao posicionamento político-ideológico da população portuguesa, incluindo a tendência de voto, o alinhamento no eixo Esquerda/Direita e as atitudes face ao conservadorismo social, autoritarismo, religiosidade e liberalismo económico.

3.3. Hipóteses Secundárias

A hipótese H1: a Abertura à Experiência prediz maior progressismo político. Este traço tem sido associado a atitudes favoráveis à diversidade cultural, à mudança social e ao liberalismo cultural (Vecchione et al., 2011, pp.738-739; (Van Hiel, Kossowska & Mervielde, 2000, pp.747). Prevê-se que indivíduos com alta abertura se alinhem ideologicamente à esquerda e manifestem preferência por partidos como o Livre, BE, PS ou PAN. Esta previsão encontra suporte nos programas eleitorais mais recentes dos partidos progressistas em Portugal. O Livre enfatiza políticas de igualdade social, diversidade cultural e sustentabilidade ecológica, defendendo um modelo cooperativo e solidário (Livre, 2025). O Bloco de Esquerda prioriza justiça económica, combate às desigualdades e antirracismo, com medidas redistributivas como a taxação dos mais ricos e a protecção climática (Bloco de Esquerda, 2025). O Partido Socialista, combina crescimento económico com equilíbrio orçamental e aposta num Estado social forte e

inclusivo, na transição climática justa e na promoção de direitos sociais (Partido Socialista, 2025). Já o PAN introduz uma dimensão biocêntrica e ética, centrada no bem-estar de pessoas, de animais e da natureza, defendendo políticas de não-violência e de harmonia ecológica (PAN, 2025). Em conjunto, estes partidos representam o polo progressista e culturalmente liberal do espectro político português, alinhando-se com o traço de Abertura à Experiência descrito na hipótese H1.

A hipótese H2: a Conscienciosidade está associada a maior conservadorismo social e atitudes autoritárias. Estudos realizados na Alemanha (Schoen & Schumann, 2007, p.478) e Itália (Caprara et al., 2006, p.15) indicam que indivíduos conscienciosos tendem a valorizar estabilidade, disciplina e respeito pela autoridade. Em Portugal, espera-se que este traço se associe a maior simpatia por partidos como PSD, CDS-PP ou Chega. Esta previsão confirma-se nos programas eleitorais dos partidos com valores mais conservadores. O PSD, de matriz social-democrata, mas com forte valorização do liberalismo económico e da sociedade civil, defende o Estado de Direito, o pluralismo democrático e uma abordagem moderada, promovendo justiça social e coesão nacional a partir de uma perspectiva personalista (PSD, 2025). O CDS-PP, partido democrata-cristão, conjuga a defesa da família e dos valores tradicionais com o respeito pelas instituições democráticas e pela economia de mercado regulada, mantendo uma postura pragmática e moderada (CDS-PP, 2023). O Chega, adota uma posição nacional-conservadora, centrando-se no combate à criminalidade e à corrupção, na defesa de um Estado mínimo e da autoridade e em políticas de integração cultural de imigrantes, rejeitando o multiculturalismo (Chega, 2025). Em conjunto, estes partidos representam o polo mais conservador e orientado para a ordem e disciplina do espectro político português, em linha com as previsões da hipótese H2.

H3: Amabilidade correlaciona-se positivamente com agendas éticas e igualitárias. Pessoas com maiores traços de amabilidade demonstram maior empatia e preocupações sociais, o que as torna mais propensas a apoiar partidos com uma orientação solidária e ecológica (Schoen & Schumann, 2007, p.471; Osborne & Sibley, 2012, p.748), como o PAN, BE ou Livre – como já referido na H1, partidos como o PAN, Livre e BE incorporam este tipo de preocupações nos seus programas, defendendo igualdade de direitos, justiça social e proteção ambiental e animal, o que os posiciona como opções preferenciais para indivíduos com maiores níveis deste traço.

A hipótese H4: o Neuroticismo estará associado a maior sensibilidade a ameaças e maior alinhamento com partidos que oferecem segurança económica e emocional. Em

alguns estudos alemães, níveis mais altos de neuroticismo foram associados à preferência por partidos de esquerda moderada e, paradoxalmente, também por partidos da nova direita, dependendo do foco das ameaças (económicas, ou culturais) (Schoen & Schumann, 2007, p.478).

A hipótese H5: os baixos níveis de Extroversão associam-se a atitudes mais conservadoras na esfera social. Indivíduos menos extrovertidos podem apresentar menor conforto com mudanças rápidas e com expressões públicas de diversidade, o que poderá corresponder a menor apoio a partidos com agendas identitárias e a uma maior aceitação de propostas conservadoras (Gerber et al., 2011b, p.271).

4. Metodologia

4.1. Procedimentos de Amostragem

4.1.1. Universo e Seleção da Amostra

O universo do estudo corresponde à população residente em Portugal continental, com idade igual ou superior a 18 anos, elegível para votar. A investigação centra-se em indivíduos adultos, integrando diferentes grupos etários, educativos, ocupacionais e geográficos. Foi utilizada uma amostragem de conveniência, com recrutamento digital através de plataformas online e redes sociais, durante os meses de Junho e Julho de 2025. A amostra final é composta por 319 participantes, com idades compreendidas entre os 18 e os 80 anos. Esta abordagem permitiu captar alguma diversidade sociodemográfica, mas implica também limitações no que diz respeito à representatividade estatística da população portuguesa.

4.1.2. Participantes

A amostra do presente estudo é composta por 319 participantes, com idades distribuídas por diferentes gerações: 24.5% têm entre 18 e 24 anos, 21.6% entre 25 e 34 anos, 9.7% entre 35 e 49 anos, 33.9% entre 50 e 64 anos e 10% têm 65 anos ou mais. Esta composição permite uma representação transversal dos principais grupos etários da população adulta portuguesa.

Em termos de nacionalidade, a maioria dos respondentes é portuguesa (97.2%), com uma minoria brasileira (1.6%) e de outras nacionalidades (1.3%). Geograficamente, a amostra encontra-se fortemente concentrada na Área Metropolitana de Lisboa (81.8%),

com menor representação do Norte (5.0%), Centro (4.4%), Alentejo (2.5%) e Algarve (1.6%). Registaram-se ainda alguns participantes oriundos dos Açores (0.3%) e de outras regiões não identificadas ou estrangeiras (4.4%).

A escolaridade é tendencialmente elevada, 52% possuem licenciatura, 27.9% mestrado ou doutoramento, e 20.1% completaram apenas o ensino básico ou secundário. A situação profissional demonstrou que 47.6% trabalham por conta de outrem, 21.6% são estudantes, 20.7% são profissionais qualificados, 6.9% reformados e 3.1% desempregados.

A distribuição da autoidentificação ideológica contou com 1.6% a identificar-se com a Extrema-esquerda, 14.1% com a Esquerda, 14.4% no Centro-Esquerda, 14.7% situaram-se ao Centro, 26.9% no Centro-Direita e 24.8% na Direita. Em relação à simpatia partidária observou-se uma maior concentração no PSD que representa 30.7% dos participantes, seguido dos Independentes com 19.1%, do PS com 10.7% e da IL também com 10.7%, o L com 8.8%, o CH com 6.6%, o CDS com 5.3%, o BE com 4.7%, o PAN com 1.3%, o PCP com 0.9% e Outro Partido com 1.3%.

Embora a amostragem tenha sido feita por conveniência e não permita generalização estatística para a população portuguesa, a diversidade etária, formativa e ocupacional dos participantes constitui uma base sólida para análise exploratória das relações entre traços de personalidade, atitudes políticas e tendências ideológicas.

4.1.3. Exclusão

Durante a fase de preparação da base de dados, foi realizado um processo de verificação da qualidade das respostas, com especial atenção a padrões que pudessem comprometer a fiabilidade das análises. Neste âmbito, foram identificados casos de respostas com sinais evidentes de viés de resposta e heurísticas cognitivas de preenchimento, como o *satisficing* e *maximizing*, em que o participante opta por respostas rápidas e pouco exigentes cognitivamente, em vez de um esforço de avaliação reflexiva de cada item, por exemplo a tendência de atribuir a pontuação Mínima (1), Média (3/4), ou Máxima (5/7) a todos os itens. Optou-se, assim por excluir seis respostas por apresentarem estes sinais claros de invalidez.

4.2. Estrutura e Conteúdos do Questionário

Dado que no contexto português não existe actualmente um instrumento integrado que avalie em simultâneo dimensões de personalidade e atitudes políticas, optou-se por recorrer à combinação de dois inventários distintos. A personalidade foi avaliada através do Inventário de Personalidade *Big Five* desenvolvido por Rodrigues e Gomes em 2022 e as atitudes políticas foram avaliadas com base no Inventário de Atitudes Políticas desenvolvido por Antunes em 2008, originalmente concebido para estudar a identificação partidária e o comportamento eleitoral no contexto português.

4.2.1. Identificação e Dados Sócio-demográficos

A primeira secção do questionário recolheu informações básicas sobre nacionalidade, localidade de residência, data de nascimento, sexo, género, nível de escolaridade e situação profissional. Estes dados foram utilizados exclusivamente para caracterização da amostra.

4.2.2. Medição de Personalidade

Optou-se pela utilização de uma versão reduzida da escala de personalidade *Big Five*, uma escala *Likert* de 1 a 7 composta por 23 itens representativos das cinco grandes dimensões (Abertura à Experiência, Conscienciosidade, Extroversão, Amabilidade e Neuroticismo). Esta decisão teve como principal fundamento a necessidade de minimizar o tempo de preenchimento do questionário – na sua versão completa, o NEO PI-R, tem 240 itens – assegurando a clareza, a exequibilidade e a taxa de resposta em contextos de recolha online com amostragem não controlada.

À semelhança de outros estudos (Vecchione et al., 2011, pp.738-739; Gerber et al., 2011b, p.267), optou-se por sacrificar algum grau de precisão na medição dos traços de personalidade a favor de uma abordagem mais sintética, adequada a inquéritos populacionais de natureza exploratória. No contexto português, a oferta de instrumentos de avaliação da personalidade baseados no modelo *Big Five* é limitada – sobretudo no que respeita à sua validação para fins de investigação política. Embora existam versões completas e reduzidas do modelo em uso internacional, não se encontra disponível, até à data, um inventário validado especificamente para o contexto político e eleitoral em Portugal. Assim, optou-se pela aplicação de uma versão portuguesa reduzida do inventário de personalidade *Big Five* validado no contexto do recrutamento

organizacional, desenvolvidos pela Professora Doutora Rosa Isabel Rodrigues e pela Professora Doutora Catarina Gomes em 2022 (Rodrigues & Gomes, 2022, p. 164).

Na criação deste inventário, as autoras criaram de 75 itens – 15 para cada dimensão de personalidade, com base em estudos já aqui mencionados nomeadamente de McCrae e Costa em 1999. De seguida estes itens foram avaliados por especialistas em avaliação psicológica e psicometria, através de uma escala *Likert* de 10 pontos para classificar a adequação de cada item. Apenas os que obtiveram uma concordância superior a 75% foram mantidos.

Na fase seguinte, uma análise factorial exploratória foi conduzida com uma amostra de 173 participantes, cujo através da rotação *Varimax*, revelou uma estrutura clara de cinco factores, que explicou 60.72% da variância total. Por fim, foram retidos 23 itens com cargas factoriais superiores a 0.40 e diferenças interdimensionais superiores a 0.20, assegurando uma discriminação clara entre factores. A consistência interna das cinco subescalas revelou-se elevada, com alfas de *Cronbach* de²: $\alpha=0.74$ para a Abertura à Experiência, $\alpha=0.79$ para a Conscienciosidade, $\alpha=0.83$ para a Extroversão, $\alpha=0.82$ para a Amabilidade e $\alpha=0.82$ para o Neuroticismo – valores considerados adequados. Estes resultados confirmam a validade estrutural do instrumento e legitimam a sua aplicação no contexto português, particularmente em populações jovens adultas.

4.2.3. Medição de Atitudes Políticas

Optou-se pela utilização de uma escala de atitudes políticas para complementar a habitual pergunta de autoidentificação ideológica no eixo Esquerda/Direita, frequentemente usada em estudos eleitorais. Esta decisão visou aprofundar a análise ideológica dos participantes, para fazer maior justiça à complexidade do sistema multipartidário português, no qual partidos que se situam no mesmo lado do espectro ideológico podem divergir profundamente em questões fundamentais, partidos como o Chega e a IL, embora ambos identificáveis como à direita, diferem significativamente no grau de autoritarismo ou conservadorismo social dos seus eleitores.

A escala de atitudes políticas possibilita, assim, uma melhor discriminação entre eleitorados e uma análise mais rica da estrutura ideológica dos participantes. Utilizou-se então o Inventário de Atitudes Políticas de Antunes de 2008, uma escala *Likert* de 1 a 5

² Classificação baseada nos critérios de Marôco (2018, p.477) em que a consistência interna é: Fraca ($\alpha < .60$); Aceitável ($.60 \leq \alpha < .70$); Boa ($.70 \leq \alpha < .80$); Muito boa ($.80 \leq \alpha < .90$); Excelente ($\alpha \geq .90$).

que incluiu 32 itens construídos para captar quatro dimensões: Autoritarismo, Conservadorismo Social, Liberalismo Económico e Religiosidade. As escalas foram desenhadas adaptando os conceitos de escalas clássicas como a *Right-Wing Authoritarianism Scale* e o *Wilson-Patterson Attitude Inventory*. Para a sua validação, o autor procedeu à rotação *Varimax* para explorar a estrutura factorial de cada escala. A análise levou à retenção de um número reduzido de itens por escala e à identificação de dois ou três factores principais por dimensão. A fiabilidade foi medida através da consistência interna com recurso ao alfa de *Cronbach*, cujos valores foram³: para a Religiosidade ($\alpha \geq .80$), para o Autoritarismo ($.70 \leq \alpha < .80$) e para o Conservadorismo Social e para o Liberalismo Económico ($\alpha < .60$) embora que com correlações inter-itens. As escalas comportam-se de forma distinta consoante a identificação partidária.

4.2.4. Orientação e Comportamento Político

Por fim, optou-se por incluir perguntas relativas ao grau de interesse político, à simpatia partidária e à autocolocação no espectro ideológico Esquerda/Direita. Estas variáveis permitem contextualizar os perfis de personalidade e atitudinais dos inquiridos, fornecendo indicadores complementares sobre o seu posicionamento político. A inclusão destas perguntas teve como objectivo catalogar de forma mais precisa os participantes em termos ideológicos e eleitorais, permitindo explorar melhor as relações entre traços psicológicos e atitudes políticas tornando possível identificar padrões de alinhamento, contribuindo para uma análise mais aprofundada da diversidade ideológica no eleitorado português.

4.2.5 Modelo Integrado de Personalidade e Atitudes Políticas

Apesar de, como descrito anteriormente, ambos os autores das duas escalas terem validado adequadamente as suas escalas, para este estudo verificou-se a consistência de ambos os inventários, procedendo-se à realização de uma análise factorial exploratória com o objectivo de identificar dimensões consistentes e agrupamentos significativos de itens. A análise factorial permite avaliar se os itens propostos se organizam de forma coerente em factores interpretáveis. Este procedimento assegura a validade factorial da

³ Classificação baseada nos critérios para a avaliação de escalas de atitudes políticas de Robinson et al. (1999, p.14) em que a consistência interna é: Mínima ($\alpha < .60$); Moderada ($.60 \leq \alpha < .69$); Extensa ($.70 \leq \alpha < .79$); Exemplar ($\alpha \geq .80$).

escala e contribui para a sua fiabilidade psicométrica, antes da sua utilização em correlações ou comparações entre grupos.

Começou-se pela realização da análise factorial exploratória à escala de personalidade e foram retidos cinco factores principais, correspondentes às dimensões do modelo *Big Five*. A identificação e nomeação de cada factor, baseou-se nos itens com cargas factoriais mais elevadas, assegurando a validade interpretativa: o Factor 1, ficou designado como Extroversão e inclui os itens P.2.9 com carga factorial de ($\alpha=.851$), P.10 com carga factorial de ($\alpha=.825$), P.16 com carga factorial de ($\alpha=.711$) e P.214 com carga factorial de ($\alpha=.655$). Curiosamente, os itens procedentes – P.2.21 Sou uma pessoa descontraída, P.2.19 Adapto-me facilmente a novos contextos, P.2.22 Não tenho receio de enfrentar qualquer tipo de desafio – são traços que também são associados à Extroversão na literatura, mas optou-se por associá-los ao próximo factor.

O Factor 1 expressa sociabilidade, entusiasmo social e facilidade de integração interpessoal; o Factor 2, ficou designado como Abertura à Experiência e inclui os itens P.19 com carga factorial de ($\alpha=.332$), P.2.22 com carga factorial de ($\alpha=.351$), P.2.8 com carga factorial de ($\alpha=.749$) e P.2.3 com carga factorial de ($\alpha=.669$). O Factor 2 reflecte disposição para a novidade, adaptabilidade e curiosidade intelectual; o Factor 3, ficou designado como Amabilidade e inclui os itens P.12 com carga factorial de ($\alpha=.406$), P.17 com carga factorial de ($\alpha=.787$), P.2.13 com carga factorial de ($\alpha=.735$), P.18 com carga factorial de ($\alpha=.587$), P.2.6 com carga factorial de ($\alpha=.544$) e P.2.6 com carga factorial de ($\alpha=.272$). O Factor 3 demonstra empatia, cooperação e orientação para o outro; o Factor 4, ficou designado como Neuroticismo e inclui os itens P.2.4 com carga factorial de ($\alpha=.855$), P.2.1 com carga factorial de ($\alpha=.773$), P.2.1 com carga factorial de ($\alpha=.425$) e P.2.11 com carga factorial de ($\alpha=.324$). O Factor 4 é associado à tendência à impulsividade, ansiedade e instabilidade emocional; o Factor 5, ficou designado como Conscienciosidade e inclui os itens P.2.15 com carga factorial de ($\alpha=.779$), P.2.23 com carga factorial de ($\alpha=.641$), P.2.7 com carga factorial de ($\alpha=.462$), P.2.2 com carga factorial de ($\alpha=.298$) e P.2.20 com carga factorial de ($\alpha=.186$). O Factor 5 representa a orientação para a organização, responsabilidade e ordem.

Depois realizou-se a análise factorial exploratória à escala de atitudes políticas e foram retidos quatro factores principais, correspondentes às dimensões atitudinais. A identificação e nomeação de cada factor, baseou-se novamente nos itens com cargas factoriais mais elevadas, assegurando a sua validade interpretativa: o Factor 1, ficou designado como Religiosidade e inclui os itens P.3.7 com carga factorial de ($\alpha=.801$),

P.3.9 com carga factorial de ($\alpha=.800$), P.3.5 com carga factorial de ($\alpha=.784$), P.3.27 com carga factorial de ($\alpha=.748$), P.3.21 com carga factorial de ($\alpha=.741$), P.3.20 com carga factorial de ($\alpha=.741$), P.3.17 com carga factorial de ($\alpha=.728$), P.3.15 com carga factorial de ($\alpha=.570$) e P.3.13 com carga factorial de ($\alpha=.457$). Curiosamente, há dois itens da dimensão Conservadorismo Social – P.3.24 O aborto deve ser sempre ilegal ($\alpha=.590$) e P.3.28 O sexo fora do casamento é imoral ($\alpha=.560$) – que se relacionam com o Factor 1 como seria de esperar, visto que são dogmas mais tradicionais da igreja, mas optou-se por associá-los ao Factor 3. O Factor 1 reflecte uma visão social e moral ancorada em valores religiosos; o Factor 2, ficou designado como Autoritarismo e inclui os itens P.3.4 com carga factorial de ($\alpha=.714$), P.3.18 com carga factorial de ($\alpha=.693$), P.3.25 com carga factorial de ($\alpha=.560$), P.3.26 com carga factorial de ($\alpha=.528$), P.3.22 com carga factorial de ($\alpha=.485$), P.3.11 com carga factorial de ($\alpha=.465$) e P.3.6 com carga factorial de ($\alpha=.350$).

Observou-se que três itens da dimensão Conservadorismo Social – P.3.29 Estrangeiros devem adoptar os nossos costumes ($\alpha=.668$), P.3.8 Problema de haver cada vez mais raças ($\alpha=.620$) e P.3.19 Não devemos dar importância a outras culturas ($\alpha=.578$) – se relacionam com o Factor 2, mas optou-se por associá-los ao Factor 3. O Factor 2 reflecte a preferência por hierarquia social, rigidez normativa e ordem social; o Factor 3, ficou designado como Conservadorismo Social e inclui os itens P.3.24 com carga factorial de ($\alpha=.338$), P.3.28 com carga factorial de ($\alpha=.321$), P.3.31 com carga factorial de ($\alpha=.123$), P.3.32 com carga factorial de ($\alpha=.192$), P.3.29 com carga factorial de ($\alpha=.188$), P.3.8 com carga factorial de ($\alpha=.278$), P.3.19 com carga factorial de ($\alpha=.265$) e P.3.14 com carga factorial de ($\alpha=.509$). O Factor 3 reflecte uma preferência forte para o familiar, o estável e para o previsível; o Factor 4, ficou designado como Liberalismo Económico e inclui os itens P.3.12 com carga factorial de ($\alpha=.121$), P.3.16 com carga factorial de ($\alpha=.252$), P.3.10 com carga factorial de ($\alpha=.634$), P.3.1 com carga factorial de ($\alpha=.533$) e P.3.30 com carga factorial de ($\alpha=.528$). O Factor 4 revela uma preferência para a mínima intervenção do Estado, confiando na livre iniciativa privada, na concorrência e no mercado livre.

Depois procedeu-se ao refinamento das escalas de personalidade e de atitudes políticas, com o objectivo de melhorar a validade factorial e a consistência interna dos constructos extraídos. Para esse efeito, foram excluídos os itens com as cargas factoriais mais inferiores por dimensão, ou as cargas cuja interpretação era sobreposta entre dimensões, nomeadamente para o inventário da personalidade o item o item P.2.11 da

dimensão do Neuroticismo com uma carga factorial de ($\alpha=.324$) e para o inventário de atitudes políticas os itens P.3.6 e P.3.23 da dimensão do Autoritarismo com as cargas factoriais de ($\alpha=.350$) e ($\alpha=.175$), os itens P.3.31, P.3.32 e P.3.29 da dimensão do Conservadorismo com as cargas factoriais ($\alpha=.123$), ($\alpha=.192$) e ($\alpha=.188$) e, por fim, o item P.3.16 da dimensão do Liberalismo com uma carga factorial de ($\alpha=.252$).

Esta decisão metodológica permitiu aumentar a clareza das subescalas e fortalecer a interpretação dos resultados. De seguida testou-se a consistência interna dos Factores com recurso ao alfa de *Cronbach*. No inventário da personalidade os valores foram⁴: para o Factor 1 Extroversão ($\alpha=.846$); para o Factor 2 Abertura à Experiência ($\alpha=.687$); para o Factor 3 Amabilidade ($\alpha=.726$); para o Factor 4 Neuroticismo ($\alpha=.677$); e para o Factor 5 Conscienciosidade ($\alpha=.611$) – valores que estão perto dos valores originais da escala. No inventário das atitudes políticas os valores foram⁵: para o Factor 1 Religiosidade ($\alpha=.823$); para o Factor 2 Autoritarismo ($\alpha=.823$); para o Factor 3 Conservadorismo Social ($\alpha=.709$); e para o Factor 4 Liberalismo ($\alpha=.470$) – valores que também rondam os valores originais da escala.

5. Resultados

5.1. Estatísticas Descritivas

A dimensão Abertura à Experiência apresentou a média mais elevada ($M = 5.63$; $DP = 0.84$), sugerindo uma tendência geral dos participantes para se descreverem como curiosos, imaginativos e receptivos a novas experiências. A Amabilidade ($M = 5.30$; $DP = 0.75$), a Extroversão ($M = 5.29$; $DP = 1.11$) e a Conscienciosidade ($M = 5.29$; $DP = 0.86$) seguiram-se com médias igualmente elevadas, revelando uma autoavaliação positiva por parte dos inquiridos. O Neuroticismo registou uma média de $M = 3.22$ ($DP = 0.89$), indicando níveis médios. Nas dimensões da atitude política obtiveram-se os valores mais baixos: Conservadorismo ($M = 2.25$; $DP = 0.88$), Autoritarismo ($M = 2.58$; $DP = 0.84$) e Religiosidade ($M = 2.72$; $DP = 0.85$), reflectindo uma tendência geral para atitudes menos conservadoras e autoritárias. O

⁴ Classificação baseada nos critérios de Marôco (2018, p.477) em que a consistência interna é: Fraca ($\alpha < .60$); Aceitável ($.60 \leq \alpha < .70$); Boa ($.70 \leq \alpha < .80$); Muito boa ($.80 \leq \alpha < .90$); Excelente ($\alpha \geq .90$).

⁵ Classificação baseada nos critérios para a avaliação de escalas de atitudes políticas de Robinson et al. (1999, p.14) em que a consistência interna é: Mínima ($\alpha < .60$); Moderada ($.60 \leq \alpha < .69$); Extensa ($.70 \leq \alpha < .79$); Exemplar ($\alpha \geq .80$).

Liberalismo obteve $M = 2.82$ ($DP = 0.68$), sugerindo uma orientação política ligeiramente inclinada para valores liberais, mas sem grande polarização.

5.2. Correlações entre Personalidade e Orientação Ideológica

Para testar a Hipótese Principal, que postula que os traços de personalidade do modelo *Big Five* estão significativamente associados ao posicionamento político-ideológico, procedeu-se a uma regressão linear múltipla, em que cada dimensão de atitude política foi considerada como variável dependente (Autoritarismo, Conservadorismo Social, Liberalismo Económico e Religiosidade) e as cinco dimensões de personalidade foram operacionalizadas como variáveis independentes (Abertura à Experiência, Conscienciosidade, Extroversão, Amabilidade e Neuroticismo), para avaliar em que medida os traços de personalidade predizem atitudes políticas, na qual:

- o Autoritarismo demonstrou-se estatisticamente significativo $F(5, 313) = 6.637$, $p < .001$ com os traços de personalidade a explicarem 9.6% da variância ($R^2 = .096$);
- o Conservadorismo demonstrou-se estatisticamente significativo $F(5, 313) = 2.506$, $p = .030$ com os traços de personalidade a explicarem 3.8% da variância ($R^2 = .038$);
- o Liberalismo Económico demonstrou-se estatisticamente significativo $F(5, 313) = 4.088$, $p = .001$ com os traços de personalidade a explicarem 6.1% da variância ($R^2 = .061$);
- e a Religiosidade demonstrou-se estatisticamente significativa $F(5, 313) = 7,381$, $p < .001$ com os traços de personalidade a explicarem 10.5% da variância ($R^2 = .105$).

Embora a influência observada seja modesta, a personalidade mostra-se como um factor relevante na compreensão das orientações políticas individuais, confirmando parcialmente a hipótese de que traços de personalidade moldam preferências ideológicas e atitudes perante valores sociopolíticos.

Para a Hipótese 1 previa-se que níveis mais elevados de Abertura à Experiência estariam associados a maior progressismo político, manifestando-se em menores níveis de autoritarismo e conservadorismo, bem como em maior identificação com partidos de esquerda (BE, Livre, PAN, PS).

No entanto, os resultados obtidos não suportam esta previsão. A Abertura à Experiência não se correlacionou significativamente com Conservadorismo ($r = .070$, $p = .213$), Autoritarismo ($r = .078$, $p = .165$) ou Religiosidade ($r = .099$, $p = .078$), e apresentou inclusive uma correlação positiva e significativa com Liberalismo económico ($r = .137$, $p = .015$), contrariando o pressuposto de alinhamento progressista de maior intervencionismo.

Como a hipótese não foi confirmada ao nível factorial, optou-se por testar as correlações item-a-item, ou seja, cada pergunta individual e as dimensões ideológicas, para ver se o problema está na construção do factor, para descartar má consistência interna ou fraca construção factorial. Ainda assim, os dados sugerem que mesmo ao nível dos itens individuais da escala de Abertura à Experiência, a dimensão continua negativamente associada às atitudes ideológicas conservadoras e autoritárias nesta amostra, pelo contrário, os itens que mostram correlação, nomeadamente o item P.2.22 Não tenho receio em enfrentar qualquer tipo de desafio, correlacionou-se positivamente com Autoritarismo ($r = .167$, $p = .003$), Conservadorismo ($r = .181$, $p = .001$) e Religiosidade ($r = .175$, $p = .002$).

Quanto à orientação política no eixo Esquerda/Direita, a Abertura à Experiência não apresenta correlações significativas com nenhuma das categorias ideológicas da Extrema-esquerda à Direita. Por exemplo, a correlação entre Abertura à Experiência e autoidentificação com a Direita é de ($r = .070$, $p = .210$), e com a esquerda é de $r = -.080$ ($p = .154$), ambas não significativas e no sentido oposto à hipótese.

Para explorar a hipótese de que níveis mais elevados de Abertura à Experiência estariam associados à simpatia por partidos progressistas, analisaram-se também as médias descritivas deste traço por grupo partidário. Contrariando as expectativas teóricas, os simpatizantes do Bloco de Esquerda ($M = 5.15$) e do Livre ($M = 5.54$) apresentaram médias inferiores à média geral da amostra ($M = 5.63$), sugerindo uma tendência oposta à prevista. Mais surpreendente ainda foi o resultado obtido pelos eleitores do Chega ($M = 6.05$), que registaram os níveis mais elevados de Abertura à Experiência entre todos os partidos, apesar de estarem ideologicamente associados a discursos mais rígidos e conservadores. De mencionar que foi realizada uma ANOVA que não revelou diferenças estatisticamente significativas entre os grupos partidários, $F(10, 308) = 1.505$, $p = .136$, pelo que estas discrepâncias devem ser interpretadas com prudência e apenas em termos exploratórios.

Estes resultados indicam que, contrariamente ao esperado, a Abertura à Experiência não constitui um preditor robusto de progressismo político nesta amostra, com uma ligeira tendência para o contrário.

Para a Hipótese 2 previa-se que níveis mais elevados de Conscienciosidade estivessem associados a atitudes ideológicas mais conservadoras e autoritárias e a uma maior orientação política à Direita, traduzindo-se numa maior afinidade com partidos como o PSD, CDS ou Chega.

Os dados obtidos dão suporte a esta previsão, ainda que de uma forma parcial. A Conscienciosidade apresentou uma correlação positiva e significativa com o Autoritarismo ($r = .183$, $p = .001$) e positiva com o Conservadorismo ($r = .091$), porém não foi estatisticamente significativa ($p = .103$).

A Religiosidade também apresentou uma correlação positiva e significativa com a Conscienciosidade ($r = .169$, $p = .002$) e o Liberalismo Económico também ($r = .153$, $p = .006$), que reforça a hipótese já que este traço de associa com preferências económicas mais associadas à Direita.

Quanto à orientação política no eixo Esquerda/Direita, a Conscienciosidade apresenta correlações consistentes com a Hipótese 2 em todos os eixos, embora todos tirando a Extrema-Esquerda não tenham significância. A Extrema-Esquerda ($r = -.125$, $p = .025$), a Esquerda ($r = -.100$, $p = .073$) e o Centro-Esquerda ($r = -.59$, $p = .297$) observam uma correlação negativa com a Conscienciosidade, que vai no sentido da Hipótese 2, embora que no caso da Esquerda e Centro-Esquerda, a correlação não é estatisticamente significativa.

No caso do Centro-Direita ($r = .041$, $p = .470$) e Direita ($r = .108$, $p = .054$) apresentam correlações positivas com a Conscienciosidade, e embora não atinjam a significância estatística, vão de encontro à Hipótese 2 sugerindo uma tendência geral de alinhamento entre níveis mais elevados de Conscienciosidade e posições políticas mais à direita.

Para explorar a hipótese que a Conscienciosidade estaria positivamente associada à simpatia por partidos mais orientados para a ordem, o dever e a estabilidade, analisaram-se também as médias descritivas deste traço por grupo partidário. Os participantes que declararam simpatia pelo Chega ($M = 5.64$), CDS ($M = 5.46$), PSD ($M = 5.36$) e PS ($M = 5.42$) apresentaram médias superiores à média geral da amostra ($M = 5.29$), o que, com exceção do PS, vai ao encontro da hipótese formulada. Já eleitores do Bloco de Esquerda ($M = 4.76$) e do Livre ($M = 4.77$) apresentaram valores significativamente mais baixos,

alinhando com a ideia de menor orientação para o cumprimento normativo e a responsabilidade nos partidos com agendas mais libertárias ou alternativas. Realizou-se uma ANOVA para comparar as médias deste traço entre os diferentes grupos partidários, que revelou diferenças estatisticamente significativas, $F(10, 308) = 2.467, p = .007$, com um efeito de magnitude pequena a moderada ($\eta^2 = .074$).

Embora apenas comparações descritivas, a tendência observada está em consonância com a H2.

Embora os resultados da Conscienciosidade suportem de forma parcial a Hipótese 2 e vão de encontro a uma maior inclinação deste traço para atitudes e preferências políticas mais conservadoras e à direita, a ausência de algumas correlações significativas limita a robustez da Hipótese 2, indicando que, apesar de existirem tendências consistentes, a associação entre Conscienciosidade e posicionamento político à Direita não se manifesta de forma estatisticamente clara em todos os indicadores.

Para a Hipótese 3 previa-se que níveis mais elevados de Amabilidade estivessem associados a atitudes políticas mais orientadas para a justiça social, empatia e ética, manifestando-se em maior identificação com partidos com agendas éticas e sociais explícitas, como o PAN, BE ou Livre.

Os resultados obtidos, contudo, não dão suporte robusto a esta previsão. Apesar de a Amabilidade apresentar correlações negativas com o Conservadorismo ($r = -.061, p = .275$) e com o Autoritarismo ($r = -.066, p = .239$), indo no sentido da Hipótese 3, nenhuma das duas é estatisticamente significativa.

Não se verificaram também correlações com significância para a Religiosidade ($r = .072, p = .201$) ou para o Liberalismo económico ($r = .080, p = .153$). Como a hipótese não foi confirmada ao nível factorial, optou-se por testar as correlações item-a-item, para ver se o problema está na construção do Factor, para descartar má consistência interna ou fraca construção factorial.

Esta análise revelou que apenas um dos itens do traço segue de forma clara a direcção prevista da H3, o item P.2.5 Considero-me uma pessoa tolerante apresenta correlações negativas e estatisticamente significativas com o Autoritarismo ($r = -.304, p < .001$), Conservadorismo ($r = -.278, p < .001$) e Liberalismo Económico ($r = -.156, p = .005$), os restantes itens mostram padrões menos consistentes com a H3 e não se destacam significativamente.

Quanto à orientação política no eixo Esquerda/Direita, apenas a categoria Centro-Esquerda apresentou uma correlação positiva e significativa com Amabilidade ($r = .122$, $p = .029$), ainda que de forma moderada.

As outras categorias, embora se tivessem correlacionado no sentido da H3, não apresentaram significância estatística como é o caso da Esquerda ($r = .103$, $p = 0.66$) e o caso do Centro-Direita ($r = -.107$, $p = .055$) e Direita ($r = -.068$, $p = .227$).

Para explorar a hipótese de que eleitores de partidos com maior foco em preocupações sociais apresentariam níveis mais elevados de Amabilidade foram analisadas também as médias descritivas deste traço por grupo partidário. Os participantes que declararam voto no PS ($M = 5.64$), PAN ($M = 5.54$), PCP ($M = 5.50$), Livre ($M = 5.38$) e BE ($M = 5.47$) apresentaram médias superiores à média geral da amostra ($M = 5.30$). Já os votantes do CDS ($M = 5.06$), Chega ($M = 5.17$), IL ($M = 5.12$) e PSD ($M = 5.32$) registaram valores ligeiramente inferiores. Embora apenas comparações descritivas, a tendência observada está em consonância com a H3. Os resultados da ANOVA também não revelaram diferenças estatisticamente significativas entre os grupos ($F(10, 308) = 1.675$, $p = .086$).

Estes resultados indicam que, apesar de algumas correlações irem no sentido previsto, a Amabilidade não se revelou um preditor robusto de atitudes políticas éticas ou de voto em partidos com agendas sociais explícitas nesta amostra.

Para a Hipótese 4 previa-se que níveis mais elevados de Neuroticismo estivessem associados a uma maior sensibilidade a ameaças, levando a um maior alinhamento com partidos que oferecem segurança económica e emocional, tipicamente sendo partidos de esquerda.

Uma hipótese adicional nova, que surgiu da literatura, que também será considerada, é que esta segurança possa vir de um eixo Económico/Emocional do lado da Esquerda e de um lado de segurança cultural, do lado de partidos da nova Direita, como o Chega.

O Neuroticismo apresentou correlações negativas e significativas com o Liberalismo Económico ($r = -.145$, $p = .010$), o que sugere uma menor adesão a agendas económicas de mercado, preferência por segurança económica proveniente do intervencionismo do Estado, e com a Religiosidade ($r = -.198$, $p < .001$).

Não se observam correlações significativas com o Autoritarismo ($r = -.070$, $p = .215$) nem com o Conservadorismo ($r = -.098$, $p = .079$), ainda que ambas vão no sentido de menor identificação com visões mais conservadoras e autoritárias.

Quanto à orientação política ao longo do eixo Esquerda/Direita, as correlações revelaram que apenas a categoria Esquerda apresentou uma correlação positiva e estatisticamente significativa com o Neuroticismo ($r = .157$, $p = .005$), que vai no sentido da H4.

A Extrema-Esquerda ($r = .076$, $p = .177$) e a Direita ($r = -.093$, $p = .098$) vão no sentido da H4, mas não têm significância. O Centro-Esquerda ($r = -.077$, $p = .168$) e Centro-Direita ($r = .015$, $p = .788$) vão as duas no sentido oposto, mas continuam sem significância estatística. Ainda que a maioria destas correlações não atinja significância estatística, nota-se uma tendência negativa do Neuroticismo ao longo das posições mais centristas e à Direita do eixo, contrastando com a correlação positiva encontrada à Esquerda.

Para explorar a hipótese de que o Neuroticismo estaria associado a maior sensibilidade a ameaças e, conseqüentemente, a maior simpatia por partidos que oferecem segurança económica, ou cultural, analisaram-se as médias descritivas deste traço por grupo partidário. Os participantes que declararam simpatia pelo Bloco de Esquerda ($M = 3.87$), Chega ($M = 3.36$) e PCP ($M = 3.67$) apresentam valores acima da média geral da amostra ($M = 3.22$), sugerindo uma ligeira inclinação para níveis mais elevados de instabilidade emocional entre eleitores de partidos que apelam a discursos mais intensos, seja no registo emocional ou ideológico. Contudo, a ANOVA não revelou diferenças estatisticamente significativas entre os grupos ($F(10, 308) = 1.596$, $p = .107$). Ainda assim, a variância entre grupos aproxima-se do limiar da significância estatística, o que, aliado ao padrão descritivo observado que sugere uma possível tendência no sentido proposto, está em linha com o que foi descrito por Schoen & Schumann (2007, p. 482). Logo, os resultados demonstram suporte parcial à H4, poderá justificar análises mais refinadas em futuras investigações.

Para a Hipótese 5 previa-se que níveis mais baixos de Extroversão estivessem associados a atitudes políticas mais conservadoras na esfera social, assumindo que indivíduos mais introvertidos tenderiam a mostrar menor abertura à mudança cultural e à diversidade identitária. Os dados obtidos, no entanto, não suportam esta previsão.

Pelo contrário, a Extroversão apresentou correlações positivas e estatisticamente significativas para o Autoritarismo ($r = .197$, $p < .001$), Liberalismo económico ($r = .220$, $p < .001$) e Religiosidade ($r = .265$, $p < .001$). Ainda que a correlação com o Conservadorismo ($r = .092$, $p = .101$) não atinja significância estatística, a direcção positiva da correlação vai contra o pressuposto de que a introversão se associa a atitudes

mais conservadoras. A Extroversão apresenta uma correlação negativa e estatisticamente significativa com a identificação à Esquerda ($r = -.167$, $p = .003$) e uma correlação positiva e significativa com identificação à Direita ($r = .120$, $p = .033$), indo mais uma vez contra a Hipótese 5.

Para a Extrema-Esquerda ($r = -.085$, $p = .130$) e para o Centro-Esquerda ($r = -.021$, $p = .714$) e para o Centro-Direita ($r = .019$, $p = .741$) apesar de não serem correlações estatisticamente significativas, apontam também no sentido oposto ao previsto.

Para explorar a hipótese de que baixa Extroversão estaria associada a partidos com atitudes mais conservadoras, analisaram-se as médias descritivas deste traço por grupo partidário. Os dados demonstram que os eleitores do Bloco de Esquerda ($M = 4.17$) se destacam com uma média significativamente inferior à média geral da amostra ($M = 5.29$), contrário à hipótese. Em contraste, os simpatizantes do CDS ($M = 5.93$), PSD ($M = 5.55$) e PS ($M = 5.49$) apresentam médias acima da média geral, sinalizando também um padrão contrário à hipótese. Realizou-se uma ANOVA que revelou diferenças estatisticamente significativas entre os grupos políticos, $F(10, 308) = 4.41$, $p < .001$, com um efeito de magnitude média a forte ($\eta^2 = .125$).

Estes resultados sugerem uma tendência contrária à Hipótese 5, nesta amostra a Extroversão está associada a uma menor simpatia por partidos com uma forte agenda social e cultural progressista, como o BE, e a uma maior afinidade com partidos conservadores, como o CDS.

5.3. Perfis Médios dos Eleitores

Optou-se por construir um perfil médio dos eleitores de cada partido, ainda que às vezes difícil devido à pequena amostra. Para caracterizar o perfil psicológico médio dos eleitores de cada partido, analisaram-se as médias dos traços de personalidade e de atitudes políticas. De mencionar que um grupo pode ter uma média alta num traço, mas esse traço não ser bom preditor do voto se também ocorrer noutros grupos – as correlações medem capacidade de distinção, enquanto as médias mostram tendência dentro do grupo.

O perfil médio do Bloco de Esquerda ($n = 15$) é psicologicamente menos aberto à experiência ($M_{BE} = 5.15$, $M = 5.63$), menos consciencioso ($M_{BE} = 4.76$, $M = 5.28$), menos extrovertido ($M_{BE} = 4.17$, $M = 5.29$) e mais neurótico ($M_{BE} = 3.87$, $M = 3.22$) do que a média dos participantes. Em termos ideológicos, caracteriza-se por níveis muito baixos de autoritarismo ($M_{BE} = 1.44$, $M = 2.58$), conservadorismo ($M_{BE} = 1.32$, $M = 2.25$) e religiosidade ($M_{BE} = 1.76$, $M = 2.72$), e por uma forte

rejeição do liberalismo económico ($M_{BE} = 1.90$, $M = 2.82$), o que é coerente com o posicionamento do partido na esquerda radical, tanto no eixo económico como no cultural.

O perfil médio do CDS ($n = 17$) é psicologicamente mais extrovertido ($M_{CDS} = 5.93$, $M = 5.29$) e consciencioso ($M_{CDS} = 5.46$, $M = 5.28$), com amabilidade ligeiramente abaixo da média ($M_{CDS} = 5.06$, $M = 5.30$) e abertura à experiência dentro da média ($M_{CDS} = 5.63$, $M = 5.63$). Em termos ideológicos demonstra atitudes autoritárias ($M_{CDS} = 2.79$, $M = 2.58$), conservadoras ($M_{CDS} = 2.80$, $M = 2.25$) e religiosas ($M_{CDS} = 3.46$, $M = 2.72$) acima da média e com ligeira abertura ao liberalismo económico ($M_{CDS} = 2.93$, $M = 2.82$), o que está em linha com a doutrina tradicional democrata cristã do partido.

O perfil médio do Chega ($n = 21$) é psicologicamente mais consciencioso ($M_{CH} = 5.64$, $M = 5.29$), mais aberto à experiência ($M_{CH} = 6.05$, $M = 5.63$), com menos amabilidade ($M_{CH} = 5.17$, $M = 5.30$), menos extroversão ($M_{CH} = 5.12$, $M = 5.29$) e com maior neuroticismo ($M_{CH} = 3.36$, $M = 3.22$) que a média dos participantes. Ideologicamente tende a ser mais autoritário ($M_{CH} = 3.30$, $M = 2.58$), mais conservador ($M_{CH} = 2.95$, $M = 2.25$), mais religioso ($M_{CH} = 2.90$, $M = 2.72$) e mais aberto ao liberalismo económico ($M_{CH} = 2.90$, $M = 2.82$). Este perfil confirma tendências observadas noutros estudos sobre eleitorados populistas de direita traços de autoritarismo e conservadorismo, menor amabilidade e neuroticismo mais elevado associado à percepção de ameaça (Schoen & Schumann, 2007, p.482).

O perfil médio da Iniciativa Liberal ($n = 34$) é psicologicamente mais aberto à experiência ($M_{IL} = 5.73$, $M = 5.63$) e emocionalmente mais estável, com níveis ligeiramente inferiores de neuroticismo ($M_{IL} = 3.05$, $M = 3.22$). Os eleitores da IL apresentam valores de conscienciosidade ($M_{IL} = 5.20$, $M = 5.28$) e amabilidade ($M_{IL} = 5.12$, $M = 5.30$) ligeiramente abaixo da média, o nível de extroversão encontra-se alinhado com a média da amostra ($M_{IL} = 5.29$, $M = 5.29$). Em termos ideológicos, o perfil médio da IL mostra-se menos autoritário ($M_{IL} = 2.52$, $M = 2.58$), menos conservador nos valores culturais ($M_{IL} = 2.18$, $M = 2.25$) e mais liberal do ponto de vista económico ($M_{IL} = 2.93$, $M = 2.82$) e a religiosidade é também inferior à média ($M_{IL} = 2.51$, $M = 2.72$). Trata-se de um perfil consistente com o posicionamento ideológico da Iniciativa Liberal, liberal no eixo económico e moderado no eixo cultural.

O perfil médio do Livre ($n = 28$) é psicologicamente menos aberto à experiência ($M_L = 5.54$, $M = 5.63$), menos consciencioso ($M_{Livre} = 4.77$, $M = 5.28$), com a

extroversão situando-se dentro da média ($M_{Livre} = 5.31, M = 5.29$), enquanto a amabilidade está ligeiramente acima da média ($M_{Livre} = 5.38, M = 5.30$), sugerindo maior sensibilidade interpessoal e neuroticismo encontrando-se ligeiramente abaixo da média ($M_{Livre} = 3.07, M = 3.22$). Em termos ideológicos, têm atitudes autoritárias abaixo da média ($M_{Livre} = 2.19, M = 2.58$), demonstram níveis baixos de conservadorismo cultural ($M_{Livre} = 1.66, M = 2.25$), liberalismo económico abaixo da média ($M_{Livre} = 2.76, M = 2.82$), e religiosidade encontra-se abaixo da média ($M_{Livre} = 2.30, M = 2.72$). Trata-se, portanto, de um perfil caracterizado por atitudes libertárias e progressistas no eixo cultural e por um ligeiro afastamento do liberalismo económico, coerente com um posicionamento à esquerda cultural libertária.

O perfil médio do PAN ($n = 4$) psicologicamente apresenta níveis de abertura abaixo da média ($M_{PAN} = 5.19, M = 5.63$), conscienciosidade ligeiramente inferior ($M_{PAN} = 5.00, M = 5.28$) e extroversão reduzida ($M_{PAN} = 4.81, M = 5.29$). Destaca-se pela elevada amabilidade ($M_{PAN} = 5.54, M = 5.30$) e pelo neuroticismo baixo ($M_{PAN} = 2.38, M = 3.22$). Em termos ideológicos, mostra baixas atitudes autoritárias ($M_{PAN} = 2.17, M = 2.58$), conservadorismo dentro da média ($M_{PAN} = 2.25, M = 2.25$), com ligeira inclinação para o liberalismo económico ($M_{PAN} = 2.94, M = 2.82$) e uma religiosidade abaixo da média ($M_{PAN} = 2.31, M = 2.72$). Trata-se de um perfil marcado por elevada amabilidade e estabilidade emocional, com baixa religiosidade e orientação autoritária, coerente com a sensibilidade ética e libertária associada ao PAN.

O perfil médio do PCP ($n = 3$) psicologicamente revela níveis de abertura elevados ($M_{PCP} = 6.17, M = 5.63$), conscienciosidade ligeiramente acima da média ($M_{PCP} = 5.33, M = 5.28$), extroversão alta ($M_{PCP} = 5.75, M = 5.29$), amabilidade ($M_{PCP} = 5.50, M = 5.30$) e neuroticismo ($M_{PCP} = 3.67, M = 3.21$) também mais elevado que a média. Ideologicamente, apresenta baixo autoritarismo ($M_{PCP} = 2.17, M = 2.58$) e baixo conservadorismo social ($M_{PCP} = 2.13, M = 2.25$), rejeição do liberalismo económico ($M_{PCP} = 2.17, M = 2.82$) e baixa religiosidade ($M_{PCP} = 2.18, M = 2.72$). Trata-se de um perfil ideologicamente alinhado com a esquerda tradicional colectivista, secular, economicamente intervencionista e culturalmente progressista;

O perfil médio do PS ($n = 34$) psicologicamente mostra níveis de abertura à experiência ($M_{PS} = 5.76, M = 5.63$), de conscienciosidade ($M_{PS} = 5.42, M = 5.28$), de extroversão ($M_{PS} = 5.49, M = 5.29$) e de amabilidade ($M_{PS} = 5.64, M = 5.30$) acima da média. O neuroticismo está praticamente dentro da média ($M_{PS} = 3.22, M = 3.21$).

Ideologicamente apresentam baixo autoritarismo ($M_{PS} = 2.25$, $M = 2.58$), baixo conservadorismo social ($M_{PS} = 1.88$, $M = 2.25$), moderado liberalismo económico ($M_{PS} = 2.79$, $M = 2.82$) e baixa religiosidade ($M_{PS} = 2.37$, $M = 2.72$). Trata-se de um perfil consistente com uma posição de centro-esquerda moderada e progressista, conciliando abertura à mudança com valores institucionais e democráticos.

O perfil médio do PSD ($n = 98$) apresenta níveis elevados de conscienciosidade ($M_{PSD} = 5.36$, $M = 5.28$) e extroversão ($M_{PSD} = 5.55$, $M = 5.29$), com amabilidade próxima da média ($M_{PSD} = 5.32$, $M = 5.30$) e neuroticismo ligeiramente inferior ($M_{PSD} = 3.17$, $M = 3.21$). A abertura mantém-se elevada ($M_{PSD} = 5.61$, $M = 5.63$), embora ligeiramente abaixo da média da amostra. Ideologicamente, destacam-se por atitudes de autoritarismo ($M_{PSD} = 2.90$, $M = 2.58$), conservadorismo social ($M_{PSD} = 2.47$, $M = 2.25$), liberalismo económico ($M_{PSD} = 3.00$, $M = 2.82$) e de religiosidade ($M_{PSD} = 3.05$, $M = 2.72$), acima da média. O perfil é consistente com um eleitorado de centro-direita tradicional, valorizando estabilidade, mercado e instituições culturais.

O perfil médio dos Independentes ($n = 61$) revela níveis ligeiramente abaixo da média em abertura ($M_{IND} = 5.56$, $M = 5.63$) e amabilidade ($M_{IND} = 5.22$, $M = 5.30$), acima da média em Conscienciosidade ($M_{IND} = 5.38$, $M = 5.29$), ligeiramente abaixo em Extroversão ($M_{IND} = 5.05$, $M = 5.29$) e neuroticismo ligeiramente superior à média ($M_{IND} = 3.29$, $M = 3.22$). Ideologicamente, apresentam valores ligeiramente inferiores à média em Autoritarismo ($M_{IND} = 2.46$, $M = 2.58$), conservadorismo social ($M_{IND} = 2.19$, $M = 2.25$) e liberalismo económico ($M_{IND} = 2.69$, $M = 2.82$), com a religiosidade está a rondar a média ($M_{IND} = 2.69$, $M = 2.72$). Este perfil sugere um eleitorado ideologicamente moderado e não dogmático, mais introspectivo e com menor identificação com estruturas autoritárias ou conservadoras.

6. Discussão

6.1. Discussão dos Resultados

6.1.1. Resultados Confirmados

A Conscienciosidade foi o traço que mais se aproximou de confirmar as previsões teóricas formuladas na literatura internacional. A sua associação a valores conservadores, à ordem social e à disciplina normativa tem sido recorrentemente reportada (Vecchione et al., 2011, p.740; Gerber et al., 2011b, p.269), com estudos a indicar que indivíduos com

pontuações elevadas neste traço tendem a valorizar hierarquia, tradição e previsibilidade, agendas ideológicas de direita. Nesta amostra a Conscienciosidade revelou correlações positivas com atitudes autoritárias e religiosas, correlações coerentes com a postura conservadora e também com o liberalismo económico, reforça a hipótese de que este traço se associa a preferências políticas mais à direita, neste caso através do apoio a uma menor intervenção estatal na economia e à valorização da responsabilidade individual. Este resultado é coerente com a literatura que descreve indivíduos conscienciosos como mais diligentes, orientados para regras e com maior valorização da ordem e da meritocracia (Bakker, 2016, p.3). Além disso, o traço mostrou-se negativamente correlacionado com a simpatia por partidos progressistas como o Bloco de Esquerda e o Livre, reforçando a ideia de que os indivíduos mais conscienciosos tendem a evitar forças políticas que promovem mudança social acelerada ou contestação da ordem vigente. Contudo, esta associação, embora estatisticamente significativa em alguns indicadores, revelou-se parcial e fragmentada. Por um lado, esta dimensão demonstrou médias mais elevadas nos partidos tradicionalmente associados ao apelo à ordem e estabilidade, como o PSD, o CDS e o Chega. Por outro lado, a ausência de significância estatística em algumas medidas como a orientação no eixo Esquerda/Direita sugere que a expressão ideológica da Conscienciosidade depende da configuração política local, e não apenas das predisposições individuais. Ainda assim, observa-se um padrão consistente com a hipótese formulada, sugerindo que os valores associados a este traço, como o cumprimento de regras, a valorização da ordem e do esforço individual, podem encontrar expressão política em partidos que defendem estruturas sociais mais rígidas e princípios de autoridade. Em contraste, verificam-se médias mais baixas com o Bloco de Esquerda e com o Livre, dois partidos cuja retórica assenta em valores de liberdade cultural, transformação social e flexibilização das normas estabelecidas, valores que são menos compatíveis com a Conscienciosidade. Estes resultados contribuem para reforçar a leitura teórica que associa este traço a uma preferência por estabilidade institucional e resistência à mudança. Os resultados relativos ao Neuroticismo também oferecem confirmação parcial das hipóteses teóricas formuladas. Este traço, classicamente definido pela tendência à ansiedade, ameaça e preocupação com a segurança pessoal, tem sido conceptualizado como um preditor relevante de atitudes progressistas (Schoen & Schumann, 2011, p.482; Sibley & Duckitt, 2010, p.175). Nesta amostra o Neuroticismo revelou uma correlação negativa com o liberalismo económico, o que sugere uma preferência por modelos mais intervencionistas do Estado e pela proteção social, o que

vai na linha com a hipótese de que este traço está associado à preferência por políticas que oferecem segurança emocional e estabilidade económica (Schoen & Schumann, 2011, p.482). O traço mostrou ainda médias elevadas no Bloco de Esquerda e no PCP, partidos com agendas fortemente focadas em direitos sociais, cuidado institucional e justiça económica, o que reforça a leitura do Neuroticismo como predisposição para estruturas que ofereçam acolhimento, previsibilidade e apoio emocional. Contudo, esta associação não se estendeu às restantes dimensões ideológicas. O Neuroticismo não se correlacionou com atitudes autoritárias, conservadoras ou religiosas, contrariando parte da literatura que sugere uma sensibilidade à ameaça cultural como catalisador do conservadorismo social (Schoen & Schumann, 2007, p.478). Esta ausência pode dever-se ao contexto político português, onde as ameaças culturais têm menor saliência eleitoral em comparação com os temas socioeconómicos, apesar de na análise das médias por partido ter revelado um resultado que merece menção, que é que os eleitores do Chega apresentaram níveis médios de Neuroticismo ligeiramente superiores aos da amostra geral, à semelhança do Bloco de Esquerda e PCP. Este achado dá algum suporte à hipótese secundária – já debatida por Schoen & Schumann (2007, p.478) – de que, em certos contextos, partidos da nova direita populista mobilizam sentimentos de ameaça e ansiedade moral. No entanto, como não se observou uma correlação estatisticamente significativa entre Neuroticismo e simpatia pelo Chega, este resultado deve ser interpretado com cautela.

6.1.2. Resultados Contraintuitivos

Os traços da Abertura à Experiência e a Amabilidade são as duas surpresas principais deste estudo. Assumiu-se que estariam associados a atitudes políticas mais progressistas, manifestando-se tanto em menor Autoritarismo e Conservadorismo como na preferência por partidos de esquerda ou com agendas culturais e sociais liberais como o BE, Livre, PAN e PS, algo fortemente consolidado na literatura internacional. No entanto, os resultados obtidos não confirmam esta expectativa.

A Abertura à Experiência apresentou apenas uma correlação fraca e marginalmente significativa com o Liberalismo, não se verificando associações significativas com o Autoritarismo ou Conservadorismo. Mais surpreendente foi a análise das correlações entre Abertura à Experiência e o voto em partidos concretos que não só não confirmou uma associação positiva com os partidos progressistas, como se

observaram médias descritivas em sentido inverso ao previsto, nomeadamente uma média a baixo da média no Bloco de Esquerda e no Livre e uma a cima da média com o Chega.

Estes resultados contrariam a literatura internacional que associa os programas de solidariedade, bem-estar colectivo e de tolerância à diversidade do eixo da esquerda, a indivíduos mais abertos e amáveis (Vecchione et al., 2011, p.740). Indivíduos com níveis mais elevados destes traços demonstram de forma consistente maior propensão para o progressismo cultural, a aceitação da diferença, o cosmopolitismo e a redistribuição. A Amabilidade, em particular, tem sido associada a empatia moral, cooperação social e compromisso com normas éticas inclusivas (Vecchione et al., 2011, p.740). No entanto, na amostra portuguesa analisada, observa-se o padrão oposto em que tanto a Abertura à Experiência como a Amabilidade não se associam ao voto em partidos com plataformas igualitárias e éticas explícitas, como o Livre, o PAN ou o Bloco de Esquerda.

Pelo contrário, como já mencionado, a Abertura à Experiência mostrou a média descritiva mais elevada com o Chega, e a Amabilidade apresentou valores baixos, inconsistentes e sem significância estatística com atitudes como o Autoritarismo ou o Conservadorismo Social. Esta contradição face à literatura internacional pode ter várias explicações, por exemplo Sibley et al em 2012 (p.664) demonstraram que em situações de baixa ameaça sistémica, existe uma correlação negativa moderada entre Abertura e Conservadorismo Político, ou seja que indivíduos mais abertos tendem a ser menos conservadores. Contudo, quando o nível de ameaça é moderado, essa relação torna-se praticamente irrelevante. Estes resultados sugerem que as associações entre personalidade e ideologia política são moldadas por factores contextuais, como as restrições económicas e sociais. Porém, a explicação principal podendo ser que em sociedades com níveis elevados de desencantamento partidário, como Portugal, traços de empatia ou sensibilidade moral podem não se traduzir automaticamente em adesão a agendas partidárias.

O voto no Chega reforça esse desencantamento. É de mencionar que o Chega cresceu em todos os grupos sociais de 2022 para 2025 e que é o partido mais votado pelos jovens do sexo masculino (Magalhães & Cancela, 2025, p.1). Este fenómeno pode sugerir que, para esta categoria demográfica, a exigência de mudança radical e contestação da ordem estabelecida pode sobrepor-se à coerência ideológica tradicional. A busca de novidade, a impulsividade e a rejeição do sistema político vigente são subdimensões que podem coexistir dentro da Abertura à Experiência e assim o voto no Chega pode ser lido não como expressão de valores conservadores clássicos, mas como resposta a uma

degradação percebida do sistema político convencional. Isto reforça que a expressão política dos traços de personalidade depende fortemente do contexto político em que são medidos, já que no contexto português desta amostra os indivíduos mais abertos à experiência afastam-se de partidos de Esquerda. Outra explicação é metodológica, a utilização de um modelo de personalidade em que se discrimina apenas as dimensões globais sem recurso às suas subdimensões, pode estar a obscurecer associações mais subtis entre traços de personalidade e atitudes políticas. Dentro da Abertura à Experiência, existem diferentes subdimensões que poderão ser associadas a atitudes mais progressistas e subdimensões mais associadas a atitudes conservadoras. Por fim, outra explicação metodológica que pode justificar a contradição com a literatura internacional, poderá ser o efeito do viés de desejabilidade social na resposta às perguntas por parte dos participantes. Os itens utilizados para medir a Amabilidade, por exemplo o P.2.18 Sou uma pessoa humilde, ou o P.2.12 Sou altruísta, podem ter sido respondidos de uma forma socialmente aceitável por participantes de eixos totalmente diferentes, reduzindo consideravelmente o poder preditivo deste traço. A Extroversão, também se manifestou no sentido oposto ao esperado. Em vez de se associar positivamente ao liberalismo cultural, como seria de esperar à luz de estudos realizados em contextos europeus (Bakker, et al., 2016, p.315; Sibley & Duckitt, 2010, p.174), este traço associou-se positivamente à Direita e negativamente à Esquerda. Este padrão, curiosamente, aproxima-se mais dos resultados verificados em alguns estudos ingleses e italianos, onde a Extroversão tem sido correlacionada com atitudes de ordem, segurança e inserção social e ao voto conservador (Falcão et al., 2023, p.6; Vecchione et al., 2011, p.740). Uma justificação possível é que nesta amostra a Extroversão pode estar menos associada a abertura mental e mais próxima de traços como afiliação e conformidade social, os quais se alinham melhor com partidos do eixo Centro e Direita. Novamente, aqui vemos que o facto deste modelo não estar a conseguir discriminar as subdimensões da Extroversão, está a impossibilitar associações mais subtis entre traços de personalidade e atitudes políticas. Também dentro do que se tem explorado neste estudo, este resultado da Extroversão pode ser também efeito de mudanças na estrutura do voto em que partidos conservadores conseguem recrutar eleitores mais jovens, socialmente activos (Magalhães & Cancela, 2025) e extrovertidos, particularmente em contextos onde o conservadorismo pode estar a ser reconfigurado como uma posição de alternativa.

6.3. Pontos Fortes

6.3.1. Aplicação num Contexto Nacional Negligenciado

O presente estudo pretende estudar um contexto político e cultural amplamente negligenciado pela literatura – o português contemporâneo. Enquanto na Alemanha, Itália, Bélgica ou Países Baixos existe uma investigação consolidada que cruza traços de personalidade com preferências políticas e ideológicas, Portugal permanece praticamente ausente desta linha científica, tanto no nível empírico como institucional, que demonstram o carácter ainda embrionário da Psicologia Política em Portugal.

Neste cenário, o presente estudo assume um papel relevante, ao aplicar um modelo psicossocial a uma amostra portuguesa contemporânea, recolhendo dados originais e analisando-os com ferramentas estatísticas. O estudo poderá constituir um contributo inovador ao procurar adaptar hipóteses amplamente testadas em contextos internacionais para o caso português, caracterizado por um sistema multipartidário e dinâmicas sociopolíticas distintas. Além disso, ao evidenciar que muitas correlações já bastante descritas na literatura, como Abertura à Experiência se correlacionar com progressismo, não se replicar na amostra portuguesa, o estudo oferece contributos importantes para a crítica epistemológica das teorias existentes.

A discrepância entre as expectativas teóricas e os dados reais não é lida aqui como erro ou falha, ainda que exista a possibilidade de discrepâncias resultarem de limitações metodológicas, procurámos minimizar esse risco através do uso de instrumentos validados e de procedimentos estatísticos robustos. Além disso, a literatura mostra que relações entre traços de personalidade e orientação política podem variar conforme o contexto cultural e institucional – e o caso português, pouco estudado, oferece especificidades que podem justificar estas diferenças. Por isso interpretamos estes resultados não como uma falha, mas como um contributo para compreender até que ponto os modelos teóricos se aplicam, ou precisam de ajustes, em contextos diferentes.

Por tudo isto, o estudo representa um passo significativo não só no reforço empírico da Psicologia Política portuguesa, mas também no seu posicionamento no interior da disciplina internacional, contribuindo para uma Psicologia Política descentralizada e sensível às complexidades nacionais.

6.3.2. Integração de Níveis de Análise Multidimensionais

Um dos contributos metodológicos e teóricos mais relevantes deste estudo está na articulação entre diferentes níveis de análise, desde o comportamental, ao atitudinal ao

disposicional, assim permitindo uma leitura mais completa do eleitorado português. Ao contrário de outros estudos que se limitam a correlacionar traços de personalidade com autoidentificação ideológica genérica ('és mais de esquerda, ou de direita?'), o presente estudo cruza traços de personalidade (modelo *Big Five*); atitudes ideológicas (autoritarismo, conservadorismo social, liberalismo económico, religiosidade); posicionamento político autoidentificado no eixo Esquerda/Direita; e simpatia partidária concreta (voto declarado ou intenção de voto). Como argumenta Grow, J. (2025, p.1), a crescente complexidade política desafia o paradigma binário Esquerda/Direita, exigindo modelos que capturem a diversidade de alinhamentos em domínios culturais, económicos e identitários.

Esta estratégia metodológica permite testar correlações item-a-item, para identificar contradições internas entre traço e atitude e construir perfis médios por partido, oferecendo uma cartografia inédita da psicologia do voto em Portugal. Ao conjugar as disposições internas (traços), representações ideológicas (atitudes) e comportamentos efectivos (simpatia partidária), o estudo reconhece que a ideologia emerge da interação entre várias predisposições psicológicas, como os processos sociais de identificação, experiências de vida e estruturas de oportunidade partidária. Esta abordagem alinha-se com propostas contemporâneas em psicologia política (Jost et al., 2009, pp.119-120); Federico & Malka, 2018, p.3), que defendem modelos relacionais, não deterministas, onde a personalidade predispõe, mas não determina.

Também é de salientar que isto permite uma compreensão mais realista e situada do comportamento eleitoral. Ao associar certos traços de personalidade a partidos específicos, o estudo mostra como certas disposições psicológicas se expressam de formas diferentes conforme o contexto político e simbólico nacional, por exemplo eleitores com altos níveis de Conscienciosidade podem votar no Chega, no CDS ou no PSD, mas por razões diferentes e isso é algo que só se torna visível ao analisarmos também as atitudes ideológicas destes indivíduos.

Ao recusar-se utilizar o tradicional eixo unidimensional Esquerda/Direita, para evitar reduzir o comportamento político a uma lógica binária e ao optar antes por uma abordagem multidimensional da ideologia política, este estudo acaba por ser mais sensível à complexidade do posicionamento político contemporâneo. Em vez de assumir a ideologia como algo unidimensional, o estudo operacionaliza quatro eixos distintos: o Autoritarismo, o Conservadorismo Social, o Liberalismo Económico e a Religiosidade – que mesmo estando inter-relacionados em certos contextos, representam dimensões

conceptualmente autónomas. Esta decisão metodológica é um posicionamento que alinha o estudo com os desenvolvimentos mais recentes da Ciência Política (Grow, 2025, p.1) bem como com propostas da psicologia política que têm vindo a desafiar a rigidez do eixo.

Esta abordagem permite captar ambivalências e contradições internas nos perfis ideológicos, por exemplo, indivíduos culturalmente conservadores, mas economicamente progressistas comuns em certos eleitorados da direita populista, ou indivíduos libertários no plano social, mas alinhados com agendas económicas neoliberais, como no caso da Iniciativa Liberal. Estas composições ideológicas seriam invisíveis num modelo unidimensional, onde esta complexidade é forçada a caber num só eixo. Além disso, a introdução da Religiosidade como dimensão autónoma revela-se particularmente pertinente no caso português, onde o peso simbólico do catolicismo cultural e o papel social da Igreja influenciam atitudes morais e políticas de forma nem sempre coincidente com o eixo Esquerda/Direita. Esta inclusão permite testar hipóteses diferenciadas sobre a relação entre religiosidade, conservadorismo e apoio a partidos com discurso moralista ou identitário.

Ao revelar que os traços de personalidade se correlacionam de forma diferenciada com cada uma destas dimensões, o estudo contribui para um afinamento conceptual das relações entre psicologia e ideologia. Em vez de buscar correlações generalizadas entre traços e ‘ser de esquerda’ ou ‘ser de direita’, o estudo multidimensional da ideologia não só aumenta o poder discriminativo do modelo, como também permite mapear com maior precisão os pontos de contacto entre estrutura psicológica e estrutura ideológica, contribuindo para um modelo mais realista.

6.4. Limitações do Estudo

Apesar de este estudo oferecer contributos relevantes para a compreensão das relações entre traços de personalidade e orientação política, importa reconhecer um conjunto de limitações metodológicas, conceptuais e empíricas que devem ser tidas em conta na interpretação dos resultados. Estas limitações, longe de deslegitimarem completamente os achados, apontam caminhos concretos para investigações futuras mais refinadas.

6.4.1. Limitações da amostra

Uma limitação central reside na estrutura não representativa da amostra. Apesar do número razoável de participantes ($N = 319$), trata-se de uma amostra de conveniência, recolhida online e fortemente enviesada para perfis urbanos e com capital educacional elevado. Esta sobrerrepresentação de indivíduos mais escolarizados poderá ter introduzido pouca variância em certas variáveis críticas, como o conservadorismo, religiosidade ou autoritarismo, limitando a detecção de efeitos significativos. Além disso, o número de participantes em certos partidos como o PAN, ou o PCP é extremamente reduzido, o que fragiliza a validade inferencial dos perfis médios, logo estas análises devem ser interpretadas com cautela, pois são vulneráveis a distorções estatísticas e a flutuações aleatórias.

6.4.2. Limitações Conceptuais e Psicométricas

A aplicação do modelo *Big Five*, embora consolidada na literatura, revela algumas limitações enquanto ferramenta explicativa. Trata-se de um modelo lexical descritivo, que não foi originalmente concebido para captar as dinâmicas motivacionais subjacentes ao comportamento político, ou seja, o modelo é bom para organizar variação comportamental, mas limitado para explicar os mecanismos subjacentes à formação de atitudes ideológicas.

Como argumentam Paunonen e Ashton (2001, p.524) e Caprara e Vecchione (2017, p.52-54), as cinco grandes dimensões, por serem factores com amplo espectro, podem fundir subdimensões com orientações ideológicas divergentes. Esta limitação torna-se particularmente visível quando se analisam os efeitos da Abertura à Experiência, frequentemente considerada o traço mais fortemente associado ao progressismo cultural. Estudos como os de DeYoung, Peterson J.B. & Higgins (2005, 847) demonstram que a Abertura pode ser decomposta em duas subdimensões principais: a Abertura Intelectual, associada à busca de ideias novas, interesse por argumentos complexos e pensamento divergente; e a Abertura Estética/Imaginativa, associada à sensibilidade artística, imaginação, apreciação da beleza e fantasia. Como demonstrado, estas duas facetas embora sejam correlacionadas, não são psicologicamente equivalentes, nem congruentes em termos políticos visto que se associam a diferentes tipos de cognição e até a padrões distintos.

O estudo de Aichholzer, Danner & Rammstedt (2018, p.20-21) mostra que a faceta de Abertura Intelectual, como utilização que os indivíduos fazem da Abertura à

Experiência, se correlaciona sistematicamente com atitudes liberais e progressistas; já a Abertura Estética pode variar na sua relação com ideologia conforme o contexto e a amostra. Poderá ser positiva em relação a valores conservadores, sobretudo quando ligados a narrativas nostálgicas e estéticas identitárias. Neste sentido, a utilização de uma medida unidimensional de Abertura à Experiência, como foi o caso neste estudo, pode explicar alguns resultados contraintuitivos ou inconsistentes – nomeadamente, a correlação positiva entre Abertura à Experiência e intenção de voto no Chega.

Este resultado, à luz do modelo subdimensional, poderá deixar de ser paradoxal ao hipoteticamente indicar que certas subdimensões da Abertura à Experiência estão a ser canalizadas para formas ideológicas reaccionárias, especialmente em contextos de desconforto cultural ou frustração institucional. Este problema estende-se a outras dimensões do modelo, como a Conscienciosidade, que pode incluir tanto a diligência normativa, associada à ordem social, como a perseverança meritocrática, associada a liberalismo económico. Já a Amabilidade pode reflectir, em simultâneo, uma tendência pró-social associada a políticas redistributivas e uma aversão à confrontação que pode traduzir-se em conformismo político ou em despolarização (Aichholzer, Danner & Rammstedt, 2018, p.21).

Finalmente, importa referir que o uso de versões reduzidas dos instrumentos, embora seja metodologicamente útil para inquéritos mais leves, acaba por agravar ainda mais esta limitação, ao restringir o número de itens por dimensão e impossibilitar a distinção clara entre subdimensões. O recurso a escalas como o NEO-PI-R permitiria uma leitura mais robusta da associação entre personalidade e ideologia, reduzindo as limitações aqui identificadas.

6.4.3. Limitações de Medida das Atitudes Políticas

Do lado das variáveis dependentes, as atitudes políticas, é possível que as escalas utilizadas, embora inspiradas em instrumentos validados e recorrentes na literatura internacional, não tenham captado plenamente a complexidade do posicionamento ideológico, sobretudo num contexto político como o português.

As dimensões de Autoritarismo e Conservadorismo Social, apesar de fundamentais, são insuficientes para captar a totalidade da orientação política contemporânea, que frequentemente se articula em torno de novas clivagens, como o posicionamento face à transição ecológica, à multiculturalidade, à autodeterminação de

género, ou à militarização. A utilização de uma dimensão de Liberalismo Económico, tratada como uma dimensão unificada, ou seja sem a distinção entre liberalismo de mercado clássico, ou nacionalização/privatização, ou integração transnacional, pode ter fundido atitudes ideologicamente distintas, mascarando subdimensões ideológicas mais específicas e assim reduzindo a sua sensibilidade discriminativa, removendo categorizações fundamentais que poderiam ter sido operacionalizadas como direita libertária/proteccionista e esquerda redistributiva/desenvolvimentista.

Além disso, nenhuma das escalas utilizadas distingue posições ideológicas reactivas, motivadas por ameaça/ressentimento, de posições afirmativas, motivadas por ideais normativos ou por visões utópicas. Como resultado, duas pessoas com atitudes semelhantes numa escala de conservadorismo podem tê-las por razões diferentes, por exemplo uma por nostalgia moral e a outra por pragmatismo institucional e ainda outra por reacção emocional a mudanças rápidas. Vários autores (Feldman & Johnston, 2014, p.337; Grow, 2025, p.1) têm defendido a necessidade de ultrapassar a dicotomia simplista Esquerda/Direita e incorporar modelos multidimensionais da ideologia, com maior granularidade temática e menor dependência de categorias herdadas.

6.4.4. Limitações Metodológicas

Todas as análises realizadas no presente estudo têm natureza correlacional e transversal, como tal, as associações observadas entre traços de personalidade e atitudes políticas devem ser interpretadas evitando a causalidade, ou seja, os dados indicam padrões de covariação estatística, não relação de determinação unidireccional.

Embora a maior parte da literatura parte da premissa de que os traços de personalidade, sendo relativamente estáveis ao longo da vida, preexistem e determinam as atitudes políticas, vários estudos sugerem que a relação entre personalidade e política é contextual (Bloeser, et al., 2013, p.9; Gerber et al., 2011b, pp.275-276). Como nota Jost em 2006 (p.654), os traços de personalidade podem predispor os indivíduos a responder de determinada forma a ameaças, por exemplo, mas o conteúdo dessas ameaças é culturalmente mediado. Um mesmo perfil psicológico pode, num contexto histórico diferente, alinhar-se com atitudes progressistas, e noutra, com atitudes conservadoras, dependendo da estrutura contextual. A natureza transversal do estudo agrava esta limitação, uma vez que não permite observar variação intra-individual ao longo do tempo.

São necessários, mas escassos, dados que revelem se mudanças ideológicas estão associadas a estabilidade ou transformação dos traços de personalidade, ou se certas experiências políticas como radicalização ou desilusão correspondem a mudanças de ordem disposicional. A ausência de medidas temporais repetidas impede ainda avaliar a estabilidade da ideologia face à personalidade. Por exemplo, é possível que o peso dos traços seja maior em momentos de baixa polarização, e menor em períodos de activação política (Bloeser et al., 2013, p.3; Sibley et al., 2012, p.672).

Para superar estas limitações, seriam necessários estudos longitudinais, que acompanhassem o mesmo grupo de participantes ao longo do tempo, com medições sucessivas de traços de personalidade, atitudes políticas e eventos contextuais. Isto permitiria analisar efeitos de *Cohort* em gerações formadas em contextos distintos, por exemplo jovens politizados na crise de 2009 e jovens politizados na pandemia de 2020. Outra abordagem alternativa seria a implementação de experiências de exposição simbólica ou de ameaça, como sugerido por Hibbing et al. (2014, p.297), para testar como diferentes perfis de personalidade reagem a mensagens políticas divergentes. Isso permitiria observar efeitos causais induzidos por contexto simbólico, preservando a complexidade do fenómeno sem depender apenas de dados observacionais.

6.4.5. Viéses do Estudo

Uma das limitações metodológicas mais comuns em estudos de psicologia decorre da dependência exclusiva de instrumentos de autorrelato. Embora práticas, económicas e psicometricamente aceitáveis, as escalas de autorrelato são particularmente vulneráveis à viés de desejabilidade social, a tendência dos participantes para responderem de forma socialmente aceitável e não necessariamente verdadeira ou espontânea. Tal fenómeno manifesta-se na sobredeclaração de traços considerados moralmente positivos, por exemplo a tolerância, ou o altruísmo e na subdeclaração de atitudes controversas como sentimentos de xenofobia, ou simpatia por partidos polarizadores, como o Chega, relativamente aos quais, que como polarizam o espaço político e enfrentam forte condenação mediática, é plausível que alguns participantes tenham atenuado ou omitido a sua verdadeira simpatia partidária ou reformulado as suas atitudes ideológicas para evitar dissonância social. Este tipo de resposta enviesada compromete a validade externa das conclusões e pode subestimar a força real de certas correlações. Este fenómeno pode ser mitigado com instrumentos de controlo, como itens para detectar padrões de resposta

artificialmente positivos, ou aplicar métodos indirectos de análise a preferências comportamentais simuladas.

7. Conclusão

7.1. Principais Conclusões

O presente estudo teve como principal objectivo analisar em que medida os traços de personalidade do modelo *Big Five* se associam com atitudes políticas, orientações ideológicas e simpatias partidárias no contexto português contemporâneo. Partindo da premissa de que a personalidade constitui uma disposição psicológica relativamente estável, o estudo procurou testar empiricamente a hipótese de que diferentes traços de personalidade se associam a diferentes comportamentos sociopolíticos. Para isso, adoptou-se uma abordagem multidimensional da ideologia política, superando a tradicional dicotomia unidimensional do eixo Esquerda/Direita. O modelo utilizado distinguiu quatro eixos ideológicos relevantes e teoricamente fundamentados: o Autoritarismo, o Conservadorismo Social, o Liberalismo Económico e a Religiosidade, assim permitindo revelar perfis ideológicos que não se alinham necessariamente de forma linear no espectro político convencional.

Foi possível, por exemplo, detectar indivíduos culturalmente conservadores, mas economicamente intervencionistas, ou economicamente liberais, mas socialmente progressistas, algo que seria invisível no eixo Esquerda/Direita. Os resultados deste estudo confirmam que existe uma associação estatisticamente significativa entre certos traços de personalidade e dimensões ideológicas, mas esta associação é moderada, fragmentada e pouco uniforme.

Os traços do modelo *Big Five* que se seguem, mostram capacidade explicativa limitada no que toca à previsão de atitudes políticas, o que implica uma leitura prudente dos seus efeitos. A Conscienciosidade destacou-se como o traço com maior consistência no alinhamento com valores conservadores e liberais do ponto de vista económico. Este resultado está em linha com a literatura internacional, que associa a Conscienciosidade a uma valorização da ordem, da autodisciplina e da estabilidade normativa – elementos frequentemente mobilizados por discursos de direita (Vecchione et al., 2011, p.738). No entanto, mesmo esta tendência apresentou variações subtis consoante o tipo de atitude medida (económica, moral ou partidária), e nem todas as correlações atingiram significância estatística, o que revela uma fragilidade da robustez preditiva do traço.

O Neuroticismo, por sua vez, revelou uma associação negativa com o liberalismo económico e médias descritivas a cima da média da amostra no voto no Bloco de Esquerda e no Chega. Estes resultados sugerem que indivíduos mais sensíveis à ameaça ou à instabilidade tendem a preferir posições ideológicas que oferecem segurança económica, reconhecimento emocional ou agendas de cuidado social ou de protecção cultural – o que está em conformidade com hipóteses já exploradas na literatura europeia (Schoen & Schumann, 2007, p.478). No entanto, o Neuroticismo não se correlacionou com atitudes autoritárias ou religiosas, o que contradiz algumas expectativas teóricas mais amplas, reforçando a necessidade de análises mais diferenciadas dos tipos de ameaça que cada traço sensível mobiliza.

A Amabilidade, contrariamente às hipóteses formuladas, não se revelou um preditor robusto de atitudes políticas pró-sociais ou éticas. Apesar da direcção esperada das correlações (negativas com conservadorismo e autoritarismo), os valores foram baixos e não significativos. Isso pode sugerir que a sensibilidade interpessoal expressa por este traço não se traduz automaticamente em posicionamentos políticos progressistas.

A Abertura à Experiência apresentou os resultados mais contraintuitivos devido a não se ter associado de forma significativa ao progressismo político e porque revelou a média descritiva mais forte no Chega. Este resultado desafia a literatura internacional, que posiciona este traço como o principal correlato psicológico do liberalismo cultural (Falcão et al., 2023, p.15).

Uma explicação possível reside na heterogeneidade interna do constructo, enquanto subdimensões como a Abertura Intelectual alinham-se com maior significância com valores progressistas, outras subdimensões como a busca de novidade, ou a Abertura Estética podem ser mobilizadas por discursos disruptivos como os do populismo radical. Estas múltiplas subdimensões do traço da Abertura à Experiência justifica a necessidade de abordagens multifacetadas no futuro.

Por fim, a Extroversão apresentou uma correlação positiva com atitudes conservadoras e simpatia por partidos de direita, resultado igualmente inesperado. Tradicionalmente associada ao engajamento social, ao dinamismo e à abertura a novas experiências sociais, a Extroversão seria, teoricamente, mais compatível com atitudes liberais.

No entanto, o estudo revelou que indivíduos mais extrovertidos tenderam a preferir partidos como o CDS e o PSD, e a rejeitar o Bloco de Esquerda. Este padrão pode sugerir que a Extroversão, num contexto sociocultural específico como o português, se

associa mais fortemente ao conservadorismo. Os resultados indicam que as correlações entre personalidade e ideologia variam consoante o contexto político, já que as tendências observadas na literatura internacional não se replicam integralmente no caso português e isto reforça a ideia de que a expressão política da personalidade depende do ambiente cultural, da estrutura do sistema partidário e das suas clivagens ideológicas locais.

Por fim, o presente estudo confirma que o modelo *Big Five* proporciona uma lente útil para analisar predisposições psicológicas e perceber como é que se articulam com atitudes políticas. A sua estrutura das cinco grandes dimensões, permite capturar variações significativas entre indivíduos, e tem demonstrado, ao longo da literatura, capacidade preditiva moderada em diversos domínios ideológicos. No entanto, os resultados deste estudo revelam limitações teóricas, psicométricas e interpretativas sérias, que pedem prudência no uso exclusivo deste modelo e sugerem a necessidade de abordagens mais robustas, nomeadamente abordagens que incluam subdimensões destes traços.

7.2. Contributos Teóricos

7.2.1. Psicologia Política

O presente estudo inscreve-se no esforço de consolidar a Psicologia Política como campo interdisciplinar, capaz de articular dimensões psicossociais, ideológicas e culturais na compreensão do comportamento político. Apesar de internacionalmente consolidada enquanto subdisciplina híbrida entre a Psicologia Social e a Ciência Política, a Psicologia Política permanece ainda criticamente subdesenvolvida no contexto académico português. A sua presença nos currículos universitários é residual, as investigações empíricas são praticamente inexistentes e a articulação entre psicólogos e politólogos é nula.

Esta marginalidade institucional contrasta com a relevância crescente da área da Psicologia, tanto no plano teórico como aplicado. A Psicologia Política ocupa uma posição única ao articular disposições individuais com estruturas sociais e ideológicas, permitindo observar o indivíduo político não apenas como objecto externo de análise, mas como dimensão internalizada da experiência pessoal. Esta abordagem tem o potencial de contribuir para ambas as disciplinas envolvidas: a Ciência Política ganha instrumentos para compreender por que razão os indivíduos aderem a certas visões do mundo, resistem à mudança ou se envolvem, ou não, politicamente, para além das

estruturas institucionais; e a Psicologia ganha acesso a fenómenos de acção colectiva, identidade ideológica, radicalização e engajamento cívico.

Neste sentido, a Psicologia Política deve ser reconhecida não apenas como uma área de fronteira, mas como um terreno de intersecção fértil, onde é possível construir modelos mais densos, mais realistas e mais humanos da acção política. Num momento de polarização crescente e transformação digital da esfera pública, este tipo de compreensão torna-se não só intelectualmente relevante, mas socialmente urgente.

7.2.2. Validação de Hipóteses da Literatura Internacional em Contexto Português

Este estudo constitui, até à data, um dos poucos trabalhos que cruza de forma sistemática o modelo *Big Five* com atitudes políticas numa amostra portuguesa contemporânea. Fornece um conjunto de correlações, perfis médios e padrões de voto com base em traços psicológicos que podem servir de base para investigações futuras, comparações longitudinais ou triangulações internacionais.

Este estudo confirma parcialmente a associação entre certos traços e preferências políticas como a Conscienciosidade e atitudes conservadoras, mas também revela incongruências relevantes como a ausência de correlação entre Abertura à Experiência e progressismo, ou a Extroversão que no contexto português, está associada a atitudes conservadoras, à semelhança do contexto italiano (Vecchione et al., 2011, p.739) e diferente de outros contextos multipartidários europeus (Schoen & Schumann, 2005, p.17), o que sugere que os padrões estabelecidos noutros contextos não se reproduzem automaticamente em Portugal. Este dado reforça a importância de estudos atentos às especificidades culturais e eleitorais de cada país.

Também de mencionar que ao construir perfis médios de personalidade e atitudes políticas para os eleitores de diferentes partidos, o estudo oferece um retrato inédito da Psicologia Política do eleitorado português, destacando diferenças relevantes entre simpatizantes de partidos como BE, PS, IL, Chega ou PSD. Embora as amostras sejam consideravelmente pequenas, estes perfis contribuem para uma compreensão mais fina da segmentação ideológica em Portugal, com potencial utilidade para a análise eleitoral, jornalismo político e intervenção cívica.

Estes contributos reforçam a necessidade de uma abordagem contextual, multidimensional e crítica da Psicologia Política. Este estudo contribui para uma compreensão mais realista da relação entre personalidade e ideologia política. Longe de

chegar a respostas definitivas, oferece um mapeamento empírico rigoroso e uma base sólida que vai além de dicotomias simplificadoras – como o eixo Esquerda/Direita – para investigação futura.

7.3. Recomendações para Futuros de Estudos

7.3.1. Utilização de Modelos de Personalidade mais Robustos

Embora o *Big Five* seja fundamental na padronização da psicometria da personalidade, a sua estrutura de cinco factores globais tem-se revelado limitada para explicar a diversidade de atitudes políticas e o comportamento eleitoral em contextos contemporâneos (Vecchione et al., 2011, p.741). Uma alternativa poderá ser o modelo HEXACO (Ashton & Lee, 2007, pp.44-45) que propõe uma estrutura de seis dimensões, em que se acrescenta à arquitectura das cinco grandes dimensões uma nova dimensão, a Honestidade-Humildade. Esta dimensão tem sensibilidade para medir traços como sinceridade, justiça, modéstia e rejeição da manipulação pessoal e tem-se mostrado particularmente relevante na investigação sobre fenómenos políticos como o populismo de direita, onde níveis baixos de Honestidade-Humildade se associam a maior aceitação de retórica autoritária e punição moral (Hilbig, Zettler & Heydasch, 2012, p.245). A inclusão desta dimensão permitiria, por exemplo, diferenciar eleitores com elevados níveis de conscienciosidade, mas com motivações morais divergentes, uma sensibilidade que o modelo *Big Five* não consegue capturar de forma clara.

Outra direcção importante é a adopção de modelos com clara discriminação das subdimensões como o NEO-PI-R, ou o mais recente BFI-2, em que cada uma das cinco dimensões globais têm subdimensões diferenciadas, por exemplo a Abertura à Experiência tem as subdimensões de curiosidade intelectual, imaginação criativa e sensibilidade estética e a Conscienciosidade inclui a ordem, perseverança, sentido de dever e autodisciplina., factores que parecem ter afluído os nossos resultados ou, pelo menos, significariam a possibilidade de uma discriminação mais profunda dos traços complexos.

Estas subdimensões permitem captar nuances psicossociais com maior poder discriminativo, essencial quando se trata de distinguir tipos de eleitorado ou estilos de engajamento político. Como demonstraram DeYoung, C. G., Quilty, L. C., & Peterson, J. B. em 2007 (p.894) as subdimensões da Abertura estão sistematicamente ligadas a diferentes padrões, logo adoptá-las aumentaria o poder preditivo do modelo e permitiria

testar hipóteses mais específicas. Por exemplo, um eleitor com alta pontuação de Conscienciosidade, mas com a subdimensão de dever moral alta e flexibilidade cognitiva baixa poderá ter um perfil político muito diferente de outro com a mesma pontuação de Conscienciosidade, mas com as subdimensões de eficiência pessoal elevada e de perfeccionismo normativo baixa.

7.3.2 Integração com Modelos Morais

Uma segunda via para investigação futura consiste na exploração do papel de valores morais como mediadores entre traços de personalidade e as atitudes políticas. Modelos morais e motivacionais, nomeadamente o *Moral Foundations Theory* (MFT), proposta por Haidt e Joseph em 2004 (pp.55-66). Esta abordagem, parte do pressuposto de que os indivíduos organizam as suas atitudes políticas em torno de fundações morais intuitivas, que operam muitas vezes de forma pré-reflexiva e emocional, antes mesmo da racionalização ideológica. Estudos já demonstraram que indivíduos de esquerda liberal tendem a dar maior importância aos fundamentos individualistas (Cuidado e Justiça), enquanto os de direita conservadora valorizam mais fortemente os fundamentos comunitários (Lealdade, Autoridade, Pureza), dando origem a padrões ideológicos distintos com raízes morais diferenciadas (Graham, Haidt & Nosek, 2009, p.1029).

A literatura tem demonstrado que os traços de personalidade não explicam directamente as atitudes políticas, mas sim predisposições gerais de cognição, emoção e motivação. Esses traços, por sua vez, podem modular a forma como certos valores morais são internalizados ou expressos. Por exemplo, Alper e Yilmaz em 2019 (p.37) confirmam em que indivíduos com elevada Abertura à Experiência tendem a valorizar mais os fundamentos individualistas (Cuidado e Justiça) e a rejeitar os fundamentos comunitários (Lealdade, Autoridade e Pureza) reflectindo maior valorização da autonomia moral em detrimento da conformidade social, e confirmam que indivíduos com elevada Conscienciosidade mostram maior adesão a valores comunitários, como a Lealdade e respeito à Autoridade e demonstraram também que indivíduos com baixo Neuroticismo, ou seja alta estabilidade emocional, revelam menor sensibilidade a ameaças morais.

Complementarmente, modelos recentes como a *Political Maturity Scale* desenvolvida por Perlman em 2024, propõem avaliar não só valores morais, mas também

a capacidade de nuance, empatia e colaboração na esfera política (Grow, 2025, p.1), podendo enriquecer investigações futuras.

Ao combinar traços de personalidade com fundamentos morais, torna-se possível construir modelos preditivos mais sensíveis, que expliquem por que razão pessoas com o mesmo perfil de personalidade podem adoptar posições políticas diferentes, dependendo do seu quadro moral subjacente.

7.3.3. Desenvolvimento de Instrumentos Adaptados ao Contexto Português

Um dos principais obstáculos metodológicos enfrentados pela Psicologia Política em Portugal é a ausência de instrumentos psicométricos validados para o contexto nacional, tanto ao nível da medição de traços de personalidade, como no que diz respeito às atitudes políticas e ideológicas. A esmagadora maioria dos estudos nesta área baseia-se na utilização de escalas traduzidas directamente de instrumentos internacionais, muitas vezes concebidos noutros contextos culturais, linguísticos e ideológicos, sem validação estatística ou conceptual rigorosa para o caso português.

Sem ter instrumentos culturalmente sensíveis, a Psicologia Política em Portugal corre o risco de se limitar a replicações formais, sem capacidade de produzir conhecimento verdadeiramente situado. Além disso, a falta de instrumentos próprios inibe a criação de dados longitudinais comparáveis ao longo do tempo e limita a participação em redes de investigação internacionais. O desenvolvimento de instrumentos de medição da personalidade e da ideologia especificamente pensados para o contexto português deve constituir uma prioridade académica. Esse investimento metodológico permitiria não só elevar a qualidade dos estudos futuros, como reforçar a autonomia científica da Ciência Política e Psicologia Política nacional, ancorando-a numa base empírica e conceptual mais rigorosa, sensível às especificidades culturais, históricas e partidárias do país.

7.3.4. Consideração de Variáveis Contextuais e Identitárias

Uma das limitações nos estudos sobre personalidade e orientação política é a subestimação do papel do contexto social, simbólico e estrutural na modelação das atitudes ideológicas. Embora os traços de personalidade sejam, disposições internas relativamente estáveis, a sua expressão política concreta é fortemente modulada por

variáveis contextuais e identitárias que moldam o posicionamento (Van Hiel & Mervielde, 2004, pp.683-684; Sibley et al., 2012, p.674).

A personalidade não opera num vácuo psicológico, mas antes interage com o ambiente em que o indivíduo está inserido, por exemplo o cultural ou económico. Logo futuros estudos devem ter em conta variáveis contextuais como a insegurança económica, que pode levar a maior neuroticismo ou autoritarismo (Feldman & Stenner, 1997, p.753), a classe social percebida, que afectam a sensibilidade a temas como redistribuição, ou meritocracia e variáveis identitárias como etnicidade, ou orientação sexual – que são posições que implicam experiências de exclusão/pertença, que poderão influenciar atitudes e preferências políticas (Thorisdottir & Jost, 2009, pp.8-11; Gerber et al., 2011b, p.275). Em Portugal, Magalhães em 2022 (p.1), demonstrou que o voto em Portugal é fortemente segmentado por idade, género e instrução e constatou que para além destas três características sócio-demográficas há outras variáveis relevantes que têm de ser tidas em conta. Esta perspectiva é consistente com o Modelo Michigan de decisão eleitoral, que descreve o comportamento político como o resultado de um processo de influências sociais, cujas identidades partidárias e crenças políticas se formam a partir de influências familiares, comunitárias e simbólicas (Rosa, 2021, p.114), Boxell, Gentzkow e Shapiro (2023, p.19) mostram ainda que, nos EUA, a polarização ideológica se intensificou sobretudo em torno da identidade partidária, enquanto clivagens demográficas tradicionais – como classe, raça, género, idade ou escolaridade – se mantiveram relativamente estáveis. Aplicar esta perspectiva ao caso português permitiria compreender não só a segmentação por idade, género e instrução já identificada, mas também novas combinações ideológicas que emergem em partidos recentes como o Chega, a Iniciativa Liberal, ou o Livre.

Estes enquadramentos reforçam que a personalidade interage com contextos sociais e identitários específicos, como a religião, a classe ou as redes familiares, na estruturação das atitudes políticas, em vez de operar de forma isolada.

7.3.5. Realização de Estudos Longitudinais e Experimentais

Para ultrapassar a limitação da natureza transversal e correlacional deste tipo de estudos, será essencial que futuras investigações sobre personalidade e ideologia política adotem estratégias metodológicas que permitam observar mudança ao longo do tempo e testar relações causais com maior precisão, através de estudos longitudinais, que

consigam acompanhar os mesmos indivíduos ao longo de vários momentos temporais, recolhendo dados repetidos sobre os seus traços de personalidade, atitudes políticas, valores e experiências de vida, assim permitindo analisar a estabilidade, ou alteração, das atitudes ideológicas em função do tempo e do contexto político.

Por exemplo, perceber até que ponto traços de personalidade se mostram resilientes a eventos sociopolíticos como crises, ou pandemias. A juventude é um período crítico de formação ideológica (Alwin & Krosnick, 1991, p.169), mas também um período marcado por intensa exploração identitária e crescimento, em que acontecimentos de vida significativos podem reconfigurar crenças previamente estabelecidas. Estudos recentes sugerem ainda que factores como a sensibilidade política, padrões de uso de redes sociais e estilos de tomada de decisão podem amplificar ou atenuar esses efeitos (Farshana, 2025, p.1). Um estudo longitudinal permitiria identificar os momentos em que o peso dos traços se dilui, ou se reforça, perante forças contextuais, como por exemplo períodos de incerteza. Este tipo de análise dinâmica está ausente em grande parte da literatura actual e constitui um passo necessário para uma compreensão mais realista do comportamento político.

8. Referências bibliográficas

1. Aichholzer, J., Danner, D., & Rammstedt, B. (2018). Facets of personality and “ideological asymmetries.” *Journal of Research in Personality*. Advance online publication. <https://doi.org/10.1016/j.jrp.2018.09.010>
2. Aidt, T. S., & Rauh, C. (2018). The Big Five personality traits and partisanship in England. *Electoral Studies*, *54*, 1–21. <https://doi.org/10.1016/j.electstud.2018.04.011>
3. Altemeyer, B. (1983). *Right-wing authoritarianism*. Winnipeg: University of Manitoba Press.
4. Alper, S., & Yilmaz, O. (2019). How is the Big Five related to moral and political convictions: The moderating role of the WEIRDness of the culture. *Personality and Individual Differences*, *145*, 32–38. <https://doi.org/10.1016/j.paid.2019.03.018>
5. Alwin, D. F., & Krosnick, J. A. (1991). Aging, cohorts, and the stability of sociopolitical orientations over the life span. *American Journal of Sociology*, *97*(1), 169–195. <https://doi.org/10.1086/229744>
6. Antunes, R. J. da S. (2008). *Identificação partidária e comportamento eleitoral: Factores estruturais, atitudes e mudanças no sentido de voto* [Tese de doutoramento, Universidade de Coimbra]. Estudo Geral. <https://hdl.handle.net/10316/12275>
7. Ashton, M. C., & Lee, K. (2020). Objections to the HEXACO model of personality structure—And why those objections fail. *European Journal of Personality*, *34*(6), 492–510. <https://doi.org/10.1002/per.2242>
8. Bakker, B. N. (2016). Personality traits, income, and economic ideology. *Political Psychology*, *37*(6), 925–942. <https://doi.org/10.1111/pops.12349>
9. Bakker, B. N., Rooduijn, M., & Schumacher, G. (2016). The psychological roots of populist voting: Evidence from the United States, the Netherlands and Germany. *European Journal of Political Research*, *55*(2), 302–320. <https://doi.org/10.1111/1475-6765.12121>
10. Barbaranelli, C., Caprara, G. V., Vecchione, M., & Fraley, C. R. (2007). Voters’ personality traits in presidential elections. *Personality and Individual Differences*, *42*(7), 1199–1208.
11. Baptista, J. P., & Loureiro, M. (2018). Ideologia política esquerda-direita – Estudo exploratório do eleitorado português. *Interações: Sociedade e as Novas Modernidades*, *35*, 57–80. <https://doi.org/10.31211/interacoes.n35.2018.a3>
12. Bloco de Esquerda (2025). *Manifesto legislativas 2025*. Acedido a 4 de Agosto de

04/manifesto_bloco_legislativas2025.pdf

13. Bloeser, A. J., Canache, D., Mitchell, D.-G., Mondak, J. J., & Poore, E. R. (2013). The temporal consistency of personality effects: Evidence from the British Household Panel Survey. *Political Psychology, 34*(5), 731–748. <https://doi.org/10.1111/pops.12067>
14. Boxell, L., Gentzkow, M., & Shapiro, J. M. (2017). Greater internet use is not associated with faster growth in political polarization among US demographic groups. *Proceedings of the National Academy of Sciences, 114*(40), 10612–10617. <https://doi.org/10.1073/pnas.1706588114>
15. Byrne, D., Baskett, G. D., & Hodges, L. (1971). Behavioral indicators of interpersonal attraction. *Journal of Applied Social Psychology, 1*(2), 137–149. <https://doi.org/10.1111/j.1559-1816.1971.tb00358.x>
16. Caprara, G. V., & Cervone, D. (2000). *Personality: Determinants, dynamics, and potentials*. Cambridge University Press. <https://doi.org/10.1017/CBO9780511812767>
17. Caprara, G. V., Barbaranelli, C., Consiglio, C., Picconi, L., & Zimbardo, P. G. (2003). Personalities of politicians and voters: Unique and synergistic relationships. *Journal of Personality and Social Psychology, 84*(4), 849–856. <https://doi.org/10.1037/0022-3514.84.4.849>
18. Caprara, G. V., Schwartz, S., Capanna, C., Vecchione, M., & Barbaranelli, C. (2006). Personality and politics: Values, traits, and political choice. *Political Psychology, 27*(1), 1–28. <https://doi.org/10.1111/j.1467-9221.2006.00447.x>
19. Caprara, G. V., Vecchione, M., & Schwartz, S. H. (2009). Mediation role of values in linking personality traits to political orientation. *Asian Journal of Social Psychology, 12*(1), 82–94. <https://doi.org/10.1111/j.1467-839X.2009.01274.x>
20. Caprara, G. V., & Vecchione, M. (2017). *Personalizing politics and realizing democracy*. Oxford University Press. <https://doi.org/10.1093/acprof:oso/9780199982868.001.0001>
21. Caspi, A., Roberts, B. W., & Shiner, R. L. (2005). Personality development: Stability and change. *Annual Review of Psychology, 56*(1), 453–484. <https://doi.org/10.1146/annurev.psych.55.090902.141913>
22. CDS – Partido Popular (2023). *Declaração de princípios*. Acedido a 4 de Agosto de 2025 em <https://www.cds.pt/assets/declaração-de-princípios---versão-final.pdf>
23. Chega (2025). *Programa eleitoral 2025*. Acedido a 4 de Agosto de 2025 em <https://pub.portalchega.pt/programaeleitoral/>

24. DeYoung, C. G., Quilty, L. C., & Peterson, J. B. (2007). Between facets and domains: 10 aspects of the Big Five. *Journal of Personality and Social Psychology*, *93*(5), 880–896. <https://doi.org/10.1037/0022-3514.93.5.880>
25. Eatwell, R. and O’Sullivan, N. (1989) (eds.). *The Nature of the Right: American and European Politics and Political Thought since 1789*, London.
26. Falcão, F., Sousa, B., Pereira, D. S. M., Andrade, R., Moreira, P., Quialheiro, A., Jalali, C., & Costa, P. (2023). We vote for the person, not the policies: A systematic review on how personality traits influence voting behaviour. *Discover Psychology*, *3*(1), 1–27. <https://doi.org/10.1007/s44202-022-00057-z>
11. Namrata, L. F. M. (2025). Political polarization: Psychosocial predictors in emerging adults. *International Social Science Journal*. Advance online publication. <https://doi.org/10.1111/issj.70000>
28. Federico, C. M., & Malka, A. (2018). The contingent, contextual nature of the relationship between needs for security and certainty and political preferences: Evidence and implications. *Political Psychology*, *39*(Suppl 1), 3–48. <https://doi.org/10.1111/pops.12477>
29. Feldman, S., & Johnston, C. (2014). Understanding the determinants of political ideology: Implications of structural complexity. *Political Psychology*, *35*(3), 337–358. <https://doi.org/10.1111/pops.12055>
30. Freire, A. (2005). Identidades ideológicas e partidárias na Europa: Portugal, Espanha e Grécia em perspectiva comparativa. *Análise Social*, *40*(176), 9-39.
31. Freire, A. (2006). Bringing social identities back in: The social anchors of left–right orientation in Western Europe. *International Political Science Review*, *27*(4), 359–378. <https://doi.org/10.1177/0192512106067358>
32. Funder, D. C. (2012). *The personality puzzle* (6th ed.). W. W. Norton & Company.
15. Gerber, A. S., Huber, G. A., Doherty, D., Dowling, C. M., Raso, C., & Ha, S. E. (2011a). Personality traits and participation in political processes. *The Journal of Politics*, *73*(3), 692–706. <https://doi.org/10.1017/S0022381611000399>
33. Gerber, A. S., Huber, G. A., Doherty, D., & Dowling, C. M. (2011b). The Big Five personality traits in the political arena. *Annual Review of Political Science*, *14*(1), 265–287. <https://doi.org/10.1146/annurev-polisci-051010-111659>
34. Graham, J., Haidt, J., & Nosek, B. A. (2009). Liberals and conservatives rely on different sets of moral foundations. *Journal of Personality and Social Psychology*, *96*(5), 1029–1046. <https://doi.org/10.1037/a0015141>

35. Grow, J. (2025, Janeiro 29). *Beyond left and right: The multidimensional future of political ideology analysis*. Medium. Acedido em 4 de Agosto de 2025 em <https://medium.com/@Gbgrow/beyond-left-and-right-the-multidimensional-future-of-political-ideology-analysis-9c5c9a0a2060>
36. Haidt, J., & Joseph, C. (2004). Intuitive ethics: How innately prepared intuitions generate culturally variable virtues. *Daedalus*, 133(4), 55–66. <https://doi.org/10.1162/0011526042365555>
37. Hilbig, B. E., Zettler, I., & Heydasch, T. (2012). Personality, punishment and public goods: Strategic shifts towards cooperation as a matter of dispositional honesty–humility. *European Journal of Personality*, 26(3), 245–254. <https://doi.org/10.1002/per.830>
38. Hibbing, J.R., Smith, K.B., Alford, J.R. (2014) Differences in negativity bias underlie variations in political ideology. *Behavioral and Brain Sciences* 37(3):297-307. doi:10.1017/S0140525X13001192
39. Hobsbawm, E. with A. Pollito (2000). *The New Century*, London.
40. Janis, I. L., & Mann, L. (1977). *Decision making: A psychological analysis of conflict, choice, and commitment*. New York: Free Press.
41. John, O. P., Naumann, L. P., & Soto, C. J. (2008). Paradigm shift to the integrative Big Five trait taxonomy: History, measurement, and conceptual issues. In O. P. John, R. W. Robins, & L. A. Pervin (Eds.), *Handbook of personality: Theory and research* (3rd ed., pp. 114–158). The Guilford Press.
42. Jost, J. T. (2006). The end of the end of ideology. *American Psychologist*, 61(7), 651–670. <https://doi.org/10.1037/0003-066X.61.7.651>
43. Jost, J. T., West, T. V., & Gosling, S. D. (2009). Personality and ideology as determinants of candidate preferences and “Obama conversion” in the 2008 U.S. presidential election. *Du Bois Review: Social Science Research on Race*, 6(1), 103–124. <https://doi.org/10.1017/S1742058X09090109>
44. Jost, J. T., Federico, C. M., & Napier, J. L. (2009). Political ideology: Its structure, functions, and elective affinities. *Annual Review of Psychology*, 60, 307–337. <https://doi.org/10.1146/annurev.psych.60.110707.163600>
45. Laponce, J. A. (1981). *Left and Right: The Topography of Political Perceptions*, Toronto.
46. Livre (2025). *Programa eleitoral 2025*. Programa do Partido Livre. Acedido a 4 de Agosto de 2025 em <https://programa.partidolivre.pt>

47. Lukes, S. (2003). Epilogue: The grand dichotomy of the twentieth century. In T. Ball & R. Bellamy (Eds.), *The Cambridge history of twentieth-century political thought* (pp. 602–626). Cambridge University Press. <https://doi.org/10.1017/CHOL9780521563543>
48. Madison, J., Hamilton, A., & Jay, J. (2011). *O federalista* (V. Soromenho-Marques & J. C. S. Duarte, Trans.; 2ª ed.). Fundação Calouste Gulbenkian. (Obra original publicada em 1788)
49. Magalhães, P. (2022, 2 de fevereiro). *Bases sociais do voto nas legislativas de 2022*. Blog de Pedro Magalhães. Acedido a 4 de Agosto de 2025 em <https://www.pedro-magalhaes.org/bases-sociais-do-voto-nas-legislativas-de-2022/>
50. Magalhães, P. C., & Cancela, J., (2025, maio 23). *As bases sociais do novo sistema partidário português, 2022-2025*. Acedido a 4 de Agosto de 2025 em <https://www.pedro-magalhaes.org/margens-de-erro/>
51. Marôco, J. (2018). *Análise estatística com o SPSS Statistics* (5ª ed.). Lisboa: ReportNumber.
52. McCrae, R. R., & Costa, P. T., Jr. (1990). *Personality in adulthood*. The Guilford Press.
53. McCrae, R. R., & Costa, P. T., Jr. (1999). A Five-Factor theory of personality. In L. A. Pervin & O. P. John (Eds.), *Handbook of personality: Theory and research* (2nd ed., pp. 139–153). Guilford Press.
54. Mill, J. S. (2011). *Sobre a liberdade* (P. Madeira, Trad.). Nova Fronteira. (Obra original publicada em 1859)
55. Mondak, J. J., & Halperin, K. D. (2008). A framework for the study of personality and political behaviour. *British Journal of Political Science*, 38(2), 335–362. <https://doi.org/10.1017/S0007123408000173>
56. Mondak, J. J., Hibbing, M. V., Canache, D., Seligson, M. A., & Anderson, M. R. (2010). Personality and civic engagement: An integrative framework for the study of trait effects on political behavior. *American Political Science Review*, 104(1), 85–110. <https://doi.org/10.1017/S0003055409990359>
57. Montesquieu, C. de S. (1919). *Do espírito das leis* (H. A. de Gusmão Sobrinho, Trad.). Pimenta de Mello. (Obra original publicada em 1748)
58. Osborne, D., & Sibley, C. G. (2012). Does personality matter? Openness correlates with vote choice, but particularly for politically sophisticated voters. *Journal of Research in Personality*, 46(6), 743–751. <https://doi.org/10.1016/j.jrp.2012.09.001>

59. Ozer, D., & Reise, S. (1994). Personality assessment. *Annual Review of Psychology*, 45, 357-388. doi:10.1146/annurev.ps.45.020194.002041
60. Paine, T. (2022). *Senso comum e outros panfletos* (J. Silva Couto, Trad.). Bookbuilders. (Obra original publicada em 1776)
61. Partido Socialista (2025). *Programa eleitoral 2025*. Acedido a 4 de Agosto de 2025 em <https://ps.pt/wp-content/uploads/2025/04/programa-eleitoral.pdf>
62. Partido Social Democrata (2025). *Programa eleitoral – Sumário*. Acedido a 4 de Agosto de 2024 em <https://ad2025.pt/pdf/programa-eleitoral-sumario.pdf>
63. Paunonen, S. V., & Ashton, M. C. (2001). Big Five factors and facets and the prediction of behavior. *Journal of Personality and Social Psychology*, 81(3), 524–539. <https://doi.org/10.1037/0022-3514.81.3.524>
64. Pessoas-Animais-Natureza (2025). *Programa eleitoral legislativas 2025*. Acedido a 4 de Agosto de 2025 em https://www.pan.com.pt/files/uploads/2025/05/Programa-Eleitoral-PAN_Legislativas25_Campanhas_2025_PAN-Nacional.pdf
65. Petropoulos Petalas, D., Schumacher, G., & Scholte, S. H. (2024). Is political ideology correlated with brain structure? A preregistered replication. *iScience*, 27(10), 110532. <https://doi.org/10.1016/j.isci.2024.110532>
66. Pina, D. O. (2022). *Personalidade e ideologia política: Diferenças de personalidade entre militantes/simpatizantes dos partidos PCP e Chega* (Dissertação de mestrado, Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Coimbra). Universidade de Coimbra.
67. Platão. (2001). *A república* (M. H. Rocha Pereira, Trad., 9ª ed.). Fundação Calouste Gulbenkian. (Obra original publicada ca. 380 a.C.)
68. Porto Editora. (2025). Ideologia. In *Dicionário infopédia da língua portuguesa* [em linha]. Acedido a 4 de Agosto de 2025 em <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/ideologia>
69. Robinson, J. P., Shaver, P. R., & Wrightsman, L. S. (Eds.). (1999). *Measures of political attitudes*. San Diego, CA: Academic Press.
70. Rodrigues, R. I., & Gomes, C. (2022). Desenvolvimento e validação de uma versão portuguesa do Inventário de Personalidade Big Five. *Revista Iberoamericana de Diagnóstico y Evaluación – e Avaliação Psicológica*, 63(2), 163-176. <https://doi.org/10.21865/RIDEP63.2.12>

71. Rosa, A. F. (2021). A teoria psicológica do voto e fake news – O modelo Michigan de decisão eleitoral. *Revista Processus de Estudos de Gestão, Jurídicos e Financeiros*, 12(42), 113–125. <https://doi.org/10.5281/zenodo.7313871>
68. Saucier, G., & Ostendorf, F. (1999). Hierarchical subcomponents of the Big Five personality factors: A cross-language replication. *Journal of Personality and Social Psychology*, 76(4), 613–627. <https://doi.org/10.1037/0022-3514.76.4.613>
72. Schoen, H., & Schumann, S. (2005). On the position of personality factors in approaches to explaining voting behavior. In J. W. Falter, O. W. Gabriel, & B. Weßels (Eds.), *Elections and voters: Analyses on the occasion of the 2002 federal election* (pp. 388–413). Wiesbaden: VS Verlag für Sozialwissenschaften.
73. Schoen, H., & Schumann, S. (2007). Personality traits, partisan attitudes, and voting behavior: Evidence from Germany. *Political Psychology*, 28(4), 471–498. <https://doi.org/10.1111/j.1467-9221.2007.00582.x>
74. Schwartz, S. H. (1992). Universals in the content and structure of values: Theoretical advances and empirical tests in 20 countries. In M. P. Zanna (Ed.), *Advances in experimental social psychology, Volume 25*, pp. 1–65). Academic Press. [https://doi.org/10.1016/S0065-2601\(08\)60281-6](https://doi.org/10.1016/S0065-2601(08)60281-6)
75. Sibley, C. G., & Duckitt, J. (2010). Personality geneses of authoritarianism: The form and function of openness to experience. In F. Funke, T. Petzel, J. C. Cohrs, & J. Duckitt (Eds.), *Perspectives on authoritarianism* (pp. 169–199). VS Verlag für Sozialwissenschaften. <https://doi.org/10.13140/RG.2.1.2640.2724>
76. Sibley, C. G., Osborne, D., & Duckitt, J. T. (2012). Personality and political orientation: Meta-analysis and test of threat-constraint model. *Journal of Research in Personality*, 46(6), 644–677. <https://doi.org/10.1016/j.jrp.2012.08.002>
77. Soares, N., Silva, P., & Moniz, J. (2024). Compreender as raízes: atitudes populistas e traços de personalidade em Portugal. *Análise Social*, 59(251), 2–24. Recuperado de <https://revistas.rcaap.pt/analisesocial/article/view/36526/25251>
78. Stangor, C., & Walinga, J. (2014). *Introduction to psychology – 1st Canadian edition*. Victoria, BC: BCcampus. Recuperado de <https://opentextbc.ca/introductiontopsychology/>
79. Tedin, K. L. (1987). Political ideology and the vote. *Research in Micropolitics*, 2, 63–94.

80. Thorisdottir, H., Jost, J. T., & Kay, A. C. (2009). *On the social and psychological bases of ideology and system justification*. Oxford University Press. <https://doi.org/10.1093/acprof:oso/9780195320916.003.001>
81. Van Hiel, A., Kossowska, M., & Mervielde, I. (2000). The relationship between Openness to Experience and political ideology. *Personality and Individual Differences*, 28(4), 741–751. [https://doi.org/10.1016/S0191-8869\(99\)00135-X](https://doi.org/10.1016/S0191-8869(99)00135-X)
82. Van Hiel, A., & Mervielde, I. (2004). Openness to experience and boundaries in the mind: Relationships with cultural and economic conservative beliefs. *Journal of Personality*, 72(4), 659–686. <https://doi.org/10.1111/j.0022-3506.2004.00276.x>
83. Vecchione, M., Schoen, H., Castro, J. L. G., Cieciuch, J., Pavlopoulos, V., & Caprara, G. V. (2011). Personality correlates of party preference: The Big Five in five big European countries. *Personality and Individual Differences*, 51(6), 737–742. <https://doi.org/10.1016/j.paid.2011.06.015>
84. Wilson, G. D., & Patterson, J. R. (1968). A new measure of conservatism. *British Journal of Social and Clinical Psychology*, 7(4), 264–269. <https://doi.org/10.1111/j.2044-8260.1968.tb00568.x>
85. Winter, D. G. (2013). Personality profiles of political elites. In L. Huddy, D. O. Sears, & J. S. Levy (Eds.), *The Oxford handbook of political psychology* (2nd ed., pp. 423–458). Oxford University Press.

9. Anexos

9.1. Tabelas

9.1.1. Tabelas Descritivas

<i>Nacionalidade</i>		
	N	%
Portuguesa	310	97.2%
Brasileira	5	1.6%
Outra	4	1.3%

Figura 2. Nacionalidade

<i>Localidade</i>		
	N	%
Centro	282	88.4%
Norte	19	6.0%
Sul	4	1.3%
Interior	11	3.4%
Outra	3	0.9%

Figura 3. Localidade

<i>Sexo</i>		
	N	%
Feminino	125	39.2%
Masculino	193	60.5%
Outro	1	0.3%

Figura 4. Sexo

<i>Geração</i>		
	N	%
18-24	78	24.5%
25-34	69	21.6%
35-49	31	9.7%
50-64	108	33.9%
65+	32	10.0%
Ns/Nr	1	0.3%

Figura 5. Geração

<i>Escolaridade</i>		
	N	%
Básico & Secundário	64	20.1%
Licenciatura	166	52.0%
Mestrado e Doutoramento	89	27.9%

Figura 6. Escolaridade

<i>Ocupação</i>		
	N	%
Estudante	69	21.6%
Trabalhador Conta Outrém	152	47.6%
Profissional Qualificado	66	20.7%
Reformado	22	6.9%
Desempregado	10	3.1%

Figura 7. Ocupação

<i>Simpatia Partido</i>		
	N	%
BE	15	4.7%
CDS-PP	17	5.3%
CH!	21	6.6%
IL	34	10.7%
L	28	8.8%
PAN	4	1.3%
PCP	3	0.9%
PS	34	10.7%
PSD	98	30.7%
Outro	4	1.3%
Independente	61	19.1%

Figura 8. Simpatia Partidária

<i>Orientação no Eixo</i>		
	N	%
Extrema-Esquerda	5	1.6%
Esquerda	45	14.1%
Centro-Esquerda	46	14.4%
Centro	47	14.7%
Centro-Direita	86	27.0%
Direita	79	24.8%
Ns/Nr	11	3.4%

Figura 9. Orientação no Eixo Esquerda/Direita

9.1.2. Tabelas de Análises Factoriais Exploratórias

<i>Rotated Component Matrix^a</i>					
	Component				
	1	2	3	4	5
P.2.9	.851	.102	.059	-.064	.071
P.2.10	.825	.036	.189	-.082	.139
P.2.16	.711	.174	.225	.112	.116
P.2.14	.655	.268	.109	.124	.079
P.2.21	.626	.083	.073	.425	-.198
P.2.19	.617	.332	.155	.068	.124
P.2.22	.500	.351	.065	.156	-.037
P.2.8	.157	.749	.079	.125	.117
P.2.3	.216	.669	.021	.079	.004
P.2.2	.050	.533	.379	-.072	.298
P.2.20	.198	.488	-.048	.014	.186
P.2.12	.142	.469	.406	.146	-.179
P.2.17	.125	-.050	.787	-.005	.103
P.2.13	.075	.088	.735	.088	.161
P.2.18	.205	.091	.587	.169	.014
P.2.6	.353	.400	.544	.130	-.062
P.2.4	.116	.035	.038	.855	.085
P.2.1.	.082	-.013	.044	.773	.270
P.2.5	.019	.220	.272	.619	-.076
P.2.15	-.033	.102	-.049	.160	.779
P.2.23	.150	.058	.170	-.042	.641
P.2.7	.239	.450	.221	-.042	.462
P.2.11	.038	.082	.039	.324	.435

Extraction Method: Principal Component Analysis.

Rotation Method: Varimax with Kaiser Normalization. ^a

^a. Rotation converged in 6 iterations.

Figura 10. Análise Factorial Exploratória Personalidade

Rotated Component Matrix^a

	Component			
	1	2	3	4
P.3.7	.801	.159	.170	.128
P.3.9	.800	.069	.204	.109
P.3.5	.784	.068	.103	.162
P.3.27.	.748	.184	.295	.011
P.3.21	.741	.176	.159	.167
P.3.20	.741	.103	.038	.193
P3.17	.728	.034	-.264	.066
P.3.24	.590	.184	.338	.132
P.3.15	-.570	.031	.383	.014
P.3.28	.560	.163	.321	.020
P.3.13	.457	.020	.442	.175
P.3.31	.451	.433	.123	.218
P3.32	.393	.169	-.192	.195
3.4	-.022	.714	.007	.022
P.3.18	-.006	.693	.034	.056
P.3.29	.143	.668	.188	.157
P.3.8	.212	.620	.278	.118
P.3.19	.025	.578	.265	-.051
P.3.25	.255	.560	.149	.219
P.3.26	.202	.528	.185	.405
P.3.22	.321	.485	.065	.387
P.3.11	.216	.465	.337	-.035
P.3.6	.107	.350	.247	.343
P.3.12	.032	.321	.643	.121
P.3.23	.125	.175	.551	-.017
P3.16	-.002	-.099	-.549	-.252
P.3.14	.326	.351	.509	-.052
P.3.10	.121	.185	.286	.634
P.3.2	.265	.432	-.104	.587
P.3.3	.238	.515	-.037	.581
P.3.1	.134	-.180	.165	.533
P.3.30	.051	.079	-.038	.528

Extraction Method: Principal Component Analysis.

Rotation Method: Varimax with Kaiser Normalization. ^a

^a Rotation converged in 8 iterations.

Figura 11. Análise Fatorial Exploratória Atitudes Políticas

9.1.3. Tabelas de Consistência Interna

<i>Reliability Statistics</i>	
Cronbach's Alpha	N of Items
.846	4

Figura 12. Consistência Interna Personalidade Factor 1 Extroversão

<i>Reliability Statistics</i>	
Cronbach's Alpha	N of Items
.687	4

Figura 13. Consistência Interna Personalidade Factor 2 Abertura à Experiência

<i>Reliability Statistics</i>	
Cronbach's Alpha	N of Items
.726	6

Figura 14. Consistência Interna Personalidade Factor 3 Amabilidade

<i>Reliability Statistics</i>	
Cronbach's Alpha	N of Items
.677	3

Figura 15. Consistência Interna Personalidade Factor 4 Neuroticismo

<i>Reliability Statistics</i>	
Cronbach's Alpha	N of Items
.611	5

Figura 16. Consistência Interna Personalidade Factor 5 Conscienciosidade

<i>Reliability Statistics</i>	
Cronbach's Alpha	N of Items
.823	8

Figura 17. Consistência Interna Atitudes Factor 1 Religiosidade

<i>Reliability Statistics</i>	
Cronbach's Alpha	N of Items
.823	10

Figura 18. Consistência Interna Atitudes Factor 2 Autoritarismo

<i>Reliability Statistics</i>	
Cronbach's Alpha	N of Items
.709	5

Figura 19. Consistência Interna Atitudes Factor 3 Conservadorismo

<i>Reliability Statistics</i>	
Cronbach's Alpha	N of Items
.470	4

Figura 20. Consistência Interna Atitudes Factor 4 Liberalismo

9.1.4. Tabelas de Correlações

Correlações Traços de Personalidade/Atitudes Políticas

		Abertura	Conscienciosidade	Extroversão	Amabilidade	Neuroticismo	Autoritarismo	Conservadorismo	Liberalismo	Religiosidade
Abertura	Pearson Correlation	1	.460**	.580**	.460**	-.362**	.078	.070	.137*	.099
	Sig. (2-tailed)		<.001	<.001	<.001	<.001	.165	.213	.015	.078
	N	319	319	319	319	319	319	319	319	319
Conscienciosidade	Pearson Correlation	.460**	1	.367**	.359**	-.265**	.183**	.091	.153**	.169**
	Sig. (2-tailed)	<.001		<.001	<.001	<.001	.001	.103	.006	.002
	N	319	319	319	319	319	319	319	319	319
Extroversão	Pearson Correlation	.580**	.367**	1	.423**	-.341**	.197**	.092	.220**	.265**
	Sig. (2-tailed)	<.001	<.001		<.001	<.001	<.001	.101	<.001	<.001
	N	319	319	319	319	319	319	319	319	319
Amabilidade	Pearson Correlation	.460**	.359**	.423**	1	-.369**	-.066	-.061	.080	.072
	Sig. (2-tailed)	<.001	<.001	<.001		<.001	.239	.275	.153	.201
	N	319	319	319	319	319	319	319	319	319
Neuroticismo	Pearson Correlation	-.362**	-.265**	-.341**	-.369**	1	-.070	-.098	-.145**	-.198**
	Sig. (2-tailed)	<.001	<.001	<.001	<.001		.215	.079	.010	<.001
	N	319	319	319	319	319	319	319	319	319
Autoritarismo	Pearson Correlation	.078	.183**	.197**	-.066	-.070	1	.634**	.447**	.432**
	Sig. (2-tailed)	.165	.001	<.001	.239	.215		<.001	<.001	<.001
	N	319	319	319	319	319	319	319	319	319
Conservadorismo	Pearson Correlation	.070	.091	.092	-.061	-.098	.634**	1	.421**	.627**
	Sig. (2-tailed)	.213	.103	.101	.275	.079	<.001		<.001	<.001
	N	319	319	319	319	319	319	319	319	319
Liberalismo	Pearson Correlation	.137*	.153**	.220**	.080	-.145**	.447**	.421**	1	.374**
	Sig. (2-tailed)	.015	.006	<.001	.153	.010	<.001	<.001		<.001
	N	319	319	319	319	319	319	319	319	319
Religiosidade	Pearson Correlation	.099	.169**	.265**	.072	-.198**	.432**	.627**	.374**	1
	Sig. (2-tailed)	.078	.002	<.001	.201	<.001	<.001	<.001	<.001	
	N	319	319	319	319	319	319	319	319	319

** Correlation is significant at the 0.01 level (2-tailed).

* Correlation is significant at the 0.05 level (2-tailed).

Figura 21. Correlação Personalidade/Atitudes Políticas

Correlação Traços de Personalidade/Simpatia Partidária

		Abertura	Conscienciosidade	Extroversão	Amabilidade	Neuroticismo	Voto_BE	Voto_CDS	Voto_CH	Voto_IL	Voto_L	Voto_PAN	Voto_PCP	Voto_PS	Voto_PSD	Voto_Outro	Voto_Indep
Abertura	Pearson Correlation	1	.460**	.580**	.460**	-.362**	-.128*	.000	.132	.040	-.032	-.060	.062	.055	-.013	-.026	-.041
	Sig. (2-tailed)		<.001	<.001	<.001	<.001	.022	.997	.018	.479	.565	.286	.327	.811	.641	.467	
	N	319	319	319	319	319	319	319	319	319	319	319	319	319	319	319	319
Conscienciosidade	Pearson Correlation	.460**	1	.367**	.359**	-.265**	-.137*	.048	.109	-.035	-.187**	-.038	.005	.055	.056	-.038	.051
	Sig. (2-tailed)	<.001		<.001	<.001	<.001	.014	.396	.052	.531	<.001	.500	.925	.326	.317	.500	.362
	N	319	319	319	319	319	319	319	319	319	319	319	319	319	319	319	319
Extroversão	Pearson Correlation	.580**	.367**	1	.423**	-.341**	-.226**	.135*	-.042	.000	.005	-.049	.040	.062	.151**	-.157**	-.110
	Sig. (2-tailed)	<.001	<.001		<.001	<.001	<.001	.016	.454	.998	.929	.382	.476	.271	.007	.005	.050
	N	319	319	319	319	319	319	319	319	319	319	319	319	319	319	319	319
Amabilidade	Pearson Correlation	.460**	.359**	.423**	1	-.369**	.050	-.075	-.043	-.083	.034	.037	.026	.156**	.019	-.095	-.051
	Sig. (2-tailed)	<.001	<.001	<.001		<.001	.375	.179	.439	.141	.542	.516	.641	.005	.730	.092	.362
	N	319	319	319	319	319	319	319	319	319	319	319	319	319	319	319	319
Neuroticismo	Pearson Correlation	-.362**	-.265**	-.341**	-.369**	1	.163*	-.007	.042	-.064	-.051	-.107	.049	.002	-.032	-.027	.039
	Sig. (2-tailed)	<.001	<.001	<.001	<.001		.084	.905	.454	.254	.368	.057	.379	.976	.568	.625	.492
	N	319	319	319	319	319	319	319	319	319	319	319	319	319	319	319	319
Voto_BE	Pearson Correlation	-.128*	-.137*	-.226**	.050	.163**	1	-.053	-.059	-.077	-.069	-.025	-.022	-.077	-.148**	-.025	-.108
	Sig. (2-tailed)	.022	.014	<.001	.375	.004		.348	.294	.172	.220	.656	.700	.172	.008	.656	.054
	N	319	319	319	319	319	319	319	319	319	319	319	319	319	319	319	319
Voto_CDS	Pearson Correlation	.000	.048	.135*	-.075	-.007	-.053	1	-.063	-.082	-.074	-.027	-.023	-.082	-.158**	-.027	-.115*
	Sig. (2-tailed)	.997	.396	.016	.179	.905	.348		.262	.144	.190	.634	.681	.144	.005	.634	.039
	N	319	319	319	319	319	319	319	319	319	319	319	319	319	319	319	319
Voto_CH	Pearson Correlation	.132*	.109	-.042	-.043	.042	-.059	-.063	1	-.092	-.082	-.030	-.026	-.092	-.177**	-.030	-.129*
	Sig. (2-tailed)	.018	.052	.454	.439	.454	.294	.262		.102	.142	.595	.645	.102	.002	.595	.021
	N	319	319	319	319	319	319	319	319	319	319	319	319	319	319	319	319
Voto_IL	Pearson Correlation	.040	.035	.000	-.083	-.064	-.077	-.082	-.092	1	-.107	-.039	-.034	-.119*	-.230*	-.039	-.168**
	Sig. (2-tailed)	.479	.531	.998	.141	.254	.172	.144	.102		.056	.488	.549	.033	<.001	.488	.003
	N	319	319	319	319	319	319	319	319	319	319	319	319	319	319	319	319
Voto_L	Pearson Correlation	-.032	-.187**	.005	.034	-.051	-.069	-.074	-.082	-.107	1	-.035	-.030	-.107	-.207**	-.035	-.151**
	Sig. (2-tailed)	.565	<.001	.929	.542	.368	.220	.190	.142	.056		.534	.591	.056	<.001	.534	.007
	N	319	319	319	319	319	319	319	319	319	319	319	319	319	319	319	319
Voto_PAN	Pearson Correlation	-.060	-.038	-.049	.037	-.107	-.025	-.027	-.030	-.039	-.035	1	-.011	-.039	-.075	-.013	-.055
	Sig. (2-tailed)	.286	.500	.382	.516	.057	.656	.634	.595	.488	.534		.845	.488	.181	.821	.329
	N	319	319	319	319	319	319	319	319	319	319	319	319	319	319	319	319
Voto_PCP	Pearson Correlation	.062	.005	.040	.026	.049	-.022	-.023	-.026	-.034	-.030	-.011	1	-.034	-.065	-.011	-.047
	Sig. (2-tailed)	.266	.925	.476	.641	.379	.700	.681	.645	.540	.591	.845		.540	.248	.845	.399
	N	319	319	319	319	319	319	319	319	319	319	319	319	319	319	319	319
Voto_PS	Pearson Correlation	.055	.055	.062	.156**	.002	-.077	-.082	-.092	-.119*	-.107	-.039	-.034	1	-.230**	-.039	-.168**
	Sig. (2-tailed)	.327	.326	.271	.005	.976	.172	.144	.102	.033	.056	.488	.549		<.001	.488	.003
	N	319	319	319	319	319	319	319	319	319	319	319	319	319	319	319	319
Voto_PSD	Pearson Correlation	-.013	.056	.151**	.019	-.032	-.148**	-.158**	-.177**	-.230**	-.207**	-.075	-.065	-.230**	1	-.075	-.324**
	Sig. (2-tailed)	.811	.317	.007	.730	.568	.008	.005	.002	<.001	<.001	.181	.248	<.001		.181	<.001
	N	319	319	319	319	319	319	319	319	319	319	319	319	319	319	319	319
Voto_Outro	Pearson Correlation	-.026	-.038	-.157**	-.095	-.027	-.025	-.027	-.030	-.039	-.035	-.013	-.011	-.039	-.075	1	-.055
	Sig. (2-tailed)	.641	.500	.005	.092	.625	.656	.634	.595	.488	.534	.821	.845	.488	.181		.329
	N	319	319	319	319	319	319	319	319	319	319	319	319	319	319	319	319
Voto_Indep	Pearson Correlation	-.041	.051	-.110	-.051	.039	-.108	-.115*	-.129*	-.168**	-.151**	-.055	-.047	-.168**	-.324**	1	-.055
	Sig. (2-tailed)	.467	.362	.050	.362	.492	.054	.039	.021	.003	.007	.329	.399	.003	<.001		.329
	N	319	319	319	319	319	319	319	319	319	319	319	319	319	319	319	319

** Correlation is significant at the 0.01 level (2-tailed).

* Correlation is significant at the 0.05 level (2-tailed).

Figura 22. Correlação Personalidade/Simpatia Partidária

Correlação Traços de Personalidade/Eixo Político

		Abertura	Conscienciosidade	Extroversão	Amabilidade	Neuroticismo	Ext. Esq.	Esq.	Centro Esq.	Centro	Centro Direita	Direita
Abertura	Pearson Correlation	1	.460**	.580**	.460**	-.362**	.041	-.080	.013	.072	-.064	.070
	Sig. (2-tailed)		<.001	<.001	<.001	<.001	.471	.154	.821	.199	.254	.210
	N	319	319	319	319	319	319	319	319	319	319	319
Conscienciosidade	Pearson Correlation	.460**	1	.367**	.359**	-.265**	-.125*	-.100	-.059	.053	.041	.108
	Sig. (2-tailed)	<.001		<.001	<.001	<.001	.025	.073	.297	.347	.470	.054
	N	319	319	319	319	319	319	319	319	319	319	319
Extroversão	Pearson Correlation	.580**	.367**	1	.423**	-.341**	-.085	-.167**	-.021	.091	.019	.120*
	Sig. (2-tailed)	<.001	<.001		<.001	<.001	.130	.003	.714	.104	.741	.033
	N	319	319	319	319	319	319	319	319	319	319	319
Amabilidade	Pearson Correlation	.460**	.359**	.423**	1	-.369**	.006	.103	.122*	-.010	-.107	-.068
	Sig. (2-tailed)	<.001	<.001	<.001		<.001	.916	.066	.029	.862	.055	.227
	N	319	319	319	319	319	319	319	319	319	319	319
Neuroticismo	Pearson Correlation	-.362**	-.265**	-.341**	-.369**	1	.076	.157**	-.077	-.059	.015	-.093
	Sig. (2-tailed)	<.001	<.001	<.001	<.001		.177	.005	.168	.294	.788	.098
	N	319	319	319	319	319	319	319	319	319	319	319
Ext. Esquerda	Pearson Correlation	.041	-.125*	-.085	.006	.076	1	-.051	-.052	-.052	-.077	-.072
	Sig. (2-tailed)	.471	.025	.130	.916	.177		.363	.356	.350	.172	.197
	N	319	319	319	319	319	319	319	319	319	319	319
Esquerda	Pearson Correlation	-.080	-.100	-.167**	.103	.157**	-.051	1	-.166**	-.168**	-.246**	-.233**
	Sig. (2-tailed)	.154	.073	.003	.066	.005	.363		.003	.003	<.001	<.001
	N	319	319	319	319	319	319	319	319	319	319	319
Centro Esquerda	Pearson Correlation	.013	-.059	-.021	.122*	-.077	-.052	-.166**	1	-.171**	-.249**	-.236**
	Sig. (2-tailed)	.821	.297	.714	.029	.168	.356	.003		.002	<.001	<.001
	N	319	319	319	319	319	319	319	319	319	319	319
Centro	Pearson Correlation	.072	.053	.091	-.010	-.059	-.052	-.168**	-.171**	1	-.253**	-.238**
	Sig. (2-tailed)	.199	.347	.104	.862	.294	.350	.003	.002		<.001	<.001
	N	319	319	319	319	319	319	319	319	319	319	319
Centro Direita	Pearson Correlation	-.064	.041	.019	-.107	.015	-.077	-.246**	-.249**	-.253**	1	-.349**
	Sig. (2-tailed)	.254	.470	.741	.055	.788	.172	<.001	<.001	<.001		<.001
	N	319	319	319	319	319	319	319	319	319	319	319
Direita	Pearson Correlation	.070	.108	.120*	-.068	-.093	-.072	-.233**	-.236**	-.238**	-.349**	1
	Sig. (2-tailed)	.210	.054	.033	.227	.098	.197	<.001	<.001	<.001	<.001	
	N	319	319	319	319	319	319	319	319	319	319	319

** Correlation is significant at the 0.01 level (2-tailed).

* Correlation is significant at the 0.05 level (2-tailed).

Figura 23. Correlação Personalidade/Eixo Político

Correlação Atitudes Políticas/Simpatia Partidária

		Autoritarismo	Conservadorismo	Liberalismo	Religiosidade	Voto_BE	Voto_CDS	Voto_CH	Voto_IL	Voto_L	Voto_PAN	Voto_PCP	Voto_PS	Voto_PSD	Voto_Outro	Voto_Indep
Autoritarismo	Pearson Correlation	1	.634**	.447**	.432**	-.299**	.060	.227**	-.025	-.144*	-.055	-.048	-.133*	.256**	.017	-.067
	Sig. (2-tailed)		<.001	<.001	<.001	<.001	.284	<.001	.657	.010	.325	.394	.017	<.001	.761	.233
	N	319	319	319	319	319	319	319	319	319	319	319	319	319	319	319
Conservadorismo	Pearson Correlation	.634**	1	.421**	.627**	-.235**	.149**	.213**	-.029	-.209**	.000	-.013	-.144**	.166**	.116*	-.031
	Sig. (2-tailed)	<.001		<.001	<.001	<.001	.008	<.001	.612	<.001	.998	.819	.010	.003	.039	.585
	N	319	319	319	319	319	319	319	319	319	319	319	319	319	319	319
Liberalismo	Pearson Correlation	.447**	.421**	1	.374**	-.302**	.036	.032	.053	-.029	.019	-.094	-.018	.171**	.102	-.096
	Sig. (2-tailed)	<.001	<.001		<.001	<.001	.519	.568	.347	.603	.735	.093	.743	.002	.968	.086
	N	319	319	319	319	319	319	319	319	319	319	319	319	319	319	319
Religiosidade	Pearson Correlation	.432**	.627**	.374**	1	-.252**	.205**	.082	-.088	-.155**	-.055	-.062	-.145**	.252**	.051	-.019
	Sig. (2-tailed)	<.001	<.001	<.001		<.001	.146	.118	.006	.326	.273	.010	<.001	.360	.742	.072
	N	319	319	319	319	319	319	319	319	319	319	319	319	319	319	319
Voto_BE	Pearson Correlation	-.299**	-.235**	-.302**	-.252**	1	-.053	-.059	-.077	-.069	-.025	-.022	-.077	-.148**	-.025	-.108
	Sig. (2-tailed)	<.001	<.001	<.001	<.001		.348	.294	.172	.220	.656	.700	.172	.008	.656	.054
	N	319	319	319	319	319	319	319	319	319	319	319	319	319	319	319
Voto_CDS	Pearson Correlation	.060	.149**	.036	.205**	-.053	1	-.063	-.082	-.074	-.027	-.023	-.082	-.158**	-.027	-.115*
	Sig. (2-tailed)	.284	.008	.519	<.001	.348		.262	.144	.190	.654	.681	.144	.005	.634	.039
	N	319	319	319	319	319	319	319	319	319	319	319	319	319	319	319
Voto_CH	Pearson Correlation	.227**	.213**	.032	.082	-.059	-.063	1	-.092	-.082	-.030	-.026	-.092	-.177**	-.030	-.129*
	Sig. (2-tailed)	<.001	<.001	.568	.146	.294	.262		.102	.142	.595	.645	.102	.002	.595	.021
	N	319	319	319	319	319	319	319	319	319	319	319	319	319	319	319
Voto_IL	Pearson Correlation	-.025	-.029	.053	-.088	-.077	-.082	-.092	1	-.107	-.039	-.034	-.119*	-.230**	-.039	-.168**
	Sig. (2-tailed)	.657	.612	.347	.118	.172	.144	.102		.056	.488	.549	.033	<.001	.488	.003
	N	319	319	319	319	319	319	319	319	319	319	319	319	319	319	319
Voto_L	Pearson Correlation	-.144*	-.209**	-.029	-.155**	-.069	-.074	-.082	-.107	1	-.035	-.030	-.107	-.207**	-.035	-.151**
	Sig. (2-tailed)	.010	<.001	.603	.006	.220	.190	.142	.056		.534	.591	.056	<.001	.534	.007
	N	319	319	319	319	319	319	319	319	319	319	319	319	319	319	319
Voto_PAN	Pearson Correlation	-.055	.000	.019	-.055	-.025	-.027	-.030	-.039	-.035	1	-.011	-.039	-.075	-.013	-.055
	Sig. (2-tailed)	.325	.998	.735	.326	.656	.634	.595	.488	.534		.845	.488	.181	.821	.329
	N	319	319	319	319	319	319	319	319	319	319	319	319	319	319	319
Voto_PCP	Pearson Correlation	-.048	-.013	-.094	-.062	-.022	-.023	-.026	-.034	-.030	-.011	1	-.034	-.065	-.011	-.047
	Sig. (2-tailed)	.394	.819	.093	.273	.700	.681	.645	.549	.591	.845		.549	.248	.845	.399
	N	319	319	319	319	319	319	319	319	319	319	319	319	319	319	319
Voto_PS	Pearson Correlation	-.133*	-.144**	-.018	-.145**	-.077	-.082	-.092	-.119*	-.107	-.039	-.034	1	-.230**	-.039	-.168**
	Sig. (2-tailed)	.017	.010	.743	.010	.172	.144	.102	.033	.056	.488	.549		<.001	.488	.003
	N	319	319	319	319	319	319	319	319	319	319	319	319	319	319	319
Voto_PSD	Pearson Correlation	.256**	.166**	.171**	.252**	-.148**	-.158**	-.177**	-.230**	-.207**	-.075	-.065	-.230**	1	-.075	-.324**
	Sig. (2-tailed)	<.001	.003	.002	<.001	.008	.005	.002	<.001	.181	.248	<.001	.181		.181	<.001
	N	319	319	319	319	319	319	319	319	319	319	319	319	319	319	319
Voto_Outro	Pearson Correlation	.017	.116*	.102	.051	-.025	-.027	-.030	-.039	-.035	-.013	-.011	-.039	-.075	1	-.055
	Sig. (2-tailed)	.761	.039	.068	.360	.656	.634	.595	.488	.534	.821	.845	.488	.181		.329
	N	319	319	319	319	319	319	319	319	319	319	319	319	319	319	319
Voto_Indep	Pearson Correlation	-.067	-.031	-.096	-.019	-.108	-.115*	-.129*	-.168**	-.151**	-.055	-.047	-.168**	-.324**	-.055	1
	Sig. (2-tailed)	.233	.585	.086	.742	.054	.039	.021	.003	.007	.329	.399	.003	<.001	.329	
	N	319	319	319	319	319	319	319	319	319	319	319	319	319	319	319

** Correlation is significant at the 0.01 level (2-tailed).

* Correlation is significant at the 0.05 level (2-tailed).

Figura 24. Correlação Atitudes/Simpatia Partidária

		Autoritarismo	Conservadorismo	Liberalismo	Religiosidade	Ext. Esq	Esq	Centro Esq	Centro	Centro Direita	Direita
Autoritarismo	Pearson Correlation	1	.634**	.447**	.432**	-.152**	-.340**	-.156**	-.040	.111*	.340**
	Sig. (2-tailed)		<.001	<.001	<.001	.007	<.001	.005	.480	.048	<.001
	N	319	319	319	319	319	319	319	319	319	319
Conservadorismo	Pearson Correlation	.634**	1	.421**	.627**	-.042	-.304**	-.161**	-.082	.035	.360**
	Sig. (2-tailed)	<.001		<.001	<.001	.460	<.001	.004	.146	.529	<.001
	N	319	319	319	319	319	319	319	319	319	319
Liberalismo	Pearson Correlation	.447**	.421**	1	.374**	-.144*	-.263**	-.067	.141*	.041	.163**
	Sig. (2-tailed)	<.001	<.001		<.001	.010	<.001	.232	.012	.460	.003
	N	319	319	319	319	319	319	319	319	319	319
Religiosidade	Pearson Correlation	.432**	.627**	.374**	1	-.094	-.306**	-.233**	-.016	.086	.344**
	Sig. (2-tailed)	<.001	<.001	<.001		.094	<.001	<.001	.778	.124	<.001
	N	319	319	319	319	319	319	319	319	319	319
Ext. Esquerda	Pearson Correlation	-.152**	-.042	-.144*	-.094	1	-.051	-.052	-.052	-.077	-.072
	Sig. (2-tailed)	.007	.460	.010	.094		.363	.356	.350	.172	.197
	N	319	319	319	319	319	319	319	319	319	319
Esquerda	Pearson Correlation	-.340**	-.304**	-.263**	-.306**	-.051	1	-.166**	-.168**	-.246**	-.233**
	Sig. (2-tailed)	<.001	<.001	<.001	<.001	.363		.003	.003	<.001	<.001
	N	319	319	319	319	319	319	319	319	319	319
Centro Esq.	Pearson Correlation	-.156**	-.161**	-.067	-.233**	-.052	-.166**	1	-.171**	-.249**	-.236**
	Sig. (2-tailed)	.005	.004	.232	<.001	.356	.003		.002	<.001	<.001
	N	319	319	319	319	319	319	319	319	319	319
Centro	Pearson Correlation	-.040	-.082	.141*	-.016	-.052	-.168**	-.171**	1	-.253**	-.238**
	Sig. (2-tailed)	.480	.146	.012	.778	.350	.003	.002		<.001	<.001
	N	319	319	319	319	319	319	319	319	319	319
Centro Direita	Pearson Correlation	.111*	.035	.041	.086	-.077	-.246**	-.249**	-.253**	1	-.340**
	Sig. (2-tailed)	.048	.529	.460	.124	.172	<.001	<.001	<.001		<.001
	N	319	319	319	319	319	319	319	319	319	319
Direita	Pearson Correlation	.340**	.360**	.163**	.344**	-.072	-.233**	-.236**	-.349**	-.349**	1
	Sig. (2-tailed)	<.001	<.001	.003	<.001	.197	<.001	<.001	<.001	<.001	
	N	319	319	319	319	319	319	319	319	319	319

** Correlation is significant at the 0.01 level (2-tailed).

* Correlation is significant at the 0.05 level (2-tailed).

Figura 25. Correlação Atitudes/Eixo Político

		Autoritarismo	Conservadorismo	Liberalismo	Religiosidade	P.2.19 Adapto-me facilmente a novos contextos (e.g., culturas, ambientes).	P.2.22 Não tenho receio em enfrentar qualquer tipo de desafio.	P.2.8 Consigo resolver problemas complexos.	P.2.3 Estou sempre disposto (a) a aprender coisas novas.
Autoritarismo	Pearson Correlation	1	.634**	.447**	.432**	.033	.167**	-.016	.003
	Sig. (2-tailed)		<.001	<.001	<.001	.556	.003	.770	.954
	N	319	319	319	319	319	319	319	319
Conservadorismo	Pearson Correlation	.634**	1	.421**	.627**	-.006	.181**	-.019	.004
	Sig. (2-tailed)	<.001		<.001	<.001	.915	.001	.732	.937
	N	319	319	319	319	319	319	319	319
Liberalismo	Pearson Correlation	.447**	.421**	1	.374**	.093	.110	.101	.090
	Sig. (2-tailed)	<.001	<.001		<.001	.096	.050	.072	.109
	N	319	319	319	319	319	319	319	319
Religiosidade	Pearson Correlation	.432**	.627**	.374**	1	.141*	.175**	-.037	-.042
	Sig. (2-tailed)	<.001	<.001	<.001		.012	.002	.505	.457
	N	319	319	319	319	319	319	319	319
P.2.19 Adapto-me facilmente a novos contextos (e.g., culturas, ambientes).	Pearson Correlation	.033	-.006	.093	.141*	1	.457**	.395**	.289**
	Sig. (2-tailed)	.556	.915	.096	.012		<.001	<.001	<.001
	N	319	319	319	319	319	319	319	319
P.2.22 Não tenho receio em enfrentar qualquer tipo de desafio.	Pearson Correlation	.167**	.181**	.110	.175**	.457**	1	.337**	.279**
	Sig. (2-tailed)	.003	.001	.050	.002	<.001		<.001	<.001
	N	319	319	319	319	319	319	319	319
P.2.8 Consigo resolver problemas complexos.	Pearson Correlation	-.016	-.019	.101	-.037	.395**	.337**	1	.428**
	Sig. (2-tailed)	.770	.732	.072	.505	<.001	<.001		<.001
	N	319	319	319	319	319	319	319	319
P.2.3 Estou sempre disposto (a) a aprender coisas novas.	Pearson Correlation	.003	.004	.090	-.042	.289**	.279**	.428**	1
	Sig. (2-tailed)	.954	.937	.109	.457	<.001	<.001	<.001	
	N	319	319	319	319	319	319	319	319

** Correlation is significant at the 0.01 level (2-tailed).

* Correlation is significant at the 0.05 level (2-tailed).

Figura 26. Correlação Perguntas de Abertura à Experiência/Atitudes

		Autoritarismo	Conservadorismo	Liberalismo	Religiosidade	P.2.12 Sou altruista.	P.2.17 Ponho os outros em primeiro lugar.	P.2.13 Coloco os interesse do grupo à frente dos meus.	P.2.18 Sou uma pessoa humilde.	P.2.6 Estou sempre pronto(a) a ajudar.	P.2.5 Considero-me uma pessoa tolerante.
Autoritarismo	Pearson Correlation	1	.634**	.447**	.432**	-.094	.004	-.003	.114*	.004	-.304**
	Sig. (2-tailed)		<.001	<.001	<.001	.095	.949	.952	.041	.945	<.001
	N	319	319	319	319	319	319	319	319	319	319
Conservadorismo	Pearson Correlation	.634**	1	.421**	.627**	-.070	.019	.003	.098	-.042	-.278**
	Sig. (2-tailed)	<.001		<.001	<.001	.213	.735	.957	.080	.460	<.001
	N	319	319	319	319	319	319	319	319	319	319
Liberalismo	Pearson Correlation	.447**	.421**	1	.374**	-.004	.110*	.062	.180**	.051	-.104
	Sig. (2-tailed)	<.001	<.001		<.001	.939	.050	.269	.001	.363	.064
	N	319	319	319	319	319	319	319	319	319	319
Religiosidade	Pearson Correlation	.432**	.627**	.374**	1	-.004	.145**	.017	.169**	.093	-.156**
	Sig. (2-tailed)	<.001	<.001	<.001		.947	.010	.760	.002	.097	.005
	N	319	319	319	319	319	319	319	319	319	319
P.2.12 Sou altruista.	Pearson Correlation	-.094	-.070	-.004	-.004	1	.201**	.312**	.295**	.409**	.256**
	Sig. (2-tailed)	.095	.213	.939	.947		<.001	<.001	<.001	<.001	<.001
	N	319	319	319	319	319	319	319	319	319	319
P.2.17 Ponho os outros em primeiro lugar.	Pearson Correlation	.004	.019	.110*	.145**	.201**	1	.511**	.342**	.381**	.162**
	Sig. (2-tailed)	.949	.735	.050	.010	<.001		<.001	<.001	<.001	.004
	N	319	319	319	319	319	319	319	319	319	319
P.2.13 Coloco os interesse do grupo à frente dos meus.	Pearson Correlation	-.003	.003	.062	.017	.312**	.511**	1	.265**	.320**	.251**
	Sig. (2-tailed)	.952	.957	.269	.760	<.001	<.001		<.001	<.001	<.001
	N	319	319	319	319	319	319	319	319	319	319
P.2.18 Sou uma pessoa humilde.	Pearson Correlation	.114*	.098	.180**	.169**	.295**	.342**	.265**	1	.461**	.213**
	Sig. (2-tailed)	.041	.080	.001	.002	<.001	<.001	<.001		<.001	<.001
	N	319	319	319	319	319	319	319	319	319	319
P.2.6 Estou sempre pronto(a) a ajudar.	Pearson Correlation	.004	-.042	.051	.093	.409**	.381**	.320**	.461**	1	.284**
	Sig. (2-tailed)	.945	.460	.363	.097	<.001	<.001	<.001	<.001		<.001
	N	319	319	319	319	319	319	319	319	319	319
P.2.5 Considero-me uma pessoa tolerante.	Pearson Correlation	-.304**	-.278**	-.104	-.156**	.256**	.162**	.251**	.213**	.284**	1
	Sig. (2-tailed)	<.001	<.001	.064	.005	<.001	.004	<.001	<.001	<.001	
	N	319	319	319	319	319	319	319	319	319	319

** Correlation is significant at the 0.01 level (2-tailed).

* Correlation is significant at the 0.05 level (2-tailed).

Figura 27. Correlação Perguntas de Amabilidade/Atitudes

9.1.5. Tabelas de Regressões Lineares Múltiplas

Model Summary									
Change Statistics									
Model	R	R Square	Adjusted R Square	Std. Error of the Estimate	R Square Change	F Change	df1	df2	Sig. F Change
1	.196 ^a	.038	.023	.86894	.038	2.506	5	313	.030

^a Predictors: (Constant), Neuroticismo, Conscienciosidade, Extroversão, Amabilidade, Abertura

Figura 28. Regressão Linear Múltipla Conservadorismo/Traços

Model Summary									
Change Statistics									
Model	R	R Square	Adjusted R Square	Std. Error of the Estimate	R Square Change	F Change	df1	df2	Sig. F Change
1	.310 ^a	.096	.081	.80905	.096	6.637	5	313	<.001

^a Predictors: (Constant), Neuroticismo, Conscienciosidade, Extroversão, Amabilidade, Abertura

Figura 29. Regressão Linear Múltipla Autoritarismo/Traços

Model Summary									
Change Statistics									
Model	R	R Square	Adjusted R Square	Std. Error of the Estimate	R Square Change	F Change	df1	df2	Sig. F Change
1	.248 ^a	.061	.046	.66311	.061	4.088	5	313	.001

^a Predictors: (Constant), Neuroticismo, Conscienciosidade, Extroversão, Amabilidade, Abertura

Figura 30. Regressão Linear Múltipla Liberalismo/Traços

Model Summary									
Change Statistics									
Model	R	R Square	Adjusted R Square	Std. Error of the Estimate	R Square Change	F Change	df1	df2	Sig. F Change
1	.325 ^a	.105	.091	.81288	.105	7.381	5	313	<.001

^a Predictors: (Constant), Neuroticismo, Conscienciosidade, Extroversão, Amabilidade, Abertura

Figura 31. Regressão Linear Múltipla Religiosidade/Traços

9.1.6. Tabelas de Médias Partidárias

Abertura Conscienciosidade Extroversão Amabilidade Neuroticismo Autoritarismo Conservadorismo Liberalismo Religiosidade * Voto_BE										
Voto_BE		Abertura	Conscienciosidade	Extroversão	Amabilidade	Neuroticismo	Autoritarismo	Conservadorismo	Liberalismo	Religiosidade
.00	Mean	5.6554	5.3132	5.3503	5.2895	3.1842	2.6365	2.2947	2.8684	2.7705
	N	304	304	304	304	304	304	304	304	304
	Std. Deviation	.82922	.82651	1.08954	.75020	.85680	.81476	.86865	.65309	.84221
1.00	Mean	5.1500	4.7600	4.1667	5.4667	3.8667	1.4444	1.3200	1.9000	1.7556
	N	15	15	15	15	15	15	15	15	15
	Std. Deviation	.87014	1.23566	.89476	.82904	1.26726	.60640	.50596	.53285	.33386
Total	Mean	5.6317	5.2871	5.2947	5.2978	3.2163	2.5805	2.2489	2.8229	2.7227
	N	319	319	319	319	319	319	319	319	319
	Std. Deviation	.83665	.85550	1.10875	.75360	.88945	.84415	.87917	.67902	.85268

Figura 32. Média Bloco de Esquerda Traços e Atitudes

*Abertura Conscienciosidade Extroversão Amabilidade Neuroticismo Autoritarismo Conservadorismo Liberalismo Religiosidade * Voto_CDS*

Voto_CDS		Abertura	Conscienciosidade	Extroversão	Amabilidade	Neuroticismo	Autoritarismo	Conservadorismo	Liberalismo	Religiosidade
.00	Mean	5.6316	5.2775	5.2591	5.3113	3.2177	2.5684	2.2179	2.8171	2.6814
	N	302	302	302	302	302	302	302	302	302
	Std. Deviation	.83518	.85194	1.11026	.74515	.88781	.84957	.87114	.68553	.84008
1.00	Mean	5.6324	5.4588	5.9265	5.0588	3.1912	2.7941	2.8000	2.9265	3.4575
	N	17	17	17	17	17	17	17	17	17
	Std. Deviation	.88881	.92673	.89165	.88180	.94592	.73013	.86313	.55737	.75347
Total	Mean	5.6317	5.2871	5.2947	5.2978	3.2163	2.5805	2.2489	2.8229	2.7227
	N	319	319	319	319	319	319	319	319	319
	Std. Deviation	.83665	.85550	1.10875	.75360	.88945	.84415	.87917	.67902	.85268

Figura 33. Média CDS Traços e Atitudes

*Abertura Conscienciosidade Extroversão Amabilidade Neuroticismo Autoritarismo Conservadorismo Liberalismo Religiosidade * Voto_CH*

Voto_CH		Abertura	Conscienciosidade	Extroversão	Amabilidade	Neuroticismo	Autoritarismo	Conservadorismo	Liberalismo	Religiosidade
.00	Mean	5.6023	5.2624	5.3070	5.3065	3.2064	2.5296	2.1993	2.8171	2.7043
	N	298	298	298	298	298	298	298	298	298
	Std. Deviation	.84213	.85454	1.10768	.74575	.89199	.83415	.85509	.66958	.83713
1.00	Mean	6.0476	5.6381	5.1190	5.1746	3.3571	3.3016	2.9524	2.9048	2.9841
	N	21	21	21	21	21	21	21	21	21
	Std. Deviation	.63551	.80900	1.13638	.86839	.86086	.64252	.93575	.81577	1.03774
Total	Mean	5.6317	5.2871	5.2947	5.2978	3.2163	2.5805	2.2489	2.8229	2.7227
	N	319	319	319	319	319	319	319	319	319
	Std. Deviation	.83665	.85550	1.10875	.75360	.88945	.84415	.87917	.67902	.85268

Figura 34. Média Chega Traços e Atitudes

*Abertura Conscienciosidade Extroversão Amabilidade Neuroticismo Autoritarismo Conservadorismo Liberalismo Religiosidade * Voto_IL*

Voto_IL		Abertura	Conscienciosidade	Extroversão	Amabilidade	Neuroticismo	Autoritarismo	Conservadorismo	Liberalismo	Religiosidade
.00	Mean	5.6202	5.2975	5.2947	5.3193	3.2360	2.5877	2.2575	2.8105	2.7485
	N	285	285	285	285	285	285	285	285	285
	Std. Deviation	.85105	.87333	1.12626	.74141	.90809	.85540	.90868	.69681	.85948
1.00	Mean	5.7279	5.2000	5.2941	5.1176	3.0515	2.5196	2.1765	2.9265	2.5065
	N	34	34	34	34	34	34	34	34	34
	Std. Deviation	.70809	.69282	.96427	.83940	.70383	.75184	.58000	.50200	.77135
Total	Mean	5.6317	5.2871	5.2947	5.2978	3.2163	2.5805	2.2489	2.8229	2.7227
	N	319	319	319	319	319	319	319	319	319
	Std. Deviation	.83665	.85550	1.10875	.75360	.88945	.84415	.87917	.67902	.85268

Figura 35. Média Iniciativa Liberal Traços e Atitudes

*Abertura Conscienciosidade Extroversão Amabilidade Neuroticismo Autoritarismo Conservadorismo Liberalismo Religiosidade * Voto_L*

Voto_L		Abertura	Conscienciosidade	Extroversão	Amabilidade	Neuroticismo	Autoritarismo	Conservadorismo	Liberalismo	Religiosidade
.00	Mean	5.6400	5.3368	5.2930	5.2898	3.2302	2.6180	2.3058	2.8290	2.7637
	N	291	291	291	291	291	291	291	291	291
	Std. Deviation	.84661	.85217	1.11856	.76503	.89385	.84985	.86483	.67958	.85864
1.00	Mean	5.5446	4.7714	5.3125	5.3810	3.0714	2.1905	1.6571	2.7589	2.2976
	N	28	28	28	28	28	28	28	28	28
	Std. Deviation	.73300	.71949	1.01977	.62831	.84398	.67998	.81986	.68205	.66258
Total	Mean	5.6317	5.2871	5.2947	5.2978	3.2163	2.5805	2.2489	2.8229	2.7227
	N	319	319	319	319	319	319	319	319	319
	Std. Deviation	.83665	.85550	1.10875	.75360	.88945	.84415	.87917	.67902	.85268

Figura 36. Média Livre Traços e Atitudes

*Abertura Conscienciosidade Extroversão Amabilidade Neuroticismo Autoritarismo Conservadorismo Liberalismo Religiosidade * Voto_PAN*

Voto_PAN		Abertura	Conscienciosidade	Extroversão	Amabilidade	Neuroticismo	Autoritarismo	Conservadorismo	Liberalismo	Religiosidade
.00	Mean	5.6373	5.2908	5.3008	5.2947	3.2270	2.5857	2.2489	2.8214	2.7280
	N	315	315	315	315	315	315	315	315	315
	Std. Deviation	.82867	.84943	1.11026	.75221	.88426	.84444	.88225	.68134	.85175
1.00	Mean	5.1875	5.0000	4.8125	5.5417	2.3750	2.1667	2.2500	2.9375	2.3056
	N	4	4	4	4	4	4	4	4	4
	Std. Deviation	1.43433	1.39523	.98689	.94648	1.03078	.81650	.68069	.51539	.94879
Total	Mean	5.6317	5.2871	5.2947	5.2978	3.2163	2.5805	2.2489	2.8229	2.7227
	N	319	319	319	319	319	319	319	319	319
	Std. Deviation	.83665	.85550	1.10875	.75360	.88945	.84415	.87917	.67902	.85268

Figura 37. Média PAN Traços e Atitudes

*Abertura Conscienciosidade Extroversão Amabilidade Neuroticismo Autoritarismo Conservadorismo Liberalismo Religiosidade * Voto_PCP*

Voto_PCP		Abertura	Conscienciosidade	Extroversão	Amabilidade	Neuroticismo	Autoritarismo	Conservadorismo	Liberalismo	Religiosidade
.00	Mean	5.6266	5.2867	5.2903	5.2959	3.2120	2.5844	2.2500	2.8291	2.7278
	N	316	316	316	316	316	316	316	316	316
	Std. Deviation	.83107	.85342	1.10937	.75506	.88222	.84207	.88078	.67441	.85482
1.00	Mean	6.1667	5.3333	5.7500	5.5000	3.6667	2.1667	2.1333	2.1667	2.1852
	N	3	3	3	3	3	3	3	3	3
	Std. Deviation	1.44338	1.28582	1.14564	.66667	1.70171	1.16667	.83267	1.01036	.27962
Total	Mean	5.6317	5.2871	5.2947	5.2978	3.2163	2.5805	2.2489	2.8229	2.7227
	N	319	319	319	319	319	319	319	319	319
	Std. Deviation	.83665	.85550	1.10875	.75360	.88945	.84415	.87917	.67902	.85268

Figura 38. Média PCP Traços e Atitudes

*Abertura Conscienciosidade Extroversão Amabilidade Neuroticismo Autoritarismo Conservadorismo Liberalismo Religiosidade * Voto_PS*

Voto_PS		Abertura	Conscienciosidade	Extroversão	Amabilidade	Neuroticismo	Autoritarismo	Conservadorismo	Liberalismo	Religiosidade
.00	Mean	5.6158	5.2709	5.2711	5.2573	3.2158	2.6193	2.2926	2.8272	2.7653
	N	285	285	285	285	285	285	285	285	285
	Std. Deviation	.87019	.87236	1.11646	.74711	.90913	.83380	.88436	.68092	.85693
1.00	Mean	5.7647	5.4235	5.4926	5.6373	3.2206	2.2549	1.8824	2.7868	2.3660
	N	34	34	34	34	34	34	34	34	34
	Std. Deviation	.45619	.69416	1.03625	.73222	.71447	.87255	.75014	.67176	.73475
Total	Mean	5.6317	5.2871	5.2947	5.2978	3.2163	2.5805	2.2489	2.8229	2.7227
	N	319	319	319	319	319	319	319	319	319
	Std. Deviation	.83665	.85550	1.10875	.75360	.88945	.84415	.87917	.67902	.85268

Figura 39. Média PS Traços e Atitudes

*Abertura Conscienciosidade Extroversão Amabilidade Neuroticismo Autoritarismo Conservadorismo Liberalismo Religiosidade * Voto_PSD*

Voto_PSD		Abertura	Conscienciosidade	Extroversão	Amabilidade	Neuroticismo	Autoritarismo	Conservadorismo	Liberalismo	Religiosidade
.00	Mean	5.6391	5.2552	5.1833	5.2881	3.2353	2.4367	2.1520	2.7455	2.5797
	N	221	221	221	221	221	221	221	221	221
	Std. Deviation	.81995	.84511	1.12554	.77734	.88777	.84582	.89568	.69453	.87134
1.00	Mean	5.6148	5.3592	5.5459	5.3197	3.1735	2.9048	2.4673	2.9974	3.0454
	N	98	98	98	98	98	98	98	98	98
	Std. Deviation	.87724	.87859	1.03193	.70046	.89630	.74842	.80306	.61079	.71402
Total	Mean	5.6317	5.2871	5.2947	5.2978	3.2163	2.5805	2.2489	2.8229	2.7227
	N	319	319	319	319	319	319	319	319	319
	Std. Deviation	.83665	.85550	1.10875	.75360	.88945	.84415	.87917	.67902	.85268

Figura 40. Média PSD Traços e Atitudes

*Abertura Conscienciosidade Extroversão Amabilidade Neuroticismo Autoritarismo Conservadorismo Liberalismo Religiosidade * Voto_Indep*

Voto_Indep		Abertura	Conscienciosidade	Extroversão	Amabilidade	Neuroticismo	Autoritarismo	Conservadorismo	Liberalismo	Religiosidade
.00	Mean	5.6483	5.2659	5.3537	5.3165	3.1996	2.6079	2.2620	2.8547	2.7304
	N	258	258	258	258	258	258	258	258	258
	Std. Deviation	.80252	.87303	1.08409	.76492	.90038	.85711	.88333	.68382	.85042
1.00	Mean	5.5615	5.3770	5.0451	5.2186	3.2869	2.4645	2.1934	2.6885	2.6903
	N	61	61	61	61	61	61	61	61	61
	Std. Deviation	.97217	.77726	1.18454	.70418	.84513	.78299	.86638	.64655	.86854
Total	Mean	5.6317	5.2871	5.2947	5.2978	3.2163	2.5805	2.2489	2.8229	2.7227
	N	319	319	319	319	319	319	319	319	319
	Std. Deviation	.83665	.85550	1.10875	.75360	.88945	.84415	.87917	.67902	.85268

Figura 41. Média Independentes Traços e Atitudes

9.1.7. Tabelas de ANOVAS

Abertura

	N	Mean	Std. Deviation	Std. Error	95% Confidence Interval for Mean		Minimum	Maximum
					Lower Bound	Upper Bound		
1	15	5.1500	.87014	.22467	4.6681	5.6319	3.25	6.75
2	17	5.6324	.88881	.21557	5.1754	6.0893	3.75	7.00
3	21	6.0476	.63551	.13868	5.7583	6.3369	4.50	7.00
4	34	5.7279	.70809	.12144	5.4809	5.9750	4.50	7.00
5	28	5.5446	.73300	.13852	5.2604	5.8289	3.75	6.75
6	4	5.1875	1.43433	.71716	2.9052	7.4698	3.50	6.50
7	3	6.1667	1.44338	.83333	2.5811	9.7522	4.50	7.00
8	34	5.7647	.45619	.07824	5.6055	5.9239	5.00	7.00
9	98	5.6148	.87724	.08861	5.4389	5.7907	2.00	7.00
10	4	5.4375	.65749	.32874	4.3913	6.4837	4.50	6.00
11	61	5.5615	.97217	.12447	5.3125	5.8105	3.50	7.00
Total	319	5.6317	.83665	.04684	5.5395	5.7238	2.00	7.00

Tests of Homogeneity of Variances

		Levene Statistic	df1	df2	Sig.
Abertura	Based on Mean	4.018	10	308	<.001
	Based on Median	3.077	10	308	<.001
	Based on Median and with adjusted df	3.077	10	220.142	.001
	Based on trimmed mean	3.962	10	308	<.001

ANOVA

Abertura

	Sum of Squares	df	Mean Square	F	Sig.
Between Groups	10.369	10	1.037	1.505	.136
Within Groups	212.226	308	.689		
Total	222.595	318			

ANOVA Effect Sizes^{a,b}

		Point Estimate	95% Confidence Interval	
			Lower	Upper
Abertura	Eta-squared	.047	.000	.068
	Epsilon-squared	.016	-.032	.038
	Omega-squared Fixed-effect	.016	-.032	.037
	Omega-squared Random-effect	.002	-.003	.004

a. Eta-squared and Epsilon-squared are estimated based on the fixed-effect model.

b. Negative but less biased estimates are retained, not rounded to zero.

Figura 42. ANOVA Níveis de Abertura à Experiência entre Simpatizantes de Diferentes Partidos

Conscienciosidade

	N	Mean	Std. Deviation	Std. Error	95% Confidence Interval for Mean		Minimum	Maximum
					Lower Bound	Upper Bound		
1	15	4.7600	1.23566	.31905	4.0757	5.4443	2.40	6.80
2	17	5.4588	.92673	.22476	4.9823	5.9353	3.20	6.60
3	21	5.6381	.80900	.17654	5.2698	6.0063	3.40	6.60
4	34	5.2000	.69282	.11882	4.9583	5.4417	3.60	7.00
5	28	4.7714	.71949	.13597	4.4924	5.0504	3.80	7.00
6	4	5.0000	1.39523	.69761	2.7799	7.2201	3.40	6.60
7	3	5.3333	1.28582	.74237	2.1392	8.5275	4.40	6.80
8	34	5.4235	.69416	.11905	5.1813	5.6657	3.80	6.60
9	98	5.3592	.87859	.08875	5.1830	5.5353	3.00	7.00
10	4	5.0000	.65320	.32660	3.9606	6.0394	4.20	5.80
11	61	5.3770	.77726	.09952	5.1780	5.5761	3.20	6.80
Total	319	5.2871	.85550	.04790	5.1929	5.3814	2.40	7.00

Tests of Homogeneity of Variances

		Levene Statistic	df1	df2	Sig.
Conscienciosidade	Based on Mean	1.838	10	308	.054
	Based on Median	1.439	10	308	.162
	Based on Median and with adjusted df	1.439	10	265.520	.163
	Based on trimmed mean	1.761	10	308	.067

ANOVA

Conscienciosidade

	Sum of Squares	df	Mean Square	F	Sig.
Between Groups	17.261	10	1.726	2.467	.007
Within Groups	215.476	308	.700		
Total	232.737	318			

ANOVA Effect Sizes^{a,b}

		Point Estimate	95% Confidence Interval	
			Lower	Upper
Conscienciosidade	Eta-squared	.074	.006	.106
	Epsilon-squared	.044	-.026	.077
	Omega-squared Fixed-effect	.044	-.026	.077
	Omega-squared Random-effect	.005	-.003	.008

a. Eta-squared and Epsilon-squared are estimated based on the fixed-effect model.

b. Negative but less biased estimates are retained, not rounded to zero.

Figura 43. ANOVA Níveis de Conscienciosidade entre Simpatizantes de Diferentes Partidos

Amabilidade

	N	Mean	Std. Deviation	Std. Error	95% Confidence Interval for Mean		Minimum	Maximum
					Lower Bound	Upper Bound		
1	15	5.4667	.82904	.21406	5.0076	5.9258	3.50	6.67
2	17	5.0588	.88180	.21387	4.6054	5.5122	3.67	6.67
3	21	5.1746	.86839	.18950	4.7793	5.5699	3.67	6.67
4	34	5.1176	.83940	.14396	4.8248	5.4105	2.33	6.83
5	28	5.3810	.62831	.11874	5.1373	5.6246	4.33	6.67
6	4	5.5417	.94648	.47324	4.0356	7.0477	4.83	6.83
7	3	5.5000	.66667	.38490	3.8439	7.1561	4.83	6.17
8	34	5.6373	.73222	.12557	5.3818	5.8927	3.17	7.00
9	98	5.3197	.70046	.07076	5.1793	5.4602	3.17	6.67
10	4	4.6667	.73283	.36641	3.5006	5.8328	3.83	5.50
11	61	5.2186	.70418	.09016	5.0382	5.3989	3.50	6.83
Total	319	5.2978	.75360	.04219	5.2148	5.3808	2.33	7.00

Tests of Homogeneity of Variances

		Levene Statistic	df1	df2	Sig.
Amabilidade	Based on Mean	.498	10	308	.891
	Based on Median	.460	10	308	.915
	Based on Median and with adjusted df	.460	10	268.558	.914
	Based on trimmed mean	.490	10	308	.896

ANOVA

Amabilidade

	Sum of Squares	df	Mean Square	F	Sig.
Between Groups	9.316	10	.932	1.675	.086
Within Groups	171.281	308	.556		
Total	180.597	318			

ANOVA Effect Sizes^{a,b}

		Point Estimate	95% Confidence Interval	
			Lower	Upper
Amabilidade	Eta-squared	.052	.000	.075
	Epsilon-squared	.021	-.032	.045
	Omega-squared Fixed-effect	.021	-.032	.045
	Omega-squared Random-effect	.002	-.003	.005

a. Eta-squared and Epsilon-squared are estimated based on the fixed-effect model.

b. Negative but less biased estimates are retained, not rounded to zero.

Figura 44. ANOVA Níveis de Amabilidade entre Simpatizantes de Diferentes Partidos

Descriptives

Extroversão

	N	Mean	Std. Deviation	Std. Error	95% Confidence Interval for Mean		Minimum	Maximum
					Lower Bound	Upper Bound		
1	15	4.1667	.89476	.23103	3.6712	4.6622	2.75	6.00
2	17	5.9265	.89165	.21626	5.4680	6.3849	4.00	7.00
3	21	5.1190	1.13638	.24798	4.6018	5.6363	2.75	6.75
4	34	5.2941	.96427	.16537	4.9577	5.6306	2.75	7.00
5	28	5.3125	1.01977	.19272	4.9171	5.7079	2.50	7.00
6	4	4.8125	.98689	.49345	3.2421	6.3829	4.00	6.25
7	3	5.7500	1.14564	.66144	2.9041	8.5959	4.50	6.75
8	34	5.4926	1.03625	.17771	5.1311	5.8542	2.75	7.00
9	98	5.5459	1.03193	.10424	5.3390	5.7528	1.00	7.00
10	4	3.7500	1.29099	.64550	1.6957	5.8043	2.25	5.25
11	61	5.0451	1.18454	.15167	4.7417	5.3485	2.00	6.75
Total	319	5.2947	1.10875	.06208	5.1725	5.4168	1.00	7.00

Tests of Homogeneity of Variances

		Levene Statistic	df1	df2	Sig.
Extroversão	Based on Mean	.720	10	308	.705
	Based on Median	.798	10	308	.631
	Based on Median and with adjusted df	.798	10	302.016	.631
	Based on trimmed mean	.729	10	308	.697

ANOVA

Extroversão

	Sum of Squares	df	Mean Square	F	Sig.
Between Groups	48.943	10	4.894	4.408	<.001
Within Groups	341.983	308	1.110		
Total	390.926	318			

ANOVA Effect Sizes^a

		Point Estimate	95% Confidence Interval	
			Lower	Upper
Extroversão	Eta-squared	.125	.041	.169
	Epsilon-squared	.097	.010	.142
	Omega-squared Fixed-effect	.097	.010	.142
	Omega-squared Random-effect	.011	.001	.016

a. Eta-squared and Epsilon-squared are estimated based on the fixed-effect model.

Figura 45. ANOVA Níveis de Extroversão entre Simpatizantes de Diferentes Partidos

Neuroticismo

	N	Mean	Std. Deviation	Std. Error	95% Confidence Interval for Mean		Minimum	Maximum
					Lower Bound	Upper Bound		
1	15	3.8667	1.26726	.32721	3.1649	4.5685	1.50	6.00
2	17	3.1912	.94592	.22942	2.7048	3.6775	1.75	5.00
3	21	3.3571	.86086	.18785	2.9653	3.7490	2.25	5.25
4	34	3.0515	.70383	.12071	2.8059	3.2970	1.75	4.50
5	28	3.0714	.84398	.15950	2.7442	3.3987	1.25	4.50
6	4	2.3750	1.03078	.51539	.7348	4.0152	1.00	3.50
7	3	3.6667	1.70171	.98249	-.5606	7.8940	1.75	5.00
8	34	3.2206	.71447	.12253	2.9713	3.4699	2.00	5.50
9	98	3.1735	.89630	.09054	2.9938	3.3532	1.75	5.25
10	4	3.0000	1.33853	.66927	.8701	5.1299	1.00	3.75
11	61	3.2869	.84513	.10821	3.0704	3.5033	1.75	4.75
Total	319	3.2163	.88945	.04980	3.1183	3.3143	1.00	6.00

Tests of Homogeneity of Variances

		Levene Statistic	df1	df2	Sig.
Neuroticismo	Based on Mean	2.095	10	308	.025
	Based on Median	1.458	10	308	.154
	Based on Median and with adjusted df	1.458	10	220.690	.157
	Based on trimmed mean	2.005	10	308	.033

ANOVA

Neuroticismo

	Sum of Squares	df	Mean Square	F	Sig.
Between Groups	12.394	10	1.239	1.596	.107
Within Groups	239.181	308	.777		
Total	251.575	318			

ANOVA Effect Sizes^{a,b}

		Point Estimate	95% Confidence Interval	
			Lower	Upper
Neuroticismo	Eta-squared	.049	.000	.072
	Epsilon-squared	.018	-.032	.042
	Omega-squared Fixed-effect	.018	-.032	.041
	Omega-squared Random-effect	.002	-.003	.004

a. Eta-squared and Epsilon-squared are estimated based on the fixed-effect model.

b. Negative but less biased estimates are retained, not rounded to zero.

Figura 46. ANOVA Níveis de Neuroticismo entre Simpatizantes de Diferentes Partidos

2.15 – Penso minuciosamente em todos os prós e contras antes de tomar uma decisão.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
2.16 – Sinto-me bem quando estou rodeado(a) de pessoas.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
2.17 – Ponho os outros em primeiro lugar.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
2.18 – Sou uma pessoa humilde.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
2.19 – Adapto-me facilmente a novos contextos (e.g., culturas, ambientes).	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
2.20 – Considero-me uma pessoa escrupulosa.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
2.21 – Sou uma pessoa descontraída.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
2.22 – Não tenho receio em enfrentar qualquer tipo de desafio.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
2.23 – Sou pontual.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

III – Avaliação de Atitudes e Valores Políticos

Por favor, **indique o grau de concordância** que melhor representa **a sua opinião pessoal actual**. Use a escala de 1 a 5, em que:

- 1 – Totalmente em Desacordo
- 2 – Em Desacordo
- 3 – Nem de acordo nem em desacordo
- 4 – Em Acordo
- 5 – Totalmente em Acordo

Não existem respostas certas ou erradas – apenas **a sua percepção pessoal**.

	1	2	3	4	5
3.1 – A caridade é o melhor meio de ajudar as pessoas realmente desprotegidas.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
3.2 – A obediência e a disciplina são valores fundamentais para que as instituições possam funcionar bem.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
3.3 – A coisa mais importante para as crianças é aprenderem a aceitar a disciplina.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
3.4 – A pena de morte deveria ser aplicada aos crimes mais graves.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
3.5 – A Igreja permite-nos estar em contacto com Deus.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
3.6 – A descentralização do poder só serve para que ninguém seja responsável por nada.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
3.7 – A Igreja tem um papel muito positivo na definição de um modelo de vida socialmente harmonioso.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
3.8 – Um dos nossos grandes problemas é o facto de haver cada vez mais gente de raças e países diferentes a querer viver no nosso país.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
3.9 – A participação em cerimónias religiosas é importante.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
3.10 – A principal função da escola é preparar os jovens para o mercado de emprego.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
3.11 – Acções militares que desafiem o direito internacional são por vezes justificadas.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
3.12 – A única responsabilidade social de uma empresa deve ser a de dar lucro aos seus accionistas.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
3.13 – As leis não deveriam contrariar as crenças religiosas.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
3.14 – As mães devem ter carreiras, mas o seu primeiro dever é cuidar dos filhos e do lar.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
3.15 – Devemos renunciar à ilusão de que há vida depois da morte e concentrarmos as nossas energias na vida terrena.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
3.16 – É mais importante controlar o défice orçamental do que diminuir o desemprego.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
3.17 – Deus é uma mera criação do Homem.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

3.18 – Na justiça penal o castigo deve ser mais importante que a reabilitação.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
3.19 – Não deveríamos dar tanta atenção e importância aos valores culturais dos estrangeiros que vivem no nosso país.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
3.20 – Existe um poder superior que dá sentido à nossa existência na terra.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
3.21 – Todas as crianças deveriam ter educação religiosa.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
3.22 – Numa instituição é importante que se saiba quem manda e quem deve obedecer.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
3.23 – Uma vantagem significativa de um sistema de partido único é que evita todas as discussões que atrasam o progresso num sistema democrático.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
3.24 – O aborto, quando a vida da mulher não está em risco, deve ser sempre ilegal.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
3.25 – Numa sociedade civilizada deve haver sempre pessoas acima a quem devemos obedecer e pessoas abaixo que devem receber ordens.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
3.26 – Obediência é a virtude mais importante que uma criança pode aprender.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
3.27 – O país seria melhor se as pessoas seguissem, no seu dia-a-dia, as leis da Igreja.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
3.28 – O sexo fora do casamento é geralmente imoral.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
3.29 – Os estrangeiros que querem viver no nosso país deveriam ser obrigados a adoptar os nossos costumes, valores culturais e regras sociais.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
3.30 – A globalização da economia é importante para melhorar o nível de vida das pessoas.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
3.31 – Uma sociedade deve ser aberta sobre questões ligadas ao sexo, mas hoje em dia vai-se demasiado longe.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
3.32 – O consumo de drogas leves deve ser legalizado.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

IV – Avaliação de Comportamento Político

Nesta secção, pretende-se compreender o seu **grau de envolvimento** e **identificação com o sistema político**.

Por favor, responda com base na **sua experiência pessoal** e **percepção actual**. As respostas são **anónimas** e **confidenciais**.

4.1 – De um modo geral, qual o seu interesse pela política?

- Muito Desinteressado
- Desinteressado
- Nem Interessado, Nem Desinteressado
- Interessado
- Muito Interessado

4.2 – De uma forma geral, vê-se a si próprio como:

- Simpatizante do BE
- Simpatizante do CDS-PP
- Simpatizante do PCP
- Simpatizante do PSD-PPD
- Simpatizante do PS
- Simpatizante do CH
- Simpatizante do L
- Simpatizante da IL
- Simpatizante do PAN
- Simpatizante de Outro Partido
- Independente (não tem simpatia por nenhum partido)

	Extrema- Esquerda	Esquerda	Centro- Esquerda	Centro	Centro- Direita	Direita	Extrema- Direita
4.3 – Considero-me de:	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

Obrigado pela sua colaboração.

9.3. Cotação do Questionário Integrado

I – Cotação do Inventário de Personalidade

Para cada dimensão, **somar as pontuações** dos itens correspondentes (com as respectivas **inversões aplicadas** quando necessário).

Classificar a pontuação total segundo os valores **mínimos** e **máximos** correspondentes.

Dimensões e Itens Correspondentes

Dimensão	Itens	Cotação Invertida
Abertura à Experiência	3, 8, 19, 22	—
Conscienciosidade	2, 7, 15, 20, 23	—
Extroversão	9, 10, 14, 16	—
Amabilidade	5, 6, 12, 13, 17, 18	—
Neuroticismo	1, 4, 11, 21	Todos os Itens

Valores Mínimos e Máximos

Dimensão	Muito Baixo	Baixo	Médio	Alto	Muito Alto	Pontuação Baixa	Pontuação Alta
Amabilidade	6	15	24	33	42	Competitivo / Pouco cooperativo	Amável / Cooperativo
Extroversão	4	10	16	22	28	Introverso	Extroverso
Neuroticismo	4	10	16	22	28	Estável emocionalmente / Pouco reactivo	Neuroticismo elevado / Reactivo
Conscienciosidade	5	12	20	27	35	Desorganizado / Flexível	Consciencioso / Fiável
Abertura à Experiência	4	10	16	22	28	Convencional / Pouco curioso	Aberto à experiência / Criativo

Exemplo de Aplicação: o Participante X respondeu com os seguintes valores nos itens da Extroversão (9, 10, 14, 16): 3, 5, 4, 4. A soma total é de 16. De acordo com a tabela, 16 insere-se no valor «Médio».

Logo, o Participante X apresenta um nível médio de Extroversão.

II – Cotação do Inventário de Atitudes e Valores Políticos

Para cada dimensão, **somar as pontuações** dos itens correspondentes (com as respectivas **inversões aplicadas** quando necessário).

Classificar a pontuação total segundo os valores **mínimos** e **máximos** correspondentes.

Dimensões e Itens Correspondentes

Dimensão	Itens	Cotação Invertida
Autoritarismo	2, 3, 4, 6, 11, 18, 22, 23, 25, 26	—
Conservadorismo Social	8, 14, 19, 24, 28, 29, 31, 32	32
Liberalismo Económico	1, 10, 12, 16, 30	16
Religiosidade	5, 7, 9, 13, 15, 17, 20, 21, 27	17

Valores Mínimos e Máximos

Dimensão	Muito Baixo	Baixo	Médio	Alto	Muito Alto	Pontuação Baixa	Pontuação Alta
Autoritarismo	10	20	30	40	50	Anti-Autoritário	Autoritário
Conservadorismo Social	8	16	24	32	40	Progressista	Conservador
Liberalismo Económico	5	10	15	20	25	Intervencionista	Liberal Económico
Religiosidade	9	18	27	36	45	Secular / Não Religioso	Crente / Religioso

Exemplo de Aplicação: o Participante Y respondeu com os seguintes valores nos itens da Religiosidade (5, 7, 9, 13, 15, 17, 20, 21, 27): 4, 3, 3, 4, 3, 4, 2, 3, 4. A soma total é de 30. De acordo com a tabela, 30 insere-se no valor «Médio-Alto». Logo, o Participante Y é classificado como sendo consideravelmente Religioso.